

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS A. C. SIMÕES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

MAELE MOREIRA SANDES CAVALCANTI

SERTANEJAS DE NEGÓCIOS, DELMIRO GOUVEIA, ALAGOAS, 1968-2022

MACEIÓ-AL

2023

MAELE MOREIRA SANDES CAVALCANTI

SERTANEJAS DE NEGÓCIOS, DELMIRO GOUVEIA, ALAGOAS, 1968-2022

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em História.

Orientador: Prof. Dr. José Vieira da Cruz.

MACEIÓ-AL

2023

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

C376s Cavalcanti, Maele Moreira Sandes.
Sertanejas de negócios, Delmiro Gouveia, Alagoas, 1968-2022 / Maele Moreira Sandes Cavalcanti. – 2023.
154 f. : il.

Orientador: José Vieira da Cruz.
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Alagoas.
Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em História. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 132-144.
Anexos: f. 145-154.

1. Empreendedorismo - Mulheres. 2. Empreendedorismo - Delmiro Gouveia (AL). 3. Sertão. I. Título.

CDU: 94(813.5):334.772-055.2

AGRADECIMENTOS

À minha fé em Deus que, nos momentos difíceis, não me fez desistir dessa jornada.

Ao meu orientador Dr. José Vieira da Cruz, pela paciência e carinho.

Ao professor Dr. Pedro Abelardo de Santana, por sua prontidão e gentileza nos corredores da Ufal, ao empréstimo do núcleo da Arquivologia e materiais de campo.

Aos demais membros da banca examinadora, Sheyla Farias Silva e Edvaldo Francisco do Nascimento, por fazerem parte desse momento ímpar, ajudando com críticas construtivas para o enriquecimento desta pesquisa, assim como o processo de crescimento pessoal.

Aos colegas de classe do mestrado, pelo apoio. Mesmo com a distância, transmitiram força e coragem uns para com outros.

Agradeço ao programa PPGH/UFAL, aos professores e secretariado do núcleo que fizeram parte desta trajetória; ao programa de bolsas do mestrado da FAPEAL sendo bolsista por nove meses, o que foi crucial para o curso da pesquisa.

Ao José Aparecido de Moura Brito, à Tatiane Maria e Carla Janine, Krystila Andressa da Ufal/Sertão, pela companhia e debates.

Às minhas mães, Dona Dalva Sandes e Marly Moreira Sandes que descansam em Cristo, mas sempre se empenharam para com minha educação.

À minha avó Dona Lourdes Andrade Cavalcanti, feirante, empreendedora, espelho de garra na adversidade.

Ao meu tio Antônio Moreira Sandes, meu espelho de vida, garra e dedicação diária. Ensinou-me que estudar e focar são os principais caminhos para ir longe. Um pai de consideração.

Às irmãs em Cristo Vânia e Vandeci, como também aos demais que surgiram na construção desta trajetória: irmãs e irmãos da AD Brás, aos líderes Ruana Jade e o Mahatma Jade – obrigada pelas orações.

Sem mais delongas, agradeço aos meus familiares e amigos/as presentes no meu dia a dia entre a Ufal campus do Sertão – Maceió – Rio Largo – Delmiro Gouveia. Obrigada por somarem!

Obrigada, Deus!

RESUMO

Ao estudar a história de mulheres de negócios e o vasto campo de inter-relações a elas conectadas em Delmiro Gouveia-AL, entre 1968 e 2022, aproximamo-nos dos limites, possibilidades e desafios do empreendedorismo feminino no Alto Sertão do rio São Francisco. Campo transpassado por lacunas, hiatos e desertos que, por si, já justificam a importância da presente pesquisa. Em torno dessa perspectiva, foram realizadas, a partir do uso metodológico da história oral, seis entrevistas com empresárias sertanejas de atividades econômicas diferentes em Delmiro Gouveia – pisos e revestimentos, aviamentos, alimentos, festas e decorações, entre outros, e a sétima com o presidente da Câmara dos Dirigentes Lojistas (CDL). A confluência entre fontes orais, anotações no caderno de campo, dados estatísticos em *sites* institucionais e a bibliografia disponível acerca dessa temática, possibilitam conhecer uma abordagem de campo das referidas sertanejas. Para tanto, a pesquisa busca um diálogo à luz da História Social, História do Tempo Presente (HTP) e do campo de estudo das memórias. No mais, a análise desse contexto observa práticas sociais, memórias, relações de poder, identidade e ambivalências relacionadas a mulheres de negócios envolvidas na pesquisa.

Palavras-chave: Mulheres. Empreendedorismo. Delmiro Gouveia. Sertão.

ABSTRACT

Through a study of the history of business women in Delmiro Gouveia-AL, from 1968 to 2022, we gain insight into the challenges, possibilities, and limitations of female entrepreneurship in the Alto Sertão of the São Francisco River. This field is marked by gaps, hiatuses, and deserts, which highlight the importance of this research. The study conducted six interviews using oral history methodology, with women entrepreneurs from various economic activities in Delmiro Gouveia – including flooring and wall coverings, trim, food, parties, and decorations - and a seventh interview with the president of the CDL. The research draws on oral sources, field notes, statistical data available on institutional websites, and relevant literature to explore a field approach to these businesswomen. The study seeks to engage in a dialogue through the lens of Social History, History of the Present Time (HTP), and the study of memories. Additionally, the analysis of this context examines social practices, memories, power relations, identity, and ambivalences related to the businesswomen involved in the research.

Keywords: Women. Entrepreneurship. Delmiro Gouveia. Sertão.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 -.A divisão política da província de Alagoas no século XIX.....	48
Figura 02 - Revista da semana morte e palestra sobre Delmiro Gouveia 1917.....	50
Figura 03 - Diário Oficial sobre a lei 1628 - Criação de Delmiro.....	53
Figura 04 - Aniversário do Armarinho 199? a 200? (Jacira cortando o bolo).....	63
Figura 05 - Gislaine e sua filha na barraca de Crepes. 199?.....	64
Figura 06 - Trecho do livro Mulheres diamantes, 2022.....	66
Figura 07 - Pisebem ano 2000 – Estelaine na porta da loja.....	66
Figura 08 - Comércio de Delmiro Gouveia na década de 1960.....	73
Figura 09 - Feira livre de Delmiro Gouveia entre as décadas de 1970/80.....	74
Figura 10 - Antigo mercado público e traços da feira livre no centro da cidade 196?-197?...74	
Figura 11 - Croqui do centro comercial de Delmiro Gouveia na década de 1960.....	75
Figura 12 - Comemorações de 25 anos da emancipação de Delmiro Gouveia (1979).....	76
Figura 13 - Presidente Figueiredo visita Delmiro Gouveia 1982.....	77
Figura 14 - Lateral da galeria Bezerra – loja 02.....	83
Figura 15 - Feira livre após a transferência, 1992.....	106

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Perfis empreendedoras da RME – 2017.....	27
Gráfico 02 - Categoria informal, empreendedoras na RME – Etnia 2017.....	28
Gráfico 03 - Categoria MEIs, empreendedoras na RME – Etnia 2017.....	28
Gráfico 04 - Categoria MEs e EPPs, empreendedoras na RME – Etnia 2017.....	29
Gráfico 05 - Evolução da distribuição percentual dos empreendedores iniciais.....	31
Gráfico 06 - Empreendedorismo Feminino Inicial no Brasil em 2019.....	32
Gráfico 07 - Empreendedorismo Feminino por região.....	34
Gráfico 08 - Painel de Empreendedorismo Feminino, 2021; Sebrae – IV Trimestre/2021.....	34
Gráfico 09 - Donas de Negócios em relação a renda do domicílio.....	35
Gráfico 10 - Negócios informais – IRME 2017. Contexto diferente de 2022.....	36
Gráfico 11 - Mulheres Donas de Negócios em comparativo aos donos de negócios.....	38
Gráfico 12 - Sebrae Empregadores em Alagoas 2016.....	41
Gráfico 13 - Sebrae conta própria em Alagoas 2016.....	41
Gráfico 14 - Donas de Negócio em relação a gênero – Alagoas IV trimestre 2021.....	44
Gráfico 15 - Donas de Negócio – Alagoas IV trimestre 2021.....	45
Gráfico 16 - Escolaridade das Donas de Negócios em Alagoas.....	45
Gráfico 17 - Setor de atividade das Dona de Negócios.....	47
Gráfico 18 - Número de MEI 2010 – 2022.....	56
Gráfico 19 - População segundo gênero.....	56
Gráfico 20 - População e empresas optantes no SIMEI – Delmiro Gouveia-AL.....	57
Gráfico 21 - Cadastro Central de Empresas, Censo IBGE 2006-2020.....	60
Gráfico 22 - Faixa etária das mulheres na feira livre.....	107
Gráfico 23 - Etnia na feira livre segundo as negociantes.....	107
Gráfico 24 - Contribuição em órgão sindicais ou previdenciários entre as mulheres entrevistadas.....	109
Gráfico 25 - Horas trabalhadas em dia de pico pelas mulheres negociantes.....	110
Gráfico 26 - Motivações e trabalho na feira.....	111
Gráfico 27 - Maternidade e feira livre de Delmiro Gouveia-AL.....	112
Gráfico 28 - Feirantes e estado civil.....	112
Gráfico 29 - Feira livre e anos de atuação.....	113
Gráfico 30 - Escolaridade das mulheres na feira livre.....	114
Gráfico 31 - Setores ocupados pelas entrevistadas na feira livre.....	115

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Micro e pequenas empresas no desenvolvimento do País: políticas recentes de incentivo, base legal e institucional (IBGE) – 2001.....	22
Quadro 02 - Estimativa e distribuição dos ocupados por posição na ocupação.....	42
Quadro 03 - Evolução da estimativa de empregadores por sexo.....	43
Quadro 04 - Economia de Delmiro Gouveia em 1955 – IBGE/DEE.....	53
Quadro 05 - Total de empresas optantes no Simeis por município da Unidade Federativa AL – Delmiro Gouveia, 2010-2022.....	57
Quadro 06 - MEIs principais categoria/setor – Delmiro Gouveia 2022.....	59

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Taxas específicas ¹ (%) e variações ² , entre 2020 e 2019, dos empreendedores nascentes, novos e estabelecidos segundo as características sociodemográficas – Brasil – 2020.....	33
---	----

MAPAS

Mapa 01 - Localização da cidade de Delmiro Gouveia-AL.....	55
---	----

LISTAS DE ABREVIATURAS/SIGLAS

CDL	Câmara dos Dirigentes Lojistas
Covid-19	Coronavirus disease (tradução: doença do coronavírus)
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
DN	Donas de Negócios
EPPs	Empresas de Pequeno Porte
GEM	<i>Global Entrepreneurship Monitor</i> (Monitor Global de Empreendedorismo)
HTP	História do Tempo Presente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Ipea	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MEI	Microempreendedor Individual
MEs	Microempresárias
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua
TEA	Taxa de Empreendedorismo Inicial
RME	Rede Mulher Empreendedora
Sebrae	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
Simei	Sistema de Recolhimento dos Tributos Devidos pelo Microempreendedor Individual

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 HISTÓRIA, ESTATÍSTICAS E GÊNERO: O EMPREENDEDORISMO DELAS	21
2.1 A amostragem dos dados	26
2.2 Empreendedorismo feminino no “paraíso das águas”	39
2.3 O sertão delmirense: de sesmarias de Paulo Afonso à Vila Pedra.	47
2.4 Sociedade, economia e negócios: as estatísticas em Delmiro Gouveia-AL.....	55
3 AGORA QUE SÃO ELAS: SERTANEJAS EMPREENDEDORAS NO CENÁRIO DELMIRENSE	61
3.1. As águas do São Francisco e a força das empreendedoras sertanejas	68
3.2. Empreendedoras no contexto de Delmiro Gouveia: políticas, espaços, direitos e motivações	87
3.3. Empreendedorismo: entre identidades, memórias, família e capital.	95
4 AS TRAMAS INVISÍVEIS DO EMPREENDEDORISMO INFORMAL: FEIRA LIVRE.....	103
4.1. Entre facas e baldes: as negociantes verdureiras, quituteiras, peixeiras, açogueiras.....	106
4.2 Tempos de pandemia e isolamento e da Covid-19	118
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	128
REFERÊNCIAS.....	132
ANEXO 1 – CARTAS DE CESSÃO DE DIREITOS.....	132
ANEXO 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA	132

1 INTRODUÇÃO

Desde muito jovem, com 17 anos, eu já tinha interesse em entrar no âmbito comercial que hoje se realizou [em Delmiro Gouveia]. Agora [já] com 50 anos de luta. Ser uma mulher empreendedora é acreditar no seu potencial. É estar sempre presente na atividade... e [principalmente] saber discernir o momento [...]. [O papel da mulher] é muito extenso [...] [enquanto] pessoa, como mãe, como esposa, como empreendedora, como colega. Para a gente ter autoestima – que a coisa não venha a distorcer [o nosso lugar] ela venha sempre favorecer e ainda acreditar que a mulher é importante em tudo que faz [...] A gente acredita que a mulher... [enquanto empreendedora] não vai tomar o espaço do homem, mas, ela tem que agregar valores [...]. Deixar um legado... [enquanto] mulher e fazer com que as outras mulheres tenham a mesma referência, porque unindo é que [se] faz a força... quer dizer, o legado é importante... é importante. E termina sendo uma soma para a autoestima, para todas as mulheres serem independentes financeiramente (Bezerra, 2019).

A fala da Jacira Carvalho da Silva Bezerra, empreendedora da área de serviços (aviamentos, restaurantes, festas e decorações), mãe, viúva e agente política, ao seu modo, evidencia sua atenção para com os acontecimentos, mudanças e desafios do seu decurso e lugar. A sua narrativa, destacada em epígrafe, revela também uma pessoa de poucas palavras, concisa, determinada e atenta aos que estão a sua volta.

Neste sentido, uma sertaneja empreendedora, Bezerra, iniciou sua carreira em meados de 1968, enquanto perpassa um cenário político/econômico brasileiro do regime militar, assim como processos e tentativas de modernização e de crescimento econômico do país, além da emancipação política da cidade remontar a 1954. Tornar-se comerciante é um dos principais recursos contra o desemprego e melhores condições de vida para a família e a força de trabalho (Ometto, *et al.*, 1995). Destarte, a ativa comerciante em Delmiro Gouveia e em municípios circunvizinhos do Sertão de Alagoas, criou, atua e comanda um conglomerado de pequenas empresas identificadas sob a marca de Grupo Bezerra e Filhos, anteriormente o Grupo Sebastião Bezerra, o qual levou por muitos anos o nome do esposo.

A atuação de sertanejas empreendedoras, apesar de pouco estudada, revela tanto elementos do cotidiano quanto da participação feminina na dinâmica econômica, social e política da região – conceituando-a para além de espaço geográfico, ao produzir sua própria cultura, arte e identidade, que é seguido por um processo do ‘regionalismo nordestino’, que transmite definição de poder e visibilidade aos sujeitos viventes, além dos espaços de dominação e sujeições; apelidado também de sertanejos(as) – aqui disposto recorrentemente às *sertanejas* de negócios – a caracterização do termo remete à garra e luta contra os processos enfrentados diante do clima seco e árido do Sertão, que nascem ou vivem na região longe de grandes centros urbanos – perspectiva de identidade (Serra, 2022).

No que concerne aos aspectos econômicos, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), a região estudada tem aspectos agrário/rural e segue o setor de prestação de serviços, principalmente, em ramos comerciais. Observa-se, portanto, que as mulheres têm ocupado esses espaços de destaque junto à sociedade, muitas vezes, à revelia da tradição, costumes e convenções a elas impostas ou de forma sutil, habilidosa e resiliente, desenvolvendo estratégias próprias de inclusão, inserção e (sobre)vivência pessoal, social e econômica (Falci, 1997; Soihet, 1997).

Assim, pode-se dizer que o empreendedorismo das sertanejas de negócios é, ao mesmo tempo, uma categoria socioeconômica e de identidade cultural associado ao campo de estudos de gênero – conceituado aqui como um elemento construtivo de relações de diferenciação entre os sexos – que trazem associações ao poder (Scott, 2000); e raça/etnia. A compreensão do termo raça descreve relações sociais, enquanto desigualdade e hierarquia com critério de semelhança e diferença, comumente associado a padrões de disparidade nas ciências sociais evidenciado ao discutir a realidade; já a etnia é a separação por ancestralidade comum na tentativa de minimizar as questões ideológicas excludentes que fragmentaram-se por muitos séculos enquanto diferenciação das raças (IBGE, 2022); processo no qual se utilizam de interseccionalidade – elementos de classe e gênero para compreensão mútua. Além de ocupar espaços, entende-se a logicidade de opressão racial e sexual; nos quadros sociais de memória – processos que recordam ou assimilam um fato/espaço vivido, ou seja, o espaço e a memória das sertanejas e os seus negócios e seus quadros sociais, como evocou uma das entrevistadas “estou 22 a 25 anos aqui no Nordeste, já sou uma Sertaneja mesmo” (Munanga, 2004).

Em se tratando disso, nas últimas décadas, tem sido observado um alargamento do campo de estudo das/sobre mulheres empreendedoras, sobretudo, nas áreas da psicologia, administração (Gomes, 2006; Jonathan, 2011) e, poucos, também na seara da história e do fazer historiográfico (Scott, 1992; Perrot, 2005). Entretanto, mesmo com esse alargamento dos debates, nota-se que no Sertão alagoano os estudos sobre as mulheres empreendedoras ainda são ínfimos. A importância do protagonismo dessas mulheres, em concomitância à constatação dessa lacuna, justifica o desenvolvimento da presente pesquisa.

A própria ideia de um lugar de fala, de uma classe de mulheres e/ou de um poder feminino, a exemplo, além da dimensão identitária, revelam interesses diferentes, ambivalentes e conflituosos. Esses interesses, que envolvem questões de gênero, raça/etnia, religiosidade e classe social, também são perpassados por diferentes visões de mundo e de grupo de disputas locais, regionais, estaduais, nacionais e internacional (Ribeiro, 2019).

Segundo Djamila Ribeiro (2019), os feminismos plurais (aqui reconhecido enquanto as relações de gênero) demonstram diferenças, principalmente dentro da ideia de feminismo, ou seja, os interesses são múltiplos e consideram variáveis do lugar de fala de se entender ou não enquanto mulheres que se veem enquanto participantes ou não desse lugar-comum – aprofundados ainda mais pela diferença étnica. Para a pesquisadora, mesmo que seus interesses sejam ambivalentes, as falas são diferenciadas, tanto no mercado de trabalho quanto no empreendedorismo, por conta das questões de classe, étnico/raciais e/ou dos interesses econômicos, principalmente de classes de mulheres populares, conectando principalmente as mulheres de negócios feirantes.

O aprofundamento desta temática, objeto e problemática, acerca das experiências e atuação das sertanejas de negócio em Delmiro Gouveia, entre 1968 e 2022, delimita o foco da presente pesquisa. O referido recorte temporal tem início no ano de 1968, contexto de expansão e de construção de novas usinas hidrelétricas na região do rio São Francisco, entre os municípios de Paulo Afonso-BA e de Delmiro Gouveia-AL, como também, é um período de comemorações do centenário do empresário-coronel e fundador do referido núcleo urbano – Delmiro Gouveia (Maynard, 2016), e, por conseguinte, para Bezerra (2022), a figura central de Delmiro (cidade) e de destaque para evocar e espelhar ao ramo dos empreendimentos comerciais na referida localidade ou enquanto uma memória do símbolo empreendedor, o que, para Bloch (2001) é o ídolo das origens e sua impregnação de glorificação.

Vale frisar que, entre meados de 1960 e idos da década de 1970, cenário político ufanista de modernização conservadora sob os auspícios da ditadura civil-militar – lastreado pelo discurso do “Milagre econômico” –, reverberou escolhas políticas regionais através do Ato Constitucional nº 5 (AI-5), resvalando sobre a importância do crescimento comercial e urbano: nacionalmente, regionalmente e local. Nesse contexto, a narrativa da sertaneja de negócios, Jacira Bezerra, situa uma comerciante que até então exercia atividades junto a uma escola de datilografia.

Estendendo o recorte temporal ao ano de 2022, quando observados o conjunto das entrevistas realizadas em torno das experiências das sertanejas de negócios em Delmiro Gouveia, destacam-se as experiências, significados e memórias anteriores, presentes e “posteriores” ao curso da pandemia da Covid-19. Um *palimpsesto* entrecruzado de lembranças, trajetórias e percursos compartilhados pelas referidas empresárias.

A respeito disso, os primeiros contatos com as narrativas de empreendedoras sertanejas surgiram com a realização de entrevistas no curso do trabalho de conclusão da

graduação – quando estudamos empreendedorismo feminino no Alto Sertão Delmireense (Cavalcanti, 2019). A perspectiva de estudo foi ampliada a partir do diálogo historiográfico proporcionado no mestrado em História junto à Universidade Federal de Alagoas, ou seja, buscando aprofundar os significados históricos, políticos e econômicos potencializados pelas vozes dessas negociantes sertanejas, também estudadas pela literatura como mulheres empreendedoras ou empreendedorismo feminino.

Ao refletir sobre as experiências das sertanejas de negócio em Delmiro Gouveia-AL, Sertão do São Francisco, 1968-2022, surgiram algumas inquietações, dentre elas, quem são essas sertanejas de negócios? Elas se identificam como empreendedoras? Qual a visibilidade que elas possuem junto à sociedade do/no Sertão de Alagoas? Existem entre essas empreendedoras sertanejas diferentes percepções de visibilidade, poder e identidade? (Bourdieu, 2007).

Frente a essas questões, é possível evocar quatro hipóteses: a primeira, a partir dos indícios das entrevistas, de que as referidas empresárias, aos poucos, vêm construindo e se constituindo em meio aos códigos sociais (a figura da centralidade masculina, o papel da mãe e esposa) do Sertão, em um segmento social visível que é denotado através da categoria de trabalho empreendedor; a segunda hipótese sustenta que existem diferentes estratégias abarcadas por essas mulheres de negócio na ocupação dos espaços sociais, empresariais e corporativos: junto à sociedade, ao Sebrae/Delmiro Gouveia e à Câmara dos Dirigentes Lojistas (CDL) local¹; a terceira hipótese aponta para as diferentes trajetórias biográficas, identitárias e de grupos de interesses das referidas empreendedoras (Sebrae, 2021). A quarta hipótese direciona para graus distintos de percepções quanto a de visibilidade e influência por cada uma entrevistada.

Diante disso, imersa no campo de ofício de uma historiadora, utilizo o que Bloch (2002) sugeriu num momento posterior de observação histórica, ou seja, o tempo que sucede o acontecimento/fato/testemunho histórico, enquanto registro das ações humanas no tempo. Dessa forma, “a partir do momento em que não nos resignamos mais a registrar simplesmente palavras de nossas testemunhas, mas sim a partir do momento em que

¹ A primeira CDL foi fundada na década de 1960 para apoio e crescimento comercial brasileiro, já a Câmara dos Dirigentes Lojistas de Delmiro Gouveia-AL de CNPJ 12.949.343/0001-86, foi fundada em 26/04/1988, na cidade Delmiro Gouveia no estado Alagoas. Sua atividade principal, conforme a Receita Federal é 94.30-8-00 - Atividades de associações de defesa de direitos sociais. Em atividade 36 anos na região. O presidente entrevistado no período foi Domingos Sávio Carvalho Bezerra, também filho da empresária Jacira Carvalho da Silva Bezerra, entrevistada. Disponível em: <https://cnpj.linkana.com/cnpj/CAMARA-DE-DIRIGENTES-LOJISTAS-DE-DELMIRO-GOUVEIA---AL/12949343000186>. Acesso em: 29 mar. 2023.

tencionamos fazê-las falar” (Bloch, 2001, p. 78), por conseguinte, externam os significados de suas vivências (Alperstedt; Ferreira; Serafim, 2014).

Assim, não basta coletar dados, mas, sobretudo, formular perguntas que ajudem a constituir um fio condutor do fazer historiográfico e social. Em outras palavras, “tudo que o homem [e a mulher] diz ou escreve tudo o que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele[a]” (Bloch, 2001, p. 79).

Neste sentido, a análise das falas – evidenciadas a partir de memórias presentes, seletivas e transpassadas de sentimentos, por meio das seis entrevistas realizadas com as empresárias e a sétima entrevista com um empresário presidente da CDL, traz pontos-chaves no estudo das experiências, trajetórias e biografias destas sertanejas e do contexto econômico, sociocultural e histórico.

Parte do pressuposto de que empreendedoras sertanejas são sujeitas da sua história e estão enlaçadas em uma teia de significados (Geertz, 2008), por mais que as desigualdades de condições e de papéis se façam presentes, persistentes e convencionados (Thompson, 1998). Não obstante, essas desigualdades, as mulheres, empreendedoras ou não, possuem diferentes estratégias de se inserirem e/ou se relacionarem socialmente – apesar das violências físicas, simbólicas e/ou sociais a elas deferidas. Em outras palavras, e em sentido metafórico, elas encontram formas de (sobre)viverem entre os lobos.

Sob essa perspectiva, o empreendedorismo feminino compreende e incorpora os desafios sociais e econômicos, ou seja, lida com iniciativas, oportunidades e realidades empreendedoras sob o comando de mulheres que desenvolvem atividades por “conta própria”, não obstante barreiras e convenções impostas a sua condução de gênero, étnica e de classe que não separam, muitas vezes, a mulher empresária/empreendedora da mãe/cuidadora e esposa.

A respeito disso, a pesquisa de Cristiane Gomes de Souza (2019), da área da linguística, evoca as condições distintas entre os empreendedores e empreendedoras, através da análise do discurso de entrevistas realizadas. Os discursos analisados observam que lideranças femininas bem-sucedidas não dependem diretamente de órgãos de classe e explicita uma maior sobrecarga nas jornadas de trabalho das empreendedoras, em relação aos homens nas mesmas condições. Ao analisar as estruturas discursivas, Souza (2019) realizou diálogos com os estudos de gênero, classe, economia, invisibilidade e identidade, pontos necessários no diálogo com a História Social e a História do Tempo Presente.

A história social define-se enquanto um campo de estudo das “estruturas e mudanças da sociedade, sobretudo, da relação entre classes e grupos sociais” (Hobsbawm, 2013, p.

108). Em outros termos, sobre o que permanece e o que se transforma socialmente, ou seja, pelo “que temos que explicar” e pelo que é reconhecido por parte da sociedade acerca do passado e do presente histórico (Hobsbawm, 2013).

Nesse sentido, a História do Tempo Presente (HTP) acaba corroborando com a reflexão. Segundo Chaveau e Tétart (1996, p. 36): “consiste, portanto, em interrogar a história a fim de propor novos dados que aumentarão sua capacidade de explicitação e de sugestão”. Articulado aos estudos da HTP, o uso metodológico da história oral e das fontes digitais disponíveis permitem adentrar nesse universo das sertanejas empreendedoras.

A história oral, enquanto metodologia, além de suprir a necessária disponibilidade das fontes escritas (jornais impressos, documentos oficiais, entre outros), configura-se como um método investigativo importante para descortinar o tema, o objeto e fontes a ele associado, em particular, nas cercanias do Sertão de Alagoas (Cruz, 2013). Assim, enquanto um processo dialógico, articulado pelo entrevistador/pesquisador junto à entrevistada/partícipe da pesquisa, a referida metodologia estabelece um caminho para coleta, registro, análise e diálogo entre o campo da memória – captada e selecionada a partir de um dado presente, e o fazer-se do ofício do(a) historiador(a), como bem propuseram Meihy e Holanda (2007). Neste sentido, para Ricoeur (2007, p. 170), a valorização da memória é importante, na medida em que os testemunhos inauguram “um processo epistemológico que parte da memória declarada, passa pelo arquivo e pelos documentos e termina na prova documental”.

Sendo assim, o uso da história oral é importante para a construção desta pesquisa. A partir dela, será possível analisar o discurso das sujeitas sociais em estudo. Portanto, como afirma Rovai (2017, p. 12): “não [se] trata apenas de fugir do teor oficial das fontes produzidas pela versão masculina, nem tão pouco significa ‘dar voz’ às mulheres silenciadas social e historicamente”, trata-se de afirmar um ato sociopolítico de ética, de escuta e que abre novas entonações para a história social das sujeitas.

De tal modo, uma escrita histórica sobre o empreendedorismo de sertanejas em Alagoas configura-se como um fio condutor para compreender as relações de gênero, etnicidade e poder nos limites e nas possibilidades do Sertão, no seu fazer sócio-histórico, entre 1968 – quando essa região, além do convívio com a seca, o patrimonialismo e o latifúndio, também passa a conviver com a dinâmica dos complexos hidrelétricos resultantes da expansão das usinas de Paulo Afonso e, sobretudo, da construção da Usina de Xingó (Nascimento, 2019) –, e 2022 – mediante as mudanças na estrutura da valorização imobiliária provocada pela expansão e interiorização do Ensino Superior, crescimento

econômico regional e dos reveses, adaptações e desafios impostos pela pandemia e pelas crises políticas e econômicas (Andrade; Ramazzine; Colombo, 2020; Massmann; Piris, 2021).

Dentro dessa perspectiva, a presente pesquisa analisa o discurso de empresárias sertanejas, de setores econômicos distintos, a saber: i) Estelaine Crisóstomo de Jesus (Pisos e Revestimentos); ii) Jacira Carvalho da Silva (área de alimentos, festas, decorações e armarinho); iii) Gislaine Alves da Silva (campo da educação, empreendedora e empresária do ramo alimentício); iv) Maria Fabiana dos Santos Alves (festas e decorações, policial militar); v) Kelma dos Santos Cabral de Melo (distribuição de sanduíches naturais); vi) Olga Rodrigues de Mendonça (distribuição de atacado e varejo de verduras); Domingos Sávio Carvalho Bezerra (presidente da CDL 2019 – abril de 2023). Assim como, realizou entrevistas com empresários associados à CDL de Delmiro Gouveia no intuito de traçar um diálogo sobre a percepção destes em relação a elas, as mulheres de negócio, e vice-versa.

A escolha das entrevistadas foi realizada ainda nos corredores da Universidade do *Campus* do Sertão, na graduação, com conversas informais entre colegas, professores, que apontaram possíveis entrevistadas, as primeiras escolhas do tema, quem seriam as possíveis sujeitas entrevistadas. Algumas delas foram elencadas pelo destaque social na região, ou até mesmo pela indicação de outras entrevistadas (no curso das primeiras entrevistas). Foi o caso de Olga, mencionada por outros feirantes e colega da graduação, mas somente entrevistada no mestrado; a Jacira que possuía diversos empreendimentos, a qual tinha uma participação social e econômica de destaque na região; a Itala Kelma, que tinha um destaque inicial como ambulante, também conhecida por ser uma das pioneiras no ramo de atuação, já que fazia seu negócio inicial porta a porta do Centro e feira livre; a Maria Fabiana, que também teve sua escolha diante do pioneirismo de uma loja para manutenção, voltadas ao ramo elétrico em uma cidade de pequeno porte, e se tornou conhecida em toda a região; a Estelaine, que foi a indicação de outra entrevistada na graduação (Maria Vania Araújo) sobre a importância de mulheres líderes; a Gislaine também não foi ao contrário. Mulheres que têm influência, destaque social e econômico, bem sucedidas, o que ponderou na escolha delas. Não partimos para ramos mais populares e comuns (ramo da beleza, por exemplo), mas, todavia, podem ser levantados em novas pesquisas.

A pesquisa também está fundamentada por dados oficiais junto a arquivos institucionais, sejam de instituições públicas e/ou de organizações sociais de classe, tais como: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Governo de Alagoas, Prefeitura de Delmiro Gouveia, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae),

Câmara dos Dirigentes Lojistas (CDL), Secretaria de Estado de Planejamento, Gestão e Desenvolvimento/Seplag (Barros, 2020).

A partir das fontes delimitadas e do debate teórico e metodológico anunciado, esta pesquisa está estruturada em cinco seções. Na primeira seção, ou introdução, delimitamos o tema, objeto de estudo, problema, hipóteses, objetivos, historiografia, fontes e definição de seções. A segunda seção, intitulada *Entre história, estatísticas e gênero: empreendedorismo feminino*, refere-se ao recorte estatístico acerca do empreendedorismo feminino nacional, estadual e local. A terceira seção, intitulada *Agora que são elas: sertanejas de negócios*, analisa as negociantes, empresárias e empreendedoras entrevistadas, a partir de suas trajetórias biográficas, mediadas pelo cenário social, econômico, políticos e migratórios que envolvem a região, assim como diferentes cenários onde atuam. A quarta seção traz um pouco do empreendedorismo informal das feirantes em Delmiro Gouveia, principalmente através da coleta de dados de forma qualitativa, e na segunda parte retomam de maneira mais ampla o impacto da pandemia da Covid-19 (SARS-Covid) na região delmireense para as empreendedoras.

2 HISTÓRIA, ESTATÍSTICAS E GÊNERO: O EMPREENDEDORISMO DELAS

O empreendedorismo pode ser observado por diversas óticas, ou seja, o seu processo traz variações temporais no conceito, transformando quase que radicalmente a área que está enredada (economia, administração, psicologia e nas demais ciências sociais), podendo ser compreendida em processos econômicos, dialéticos, sociais e históricos. O empreendedorismo se apresenta, desse modo, como uma categoria polissêmica (sentidos múltiplos), e que se adequa de acordo com os contextos e realidades de quem a vive.

Diante de tantos campos e intangibilidade, o empreendedorismo atualmente pode ser colocado enquanto uma categoria de trabalho – o empreendedorismo feminino e relações de gênero, ainda mais se comparado a um trabalho assalariado e aos aspectos de escolha da ocupação (Giraldin, 2022).

Baseados no modelo da estabilidade e pura busca pela satisfação das necessidades pessoais, os pressupostos que guiam a atividade empreendedora no pensamento neoliberal não deixam de obter ganhos. Não se tratam de lucros obtidos pelo investimento de capital no que já vem sendo produzido, e sim os ganhos decorrentes da incorporação de mais pessoas e coisas no âmbito das trocas capitalistas. Daí as propostas de empreendedorismo não sugerirem a otimização de uma produção para um mercado em equilíbrio, mas a abertura de novos mercados. O empreendedor é, em grande medida, um agente de ampliação do alcance dos mercados e não necessariamente quem mais vai lucrar neste mesmo mercado (Giraldin, 2022, p. 78).

Em contraponto, a crítica mais ferrenha sobre o processo de empreendedorismo é de Harvey (2004, p. 33). Para ele, o ato de empreender acompanha a transformação do trabalho, sobretudo, pelo sistema neoliberalista, o que “invocou "os espíritos animais" do empreendedor e as expectativas dos financistas como elementos cruciais para o vigor e a viabilidade do capitalismo”, as noções de liberdade, autonomia e livre mercado que traz como principais bases para quem se lançam enquanto empreendedor(a).

A constituição desse contraponto se torna importante para noções que a geografia urbana e econômica das construções leva às contradições sociais. Assim, dentro do próprio empreendedorismo feminino coexistem práticas desiguais de maior e menor investimento, bem como de reconhecimento social do que é ser dona do negócio e/ou empregada.

Pode-se destacar mudanças de leis e algumas implementações para que o empreendedorismo ganhasse formas no Brasil, assim como de classes econômicas com algum capital para investimento (IBGE, 2003). No que diz respeito a incentivos na base

legal e institucional, a amostragem do IBGE demonstrou principais fatores para o incentivo ao processo de pequenas e micro empresas (Quadro 01):

Quadro 01 – Micro e pequenas empresas no desenvolvimento do país: políticas recentes de incentivo, base legal e institucional (IBGE) – 2001

1980	Redução do crescimento da economia, maior taxa de desemprego, assim os pequenos negócios passaram a ser considerados uma alternativa para a ocupação da mão de obra excedente, fazendo surgir, ao final da década, as primeiras iniciativas mais concretas para incentivar a abertura de micro e pequenas empresas na economia.
1984 1988	(Lei nº 7.256, de 27 de novembro de 1984) assim como a inclusão das micro e pequenas empresas na Constituição Federal de 1988, iniciando condições diferenciadas para pagamentos de impostos.
1990	CEBRAE* – criado em 1972, transforma-se em Sebrae** 1990 (AMPLIANDO ATENDIMENTO E SUPORTE) de estatal passa a ser de cunho privado, mas tem apoio/parceria governamental/Órgão para aumento da competitividade de mercado. Criação de linhas de créditos especiais BNDES, Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil.
1996	Integração no pagamento de impostos de micro e pequenas empresas – SIMPLES (Sistema Integrado de Pagamentos de Impostos e Contribuições das Microempresas e das Empresas de Pequeno Porte).
1990	Programas voltados para capacitação, incentivo e treinamentos para micro e pequenas empresas junto ao governo federal, órgãos de classe e agentes financeiros.
*Centro Brasileiro de Apoio à Pequena e Média Empresa (1972) **Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (1990)	

Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados do IBGE (2023).

Ao observar os dados entre os anos 1980-1990, no Quadro supracitado, notam-se as mudanças econômicas, políticas, sociais, no cenário brasileiro, sobretudo, os trabalhos de classes assalariadas que sofriam com quedas significativas, processos de privatização, cortes nos gastos públicos (caso que aconteceu com o Cebrae); com essas demandas, tornou-se quase que imediato o processo de novos negócios autônomos na prestação de serviços de micro a pequeno porte, no qual não precisava de tanta manutenção, nem muitos investimentos (mas que ainda assim possuía um capital para investir quando comparadas a empresas de grande e médio porte).

No entanto, com o crescimento econômico privado ao passar dos séculos, o papel do empreendedorismo ou história empresarial, como denominada por alguns escritos similares, a exemplo da historiadora Eulália Lobo (2011), em *História empresarial*, cria um panorama ambivalente dos termos empresarial e empreendedorismo, seja pelo caráter inovador ou

prática comercial da venda de mão de obra, seja enquanto um agente que gera novos negócios e movimentos da economia sobre moldes da “inovação dos empresários”. O ato de inovar e investir em algo para si são análogos ao empreendedorismo e ao empreendedor(a), empresas/negócios, bem como os teóricos que dão formas aos escritos, para delimitar a obtenção de lucro pelo capital privado e autônomo².

Contudo, o conceito de empreendedorismo se sobressai às ciências econômicas, por receber nomes distintos, a depender da área de estudo e temporalidade da escrita (momentos em que o empresário é visto como empreendedor, pessoa dos negócios, negociante, ou dona de negócios). Apesar das pluralidades do termo, averigua-se o viés de centralidade, as críticas sociais e marxistas ao sistema da crise do capitalismo e sua reestruturação ao incentivarem cada vez mais a abertura de pequenos negócios, processo de exploração que vai além do procedimento de outorga de liberdade, mas sim de sujeitar cada vez mais a empreendedora com a exploração massiva do seu tempo de trabalho. Esta ótica tende a ter diálogos importantes com a pesquisa nas seções 03 e 04 desta pesquisa, e podendo ser balizada pelo materialismo dialético de Tavares (2018, p. 108):

Ora, à semelhança do trabalhador informal, a atividade do empreendedor é regida pela lei do valor, como de resto quase todas as relações na sociedade capitalista. Aparentemente, o sujeito trabalha para si mesmo, o que significa não ter um empregador. Contudo, submetido ao mercado, cujas regras são inflexíveis, o sujeito empreendedor tem o pior dos patrões.

O empreendedorismo, na perspectiva do materialismo dialético, diz respeito à contradição de não liberdade ao sistema desse capitalismo e sua opção de empreender. Então, para além da exploração e venda de sua mão de obra/ideia, ele é dado como um processo que se torna um “trabalho informal” solução ao desemprego, alinhados ao interesse do Estado e capital. Ao tornar-se seu próprio patrão e empregado, muitas vezes (o que acontece nos pequenos negócios), o faz emergir, na tentativa de mudança de classe social; essa autônoma não deixa de ser trabalhadora e sua autogestão não freia a frenética produção, mas a torna em constante trabalho e exploração de si mesma.

Apesar de o materialismo ser um ponto, ele não responde as relações sociais e os processos identitários para além da produção de objeto, porém, a maneira que a pessoa traz para si, moldes e comportamentos de interação de objeto e consumo assumem espaços em comunidades paralelas e arranjo espacial, quando falado de pequenos negócios.

² O termo de história empresarial quando se analisam os escritos e a utilização análogos de teóricos economistas e sociais – quanto a Schumpeter. Comparado aos escritos de Valentim e Peruzzo (2017).

Contudo, as práticas da história social evidenciam tais aspectos da grande diversidade e do reconhecimento das camadas com menos capital de investimento. Ao se colocarem enquanto empreendedoras/negociantes, eclode uma cultura não linear das sujeitas, bem como as diferenças em poderes, visibilidade e plurais identidades (Fenelon, 1993).

Ao acentuarmos a ideia de que a história social trata mais da experiência do que da ação e tem preferência pelos documentos humanos, reconhecemos os riscos de nos afastarmos da compreensão da sociedade em seu conjunto para evidenciar o nível do indivíduo, ou dos membros de grupos sociais em particular, contribuindo assim para uma maior aproximação do psicológico mais do que do social (Fenelon, 1993, p. 83).

Para Fenelon (1993), o processo das análises das fontes e as metodologias escolhidas tangem mais a experiência da ação e, por documentos, podem causar um afastamento entre o conjunto social e individual, aceitando os riscos, além da conceituação, que na verdade são problemas – estes não analíticos –, mas ainda não compreendidos “a História Social ofereceu a possibilidade de substituir perspectivas exclusivamente lineares de uma história contínua e factual, proporcionando ocasião para o surgimento de propostas de estudos temáticos nem sempre entendidos” (Fenelon, 1993, p. 76).

Diante disso, surge também a categoria de trabalho do empreendedorismo feminino, que tem tido uma maior repercussão a partir da segunda metade do século XX. Essa constatação é observada em produções acadêmicas de cunho econômico, em particular, sobre o aumento da mão de obra feminina no mercado de trabalho (Vintges, 2020). Essa não inserção das mulheres aos mercados de trabalhos (plurais) remonta, historicamente, às divisões e os espaços ocupados, o que para a historiadora Joan Scott (2000) depende do gênero para analisar os processos socioculturais e as relações de poder:

O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único. Como elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os sexos, o gênero implica quatro elementos relacionados entre si: primeiro – símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas (frequentemente contraditórias) – Eva e Maria, como símbolo da mulher, por exemplo, na tradição cristã do Ocidente, mas também mitos da luz e da escuridão, da purificação e da poluição, da inocência e da corrupção. Segundo – conceitos normativos que colocam em evidência interpretações do sentido dos símbolos que tentam limitar e conter as suas possibilidades metafóricas (Scott, 2000, p. 20).

Assim sendo, quando as mulheres criam seus negócios ou estão à frente deles, não só realizam uma atividade econômica como também provocam a reconstrução/redefinição de relações socioculturais, identitárias. Logo, é possível afirmar que o empreendedorismo feminino, quando observado pela análise de gênero, une processos de exploração econômica, processos de sobrecarga de trabalho, artifícios das relações de poder entre família, relacionamentos, espaço de trabalho.

A agenda neoliberal inclui a mulher no mercado de trabalho, porém trata-se, sobretudo, de trabalhos precarizados e mal pagos. E é exatamente a sobrecarga de trabalho doméstico imbuída às mulheres que faz com que elas acabem aceitando, mais por necessidade que por desejo, empregos secundários, no que tange aos serviços de caráter reprodutivo (Vazquez; Falcão, 2019, p. 385).

Na falta de melhores oportunidades de trabalho ou até mesmo nesse processo de autonomia, as mulheres, ao objetivarem novos negócios, tomam para si “o potencial empreendedor”, mas diferente do que se é divulgado e relegado uma categoria e espaço de oportunidades distintas, entre os espaços e a realidades, o que inviabiliza tal universalidade à classe empreendedora feminina.

Nesse sentido, são viabilizados pesquisas e projetos para manutenção e cursos voltados para a classe de mulheres empreendedoras, a exemplo desses órgãos temos o GEM (*Global Entrepreneurship Monitor*), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), Rede Mulher Empreendedora (RME), serviços governamentais ou coligado ao governo: IBGE, Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

De maneira geral, os dados são realizados com um alvo específico de pessoas atuantes, declarantes com inscrições de Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ); também, segundo a receita federal e o vínculo empregatício (elaboração dos dados gráficos atuais do processo de empreendedorismo) ou pesquisas nacionais de amostragem por domicílio (o caso do IBGE) com a atualização do censo demográfico anual, no qual lançam os dados de maneira comparativa para a formatação estatística. Vale ressaltar que, para cálculos oficiais, o IBGE utiliza para projeção demográfica as clivagem de sexo, idade, etnia, ocupação, salário, posição domicílio (IBGE, 2018).

Há ainda pesquisas privadas realizadas por organizações não governamentais (GEM, Sebrae, Ipea, DIEESE), que atuam na capacitação de mulheres que queiram se inserir no mercado de trabalho em tal categoria, que utilizam pesquisas e dados já dispostos de órgãos

e instituições filiadas, o que diferem para o processo do cálculo de quantificação e distribuição percentual – é o exemplo da Rede Mulher Empreendedora (RME).

A RME – criada por uma publicitária, pesquisadora de gênero e empreendedora de origem alagoana, é de cunho privado e se caracteriza enquanto uma rede de apoio ao empreendedorismo feminino de âmbito nacional. Vale salientar que contam com aliados de grandes grupos privados: Itaú, Ambev, Santander, Google org., Ultra, Sodexo etc. Servem enquanto investidores para que as pesquisas sejam lançadas e tenham maior repercussão para implementação, o que gera um dado empreendedorismo social – este que pode ser caracterizado por ações na saúde, emprego, meio ambiente e direitos humanos (a prática da “filantropia social” dado ao livre mercado e os seus frutos)³.

Outro ponto que deve ser destacado ao observar alguns órgãos de classe nas pesquisas e seus dados em gráficos, relatórios, dando ênfase sobre o empreendedorismo feminino (Sebrae), é o termo: Donas de Negócios (DN). Segundo o Sebrae, o DN é o empregado em relação às mulheres empreendedoras ou às mulheres empregadoras com ou sem CNPJ e que possuem ou não funcionários, que trabalham para si com ou sem sócias, também chamadas de trabalhadoras por conta própria, que não possuem empregados e possuem ou não CNPJ.

2.1 A amostragem dos dados

Antes das amostragens, torna-se necessário que os dados, tanto das categorias dispostos pelos órgãos quanto para análise das amplas subcategorias para a distinção do empreendedorismo, contemplem diferentes clivagens, parâmetros e base de dados. O primeiro órgão analisado sobre os termos/critérios/dados é o Rede Mulher Empreendedora (RME, 2017), que trazem enquanto categoria de análise as possíveis empreendedoras; negociantes informais (aquelas que não contribuem para previdências social ou sindicatos da classe); MEI ou micro empreendedora individual que deixa de ser apenas uma autônoma informal e tem a figura jurídica através da legalização na figura da pequena empresária assim como benefícios da seguridade social e menores taxas tributárias; ME ou micro empresa é a classificação de pequenas empresas tanto de caráter individual quanto jurídico (pagam menos impostos)

³ RME. <https://rme.net.br/programas/parceiros/> Acesso em: 08 set. 2022.

Pensar as mulheres e o trabalho enquanto categorias universais é um desafio, pois ambas estão atravessadas por disparidades e singularidades, a exemplo de dados analisados pela RME, em 2017, a partir de uma amostra de 800 entrevistas analisadas por percentual dado (cálculo base: $\text{parte} \div 100 \times \text{todo}$) de todo o Brasil (pesquisas que costumam ser realizadas virtualmente com associadas e um questionário fechado) (Gráfico 01).

Gráfico 01 – Perfis empreendedoras da RME – 2017

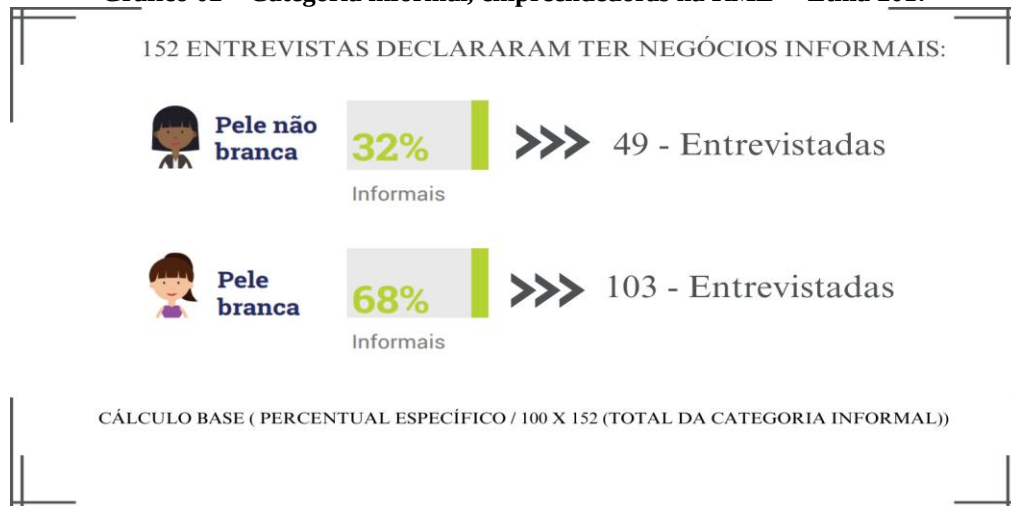


Fonte: Replicado da Rede Mulher Empreendedora (RME, 2017, p. 8).

As mulheres estão identificadas na proporção de Microempreendedoras Individuais (MEIs) 35%, ($35 \div 100 \times 800$), igual a 280 mulheres. É bem maior que empreendedoras com Empresas de Pequeno Porte (EPPs), que são apenas de 09%, ($09 \div 100 \times 800$), somando apenas 72 mulheres. O número de Micro Empresas (ME) das entrevistadas estima-se em 27%, que equivalem a 216 mulheres, levando em estimativas de entrevistas realizadas. É sugerido que as mulheres estão buscando cada vez mais apoio em redes de apoio (ou sendo incentivadas a participarem), assim o percentual de empreendedoras informais é em torno de 19% ($19 \div 100 \times 800$), o valor em números chegam a 152 mulheres, a categoria outros 5% ($5 \div 100 \times 800$) somados e planejando empreender 5% ($5 \div 100 \times 800$) somadas alcançam 80 mulheres, que totalizam 800 entrevistadas.

Na categoria de trabalho empreendedor informal alcançou 152 mulheres, sendo de pele branca ocupam 68% ($68 \div 100 \times 152 = 103$) da informalidade contra 32% ($32 \div 100 \times 152 = 49$) de pele não branca e majoritariamente pardas (Gráfico 02).

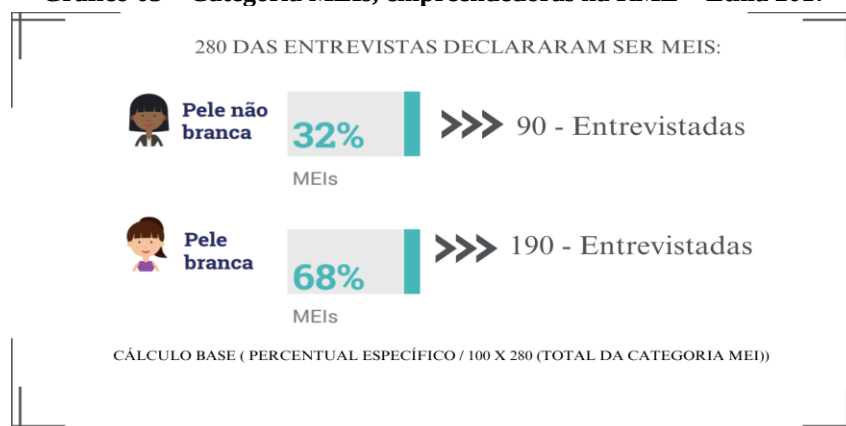
Gráfico 02 – Categoria informal, empreendedoras na RME – Etnia 2017



Fonte: Replicado da Rede Mulher Empreendedora – RME (2017, p. 8).

De acordo com o Gráfico 03, 68% ($68 \div 100 \times 280$) das MEIs são brancas, seguido de 32% das negras e pardas ($32 \div 100 \times 280$). A categoria de trabalho das Microempreendedoras Individuais é observada de maneira individual, algo que implica em maior número das optantes de empreendedorismo, principalmente, por serem as que pagam menos juros/impostos de maneira jurídica ao formalizar seus negócios, bem como por possuírem um capital menor declarado, além do limite de contratação (até um funcionário por MEI), quando comparado às categorias (MEs e EPPs).

Gráfico 03 – Categoria MEIs, empreendedoras na RME – Etnia 2017

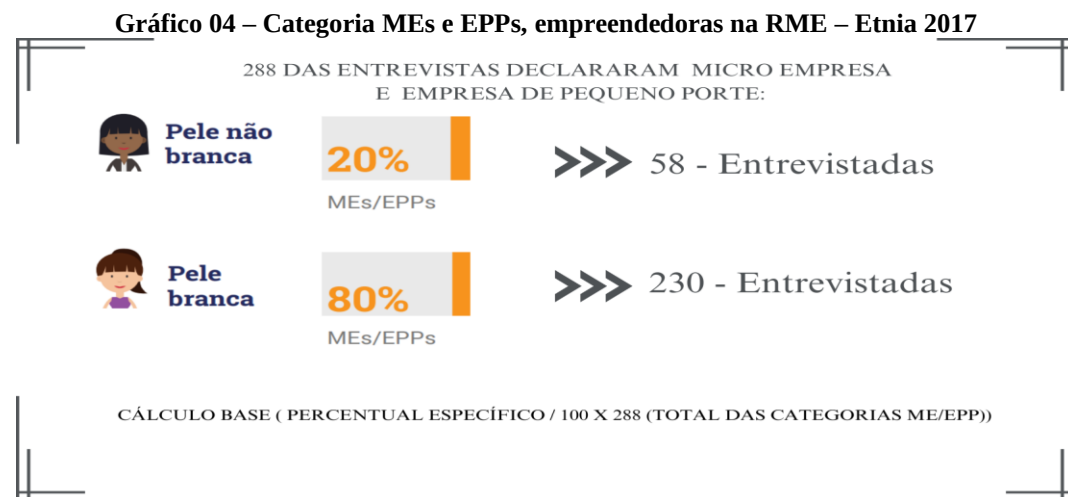


Fonte: Replicado da Rede Mulher Empreendedora – RME (2017, p. 8).

Vale ressaltar que a criação da MEI (regulamentação para o trabalhador autônomo e a sua tributação é regida pelo Simples Nacional), criado no governo do Partido Trabalhista (PT), em 2008, como um projeto da figura jurídica para incentivar trabalhos formais dos autônomos que:

Para tirar mais de 10 milhões de brasileiros da informalidade, o governo criou uma nova figura jurídica, o Empreendedor Individual ou Microempreendedor Individual (MEI). A criação do MEI foi estabelecida pela Lei Complementar nº 128, de 19 de dezembro de 2008. Até pouco tempo, os empreendedores brasileiros não eram contemplados pela legislação. Não existia uma lei específica que estimulasse ou trouxesse benefícios individuais, além dos micro e pequenos empresários [...] tudo começou a mudar em 2006, com a aprovação do novo Estatuto das Micro e Pequenas Empresas, que instituiu uma série de estímulos ao empreendedorismo (Oliveira; Forte, 2014, p. 28).

Nas últimas categorias empreendedoras analisadas da RME, as MEs e EPPs que somam 288 entrevistadas, nota-se que uma quantidade expressiva de mulheres brancas 80% ($80 \div 100 \times 288 = 230$) das MEs/EPPs e mulheres pretas/pardas 20% ($20 \div 100 \times 288 = 58$). É possível concluir, a partir do exame dessa amostragem (Gráfico 04), que o número de mulheres brancas ocupa maior proporção, tanto no mercado formal quanto informal, bem como maior proporção dentre as MEs/EPPs (RME, 2017, p. 8).



Fonte: Replicado da Rede Mulher Empreendedora – RME (2017. p. 8).

Outro dado que chama a atenção no infográfico, é a nomenclatura utilizada pela Rede Mulher Empreendedora (RME) para mulheres de pele não branca, ou seja, não traz uma definição clara para as mulheres autodeclaradas pretas, pardas, amarelas, indígenas e outras. Esse tipo de categorização faz com que os dados terminem por não priorizar as mulheres não autodeclaradas a partir de um subterfúgio semântico – forjando a ideia da outra e da branca.

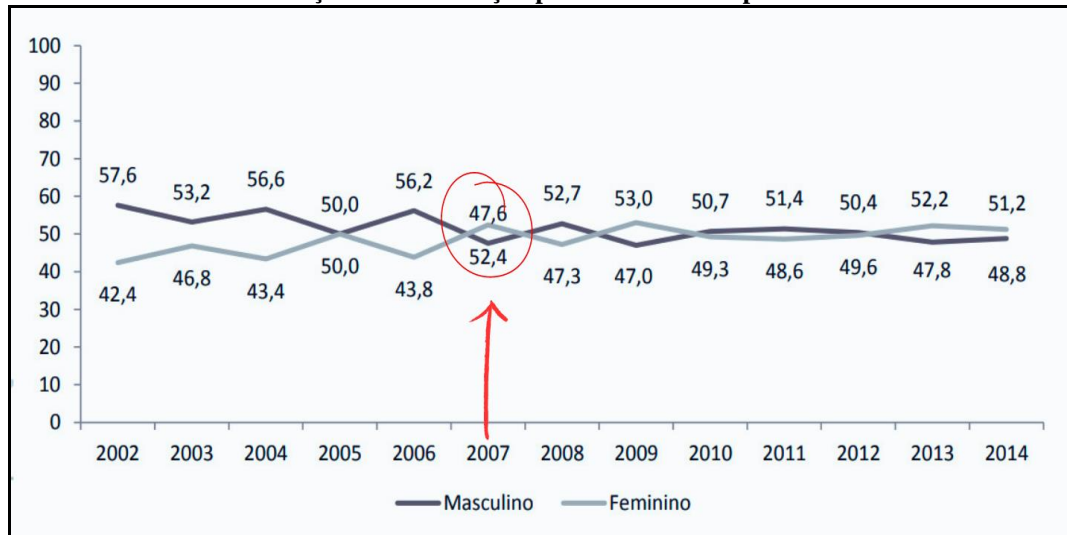
Considerando as informações supracitadas, percebe-se que os números são menores à informalidade entre as entrevistadas, em relação a outros dados coletados (GEM; Sebrae; PNAD) que levam em conta percentuais maiores de entrevistadas; pertinentemente, as

informações e as redes de parcerias formadas pela RME, assim como as repostas dos questionários aplicados, levam a uma menor disparidade em respostas informais, ou seja, mulheres que estão em redes de apoio costumam ser incentivadas ao processo de formalidade dos negócios, para que seus direitos aos programas governamentais sejam estabelecidos (Brasil, 2022).

Segundo a *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) ou, na tradução literal, “Monitoramento do empreendedorismo global”, que iniciou em 1999, “por meio de uma parceria entre a London Business School, da Inglaterra, e o Babson College, dos Estados Unidos”⁴, o objetivo foi traçar quadros/pesquisas do empreendedorismo global e as transformações das economias a partir do processo empreendedor administrativo, econômico e social. Vale ressaltar que os relatórios trazem a participação do Brasil a partir de 2002, ano marcado por eleições presidenciais (saída do Fernando Henrique Cardoso e início do mandato de Luiz Inácio Lula da Silva, em janeiro de 2003), o grande impacto da inflação 12,5% e desvalorização do câmbio, a taxa de desemprego apontava 9% (Balassiano, 2018).

Diante dessas mudanças econômicas e políticas, ao observar o GEM de 2007 e as produções sobre o empreendedorismo feminino no Brasil – ocupado por 52,04% das mulheres, enquanto a estimativa de homens decaiu nesse ano específico para 47,06%; em anos anteriores (2002–2006), a estimativa de homens era maior (TEA – Taxa de empreendedoras iniciais e TEE – Taxa de empreendedoras estabelecidas). Ao externar a importância das mulheres que estão à frente de pequenos e médios negócios – outro parâmetro em crescimento são as MEIs, empreendedoras iniciais, comerciantes formais e informais, já que estão em processos, tanto de consolidação econômica quanto de expansão no mercado, processos importantes para que os negócios não venham a fechar em um curto espaço de tempo (Gráfico 05) (Andreassi *et al.*, 2014).

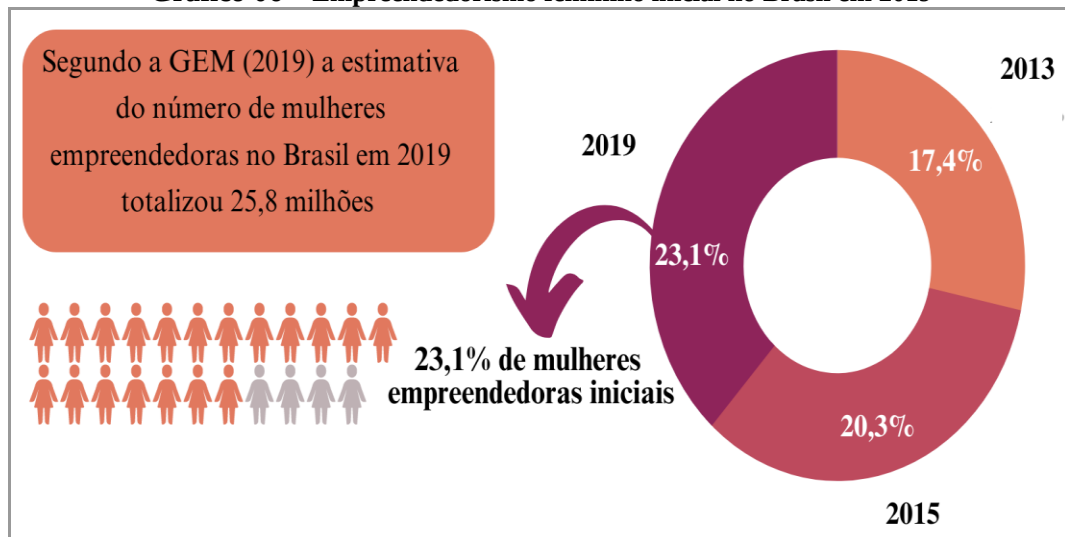
⁴ IBQP. GEM. Disponível em <https://ibqp.org.br/gem/>. Acesso em: 08 out. 2022.

Gráfico 05 – Evolução da distribuição percentual dos empreendedores iniciais

Fonte: GEM Brasil (2014).

Em contrapartida, ao analisar os dados estatísticos da GEM, referentes aos anos de 2013, 2015 e 2019, é possível identificar o crescimento do número de mulheres empreendedoras iniciais (Taxa de Empreendedores Iniciais – TEA). Estas podem ser classificadas como pessoas que iniciam um negócio formal ou informalmente em período inferior a 3,5 anos, ou seja, não estabilizadas no mercado (Matos *et al.*, 2013; Macedo *et al.*, 2014; Greco, 2020; Sebrae, 2021).

As empreendedoras, estabelecidas em 2019, tiveram uma estimativa de 9,7 milhões; já o número de empreendedoras iniciais, segundo o GEM, foi de 16,1 milhões; ou seja, as empreendedoras estabelecidas com mais de 3,5 anos no mercado caem quase para a metade, quando se compara as que estão iniciando seus negócios. Toma-se em conta que o empreendedorismo inicial (empreendedoras com menos de 3,5 anos no mercado) está em execução, ou para ser posto em prática (meta de iniciar o próprio negócio, podendo ainda trabalhar para outras pessoas). Nem todas as empreendedoras iniciais estão desempregadas, estão em processos de iniciar o próprio negócio e o terem apenas como uma renda principal e fixa; os números podem ser maiores com as estimativas de crescimento acompanhado os dados do IBGE até 2030 (Gráfico 06) (GEM, 2019).

Gráfico 06 – Empreendedorismo feminino inicial no Brasil em 2019

Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados GEM (2013; 2015; 2019).

No início de 2020, os primeiros semestres (I e II Sebrae) do empreendedorismo (homens e mulheres) sofreu queda significativa, devido ao processo da Pandemia da Covid-19.

Entre os impactos da pandemia da Covid-19, no segundo trimestre de 2020, verificou-se uma queda de 10% dos Donos de Negócio, comparado ao trimestre imediatamente anterior, resultado das fortes restrições de circulação de pessoas. Isto afetou, em especial, os empreendedores informais. Porém, com o processo de vacinação e da reabertura da economia, o país terminou 2021 com 29,8 milhões de Donos de Negócio, ou seja, 2,8% acima do IV trimestre de 2019 (Sebrae, 2002).

Deduz-se, então, que a pandemia trouxe mudanças estruturais e sociais, para as empreendedoras, a saber, o fechamento de negócios no primeiro semestre de 2020. Segundo o relatório executivo da GEM, ao final do IV semestre, a taxa de empreendedoras nascentes, 49%, foi maior que a masculina, 7%, mas os novos 37%, já o empreendedorismo estabelecido, teve uma queda significativa – 62% negativamente o crescimento ou a estabilização do quadro (empreendedoras acima de 3,5 anos de empresa), principalmente, nas categorias de menor escolaridade e renda menor para as empreendedoras novas, já nos setores estabelecidos, maior tempo de mercado e mais escolaridade (Tabela 01) (GEM, 2020).

Tabela 01 – Taxas específicas¹ (%) e variações², entre 2020 e 2019, dos empreendedores nascentes, novos e estabelecidos segundo as características sociodemográficas – Brasil – 2020

Características sociodemográficas	Taxas			Variações 2020/2019		
	Nascentes	Novos	Estabelecidos	Nascentes	Novos	Estabelecidos
Sexo						
Masculino	9,2	16,8	12,0	7%	7%	-35%
Feminino	11,2	10,1	5,4	49%	-37%	-62%
Faixa etária						
18 a 24 anos	11,8	11,5	2,4	55%	-33%	-66%
25 a 34 anos	11,4	16,8	4,9	6%	5%	-61%
35 a 44 anos	11,3	14,3	9,3	35%	-25%	-49%
45 a 54 anos	7,8	13,7	13,3	-2%	-11%	-44%
55 a 64 anos	7,5	8,6	15,6	115%	-4%	-24%
Escolaridade³						
Fundamental incompleto	8,6	9,9	13,4	104%	-31%	-42%
Fundamental completo	12,7	10,8	7,7	36%	-25%	-62%
Médio completo	10,4	14,7	7,8	26%	-12%	-35%
Superior completo ou maior	8,9	14,0	8,6	-22%	-21%	-29%
Renda familiar						
Até 1 salário mínimo	12,4	6,1	4,7	44%	-60%	-66%
Mais de 1 até 2 salários mínimos	9,1	11,0	7,5	7%	-13%	-44%
Mais de 2 até 3 salários mínimos	14,9	14,3	6,2	94%	-4%	-64%
Mais de 3 até 6 salários mínimos	10,4	19,9	9,8	28%	2%	-45%
Mais de 6 salários mínimos	7,1	20,0	15,9	-41%	-6%	-35%

¹ Percentual da população referente a cada categoria da população (ex. 11,8% da população de 18 a 24 anos no Brasil são empreendedores nascentes).

² Variação percentual da taxa de empreendedorismo em cada categoria da população (ex. Entre 2019 e 2020 houve um aumento de 49% na taxa de empreendedorismo nascente entre as mulheres no Brasil).

³ Fundamental incompleto = Nenhuma educação formal e ensino fundamental incompleto; Fundamental completo = Ensino fundamental completo e ensino médio incompleto; Médio completo = Ensino médio completo e superior incompleto; Superior completo ou maior = Superior completo, especialização incompleta e completa, mestrado incompleto e completo, doutorado incompleto e completo.

Fonte: GEM (2020).

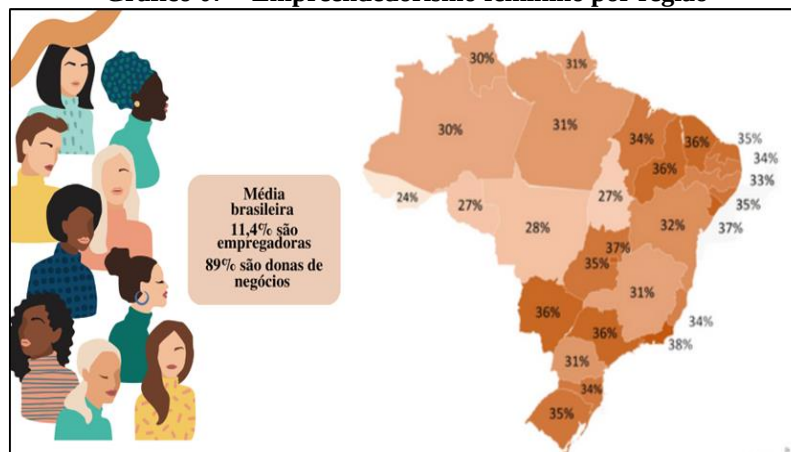
Em estimativa nacional, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNAD Contínua), o trimestre de 2020 bateu os números mais baixos (8,6 milhões de empreendedoras totais), quase equivalentes ao ano de 2016 (registrada de 8,3 milhões de empreendedoras); antes da pandemia, no início de 2019, o empreendedorismo feminino chegou a 10 milhões, reduzindo 1,04 milhões, voltando a ter um crescimento somente em 2021, no I e II trimestre – 9,9 milhões (Sebrae, 2020).

Diante dos percentuais do relatório GEM 2019-2021, os infográficos e relatórios do Sebrae Nacional 2018-2021, ambos retrataram o empreendedorismo feminino no período de 2020-2021, que voltou a crescer e se estabilizar, contudo a pandemia afetou alguns setores de serviços (informais e formais) nos primeiros trimestres de 2020. Após o *lockdown*, as empresas são afetadas e como consequência houve a diminuição de serviços (Sebrae, 2021).

Também cabe ressaltar o empreendedorismo por unidade federativa: a região que mais cresce em empreendedorismo é a região Sudeste – 40% –, mas as taxas de crescimento de empregadoras ainda são baixas em todo território nacional, 11,4%, em IV trimestre de

2021, batendo 1,154 milhões. A estimativa geral alcançou 10,1 milhões, no período pré-pandemia, o número já não era tão expressivo de 13,6% no IV trimestre de 2019 (Gráfico 07) (Sebrae, 2022).

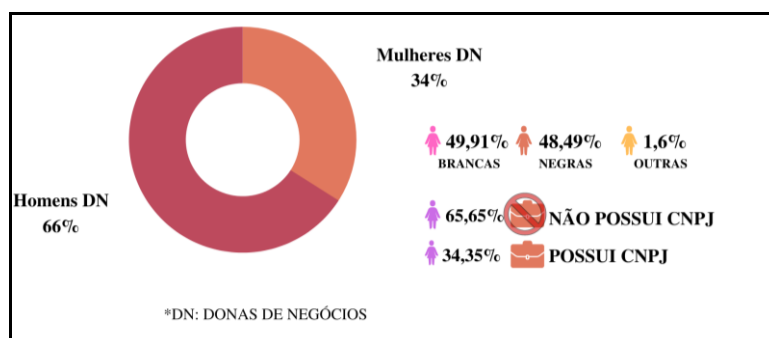
Gráfico 07 – Empreendedorismo feminino por região



Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados Sebrae (2021. p. 6; 9 ;11) / Mapa Replicado a partir dos dados Sebrae (2022).

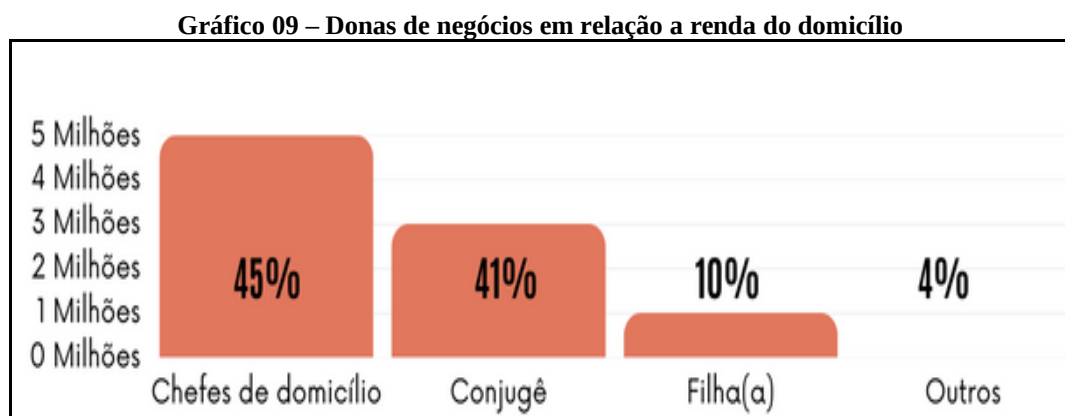
A PNAD realiza a pesquisa em todo território brasileiro com a população geral. Transcorrendo sobre umas das categorias (empreendedorismo feminino/donas de negócios, etnia, chefas de domicílio, escolaridade, setor de atuação), as mulheres performaram cerca de 10,15 milhões de empreendedoras/donas de negócios, enquanto homens de negócios ocupavam cerca de 19,68 milhões. Além disso, apenas 34,35% das empresárias mulheres possuem CNPJ contra 65,65% que não possuem – um número que é considerado alto pelas disparidades sociais. Por outro lado, os empresários que possuem CNPJ não tiveram sua amostragem percentual revelada dentro da pesquisa (Gráfico 08).

Gráfico 08 – Painel de empreendedorismo feminino, 2021; Sebrae – IV Trimestre/ 2021



Fonte: Infográfico elaborado pela autora a partir dos dados PNAD, IBGE (2021).

Esses dados revelam que cerca de 05 milhões de DN são chefas de domicílio (MEIs, MPs, MEs, autônomas sem CNPJ). Em termos percentuais, isso equivale a 45% do total de mulheres nessa categoria (dados contrastados entre posição de filha, esposa/cônjuge, outros); também mostram que a principal renda é dessas empresárias – em suma maioria, a somatória dos dados da amostra coletadas pela PNAD 2021. Quando comparado às mulheres com cônjuges, 41% ou na posição de filha somam 10%, variam em relação a outras pesquisas aplicadas, como do GEM e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) (Gráfico 09) (Sebrae, 2021).



Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados PNAD, IBGE (2021).

Apesar da variação de dados entre órgão e suas aplicações de público alvo, outro aspecto importante é que as chefas de domicílios, casadas ou não, são destacadas pela manutenção das contas familiar, total ou parcialmente, bem como as mães solas no processo de empreendedorismo feminino, enquanto oportunidade de trabalho e independência financeira, diferente das outras divisões percentuais. O processo de mulheres chefas de domicílios trazem a visibilidade estatisticamente de quadro e processos de avanços sociais (Gráfico 09) (Sebrae, 2021).

O Brasil pode ser até um país miscigenado, mas a maior parte das empresárias que se autodeclararam brancas é de 49,91%, já a soma das empresárias declaradas pretas e pardas engloba o percentual de 48,49%, enquanto o das empresárias que se declararam amarelas/indígenas e outros são de 1,6%. Estes dados revelam que além das questões de gênero, persiste uma disparidade étnica.

A queda do empreendedorismo nesse período, principalmente de mulheres negras, e a região mais afetada com o encolhimento do empreendedorismo feminino inicial foi a região Nordeste, contabilizando 25%; diferente do Sudeste, que cresceu em novos

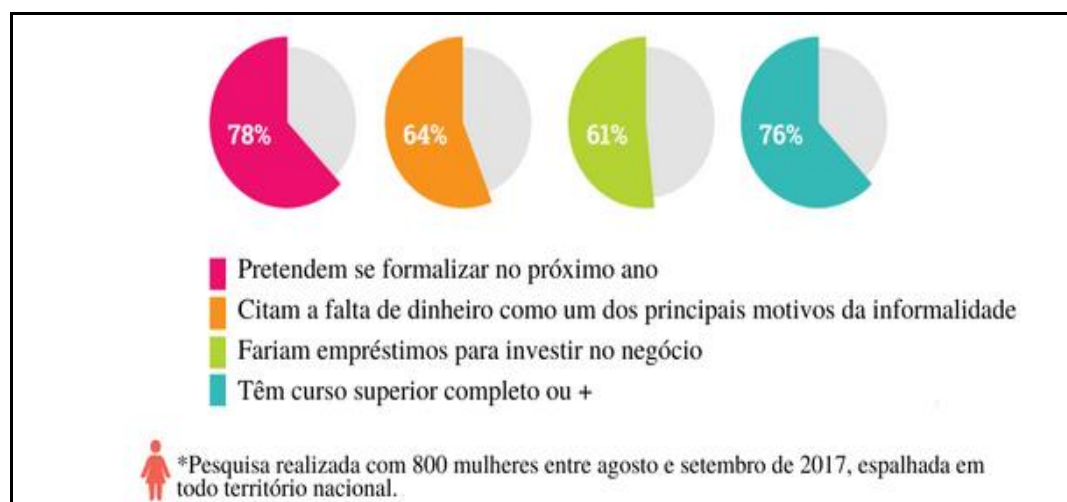
empreendimentos femininos, 44% no IV trimestre de 2021, segundo os dados do Sebrae (2022).

Essa disparidade persiste em desfavor das empreendedoras negras e pardas, assim como indígenas e demais grupos de minorias. Índices que diferem em porcentagens, principalmente na região Nordeste, já que sua maioria populacional é formada por pretas e pardas. Ainda sobre esta questão, é importante registrar que, segundo os registros do Sebrae (2021), e o número de empreendedoras negras durante a pandemia aumentou.

O crescente empreendedorismo feminino também enfrenta condições de individualidades, observado pelo grande número de MEIs, o baixo nível de empregadoras, os negócios serem menores que os dos homens, os setores de maior atuação (serviços), serem profissionais – 99% por empresa, pouco capital para investimento e manutenção de negócios, seja também pelo baixo financiamento buscado (Greco, 2020).

Além das jornadas de trabalho para além dos negócios, família, casa, essa duplicidade de atividades difere dos perfis dos homens empreendedores/donos de negócios. As mulheres ainda são as que menos possuem negócios em sociedade partilhada com outras empreendedoras, o que traz maiores sobrecargas e acúmulos de funções, principalmente nos quadros de empreendedoras por conta própria, MEIs e Mês, acarretando até em processo de empresas/negócios menores, se comparadas aos homens que empregam. Apenas 11% das mulheres são empregadoras formalizadas ou não no cenário nacional. Tratando-se de a taxa de empreendedoras ser de 34%⁵. É quase metade do total do quadro das DN brasileiras, sendo menos de 3,5 anos no mercado (Gráfico 10).

Gráfico 10 – Negócios informais – IRME 2017. Contexto diferente de 2022



Fonte: Replicado da Rede Mulher Empreendedora (RME, 2017, p. 15).

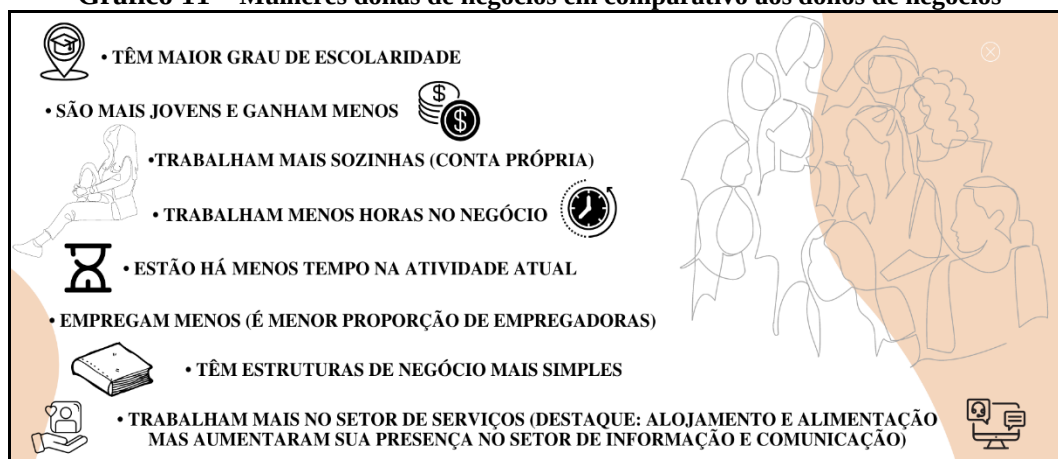
⁵ Taxa de Empreendedorismo Inicial (TEAs).

A informalidade diante dos dados da RME, em 2017, conseguiu observar os principais fatores em um questionário de múltipla escolha. Sobre as mulheres que buscam formalização: após os anos seguintes, 78%; não se formalizaram até o momento por questões financeiras, 64%; além do desejo de aumento do empreendimento, 61%. Apesar desse número alto de desejos de crescimento e formalização, a questão de educação superior alcança 76% das entrevistadas, o que desmistifica que o empreendedorismo formal está ligado diretamente à educação, mas que pode ser um indicativo sim, diante de profissões e cenários populares (feiras livres, salões de beleza, manicures, agricultoras, entre outras), mas não colocando como regra (REM, 2017).

Existe uma falsa impressão de que negócios informais são criados e geridos por pessoas que não têm instrução formal. A pesquisa revela que a maioria das empreendedoras não formalizadas tem curso superior completo ou algum tipo de formação ainda maior. Seus negócios são novos, a maioria criados há menos de 3 anos, em áreas com as quais as empreendedoras estão familiarizadas e têm expertise ou em áreas que envolvam algo que lhes dá prazer (REM, 2017, p. 15).

Diferente de um pensamento mais empírico, questões pertinentes a não formalização das empreendedoras, não são expressivamente ligadas ao contexto educacional de maior ou menor formação. Segundo os indicadores do GEM 2013, 2015 e 2019, dos indicadores 2021 do Sebrae e dos indicadores do RME 2017-2021, as mulheres empreendedoras têm mais estudos que homens empreendedores. Mas, diferente dos empreendedores iniciais, as mulheres ao iniciarem seus negócios sofrem sem planejamento financeiro ou a longo prazo, seja por falta de um capital emergencial, plano de negócios e formação estratégica em diferentes etapas do negócio, como destaca a RME, que também promove a conscientização financeira dentro da rede.

Na questão dos estudos, as mulheres têm um percentual maior na média nacional, 27% do percentual, o que capacita mais sua mão de obra, apesar de negócios gerenciais mais simples comparados aos de homens que apresentam o índice de 17% com Ensino Superior em um comparativo com o empreendedorismo de homens (RME, 2017). A Database Sebrae lançou os seguintes pontos ao conduzir a pesquisa de gênero e empreendedorismo (Gráfico 11).

Gráfico 11 – Mulheres donas de negócios em comparativo aos donos de negócios

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados Sebrae (2021).

Nota-se que, mediante a tais constatações, embora as políticas públicas e privadas para as empresárias venham sendo ampliadas, há ainda a necessidade de apoiar o crescimento do empreendedorismo feminino, principalmente nas atividades que necessitam de empregos mais técnicos, mão de obra especializada e com menos custos de formação⁶. A situação ainda pode ser refletida na reforma da grade educacional e, consequentemente, do novo Ensino Médio – este contempla disciplinas mais técnicas e diminui disciplinas sociais⁷. Essa inferência pode ser constatada pelo cenário de desemprego em massa, bem como o trabalho informal, que são realidades presentes.

A Lei nº 13.415/2017 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu uma mudança na estrutura do Ensino Médio, ampliando o tempo mínimo do estudante na escola de 800 horas para 1.000 horas anuais (até 2022) e definindo uma nova organização curricular, mais flexível, que contemple uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a oferta de diferentes possibilidades de escolhas aos estudantes, os itinerários formativos, com foco nas áreas de conhecimento e na formação técnica e profissional (MEC, 2020)⁸.

Diante disso, atualmente, a centralidade de poderes e capital faz com que o processo de abertura de pequenos e médios negócios sejam encarados enquanto possibilidades de crescimento econômico de classes populares invisibilizadas no processo histórico. Nesse sentido, surge a necessidade de ampliar as discussões sobre gênero, etnia,

⁶ Atualmente programas nacionais, coligados ao RME, Sebrae, Senac, Senai, Governo Federal, entre outros, oferecem cursos de maneira gratuita ou mentoria para que pequenas, médias empresas e empreendedores individuais se capacitem cada vez mais. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2022/07/cursos-gratuitos-de-qualificacao-profissional-para-mulheres-estao-com-inscricoes-abertas>

⁷ Lei nº 13.415/2017 (Brasil, 2017).

⁸ Ministério da Educação. Novo Ensino Médio – perguntas e respostas. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361>. Acesso em 05 out. 2022.

empreendedorismo e pequenos negócios, que carregam desafios, principalmente em contextos regionais (Albuquerque Jr., 2007).

2.2 Empreendedorismo feminino no ‘paraíso das águas’

Com as modificações introduzidas em 1969, reproduzidas por analogia na Constituição Estadual no Estado, ainda subsistem a inflação irremovível do após guerra, a sub-remuneração e a injustiça potencial ostensiva de tratamento desigual; parece não existir motivo para a pertinência constitucional da "paridade", da igualdade de vencimentos nos três poderes, para as atribuições "iguais ou assemelhadas", a sub-remuneração aflige a maior parte da população e não se dissipará com evasivas simplórias ou pomposas retóricas de economia (Costa, 1974, p. 22).

O estado de Alagoas está situado na região Nordeste do Brasil. Limita-se ao Norte com o estado de Pernambuco, a Leste com o oceano Atlântico, ao Sul com o estado de Sergipe e a Oeste com a Bahia, conhecido como o paraíso das águas, precisamente devido os aquíferos no estado – cachoeiras, rios, mar e lagoas.

Ao largo dessa riqueza natural, ao longo dos anos de 1964 a 1984, como evidenciado por Murillo Costa (1974), Alagoas se mantinha sobre o regime da ditadura militar. Os governadores eram nomeados pela Ditadura. A desigualdade social persistiu, foram criadas novas cidades e ocorreu crescimento do trabalho informal diante do crescimento dos polos regionais.

As políticas concentraram investimentos na capital Maceió para a modernização e industrialização (principalmente voltados à cana de açúcar). De antemão, mesmo com uma grande parcela populacional que vivia com sub-remuneração salarial, o comércio era crescente e voltado, inicialmente, para produtos regionais e na comercialização voltada para os portos (açúcar, algodão, fumo, coco, ferragens). Os grupos de comerciantes e industriários tiveram sua formação em meados de 1963 (Costa, 1974, p. 52), baseados em grupos conservadores que anteriormente apoiaram a instalação da ditadura e a candidatura do presidente Figueiredo, assim como centros para a formação de mão de obra profissional (Sesc e Sesi) evidenciaram a maior exploração e crescimento demográfico nos grandes centros, com preparação educacional ou não.

Mesmo com o fim da ditadura, as políticas mais centralizadoras compunham e detinham maior parcela das camadas econômicas da região (1980-1990), principalmente com o Plano Collor e com o Plano Real, acrescentado às políticas de desenvolvimento da capital alagoana, para crescimento econômico rápido e centralizado, explicitado por Santos (2005), ao afirmar que, ao longo dessas três décadas o crescimento demográfico e comercial

tiveram influência das mudanças governamentais, parceria com grandes grupos privados, além da oferta de prestação de serviços, comércio centralizado, e mão de obra barata.

Ao longo dos anos 1970 e 1980, entram no mercado brasileiro as primeiras multinacionais, a exemplo, do Carrefour, C&A e Makro, o novo contexto abre espaço para inserção de novos profissionais. Este movimento econômico foi importante para o crescimento do comércio brasileiro, pois impulsionou as empresas a investirem na abertura de filiais e expandirem o ramo de atividades. Destacando que este fenômeno ganhou mais velocidade a partir de 1990, visto as transformações da economia brasileira ocasionadas pela abertura econômica ao exterior provocada pelo Plano Collor, seguida pela estabilização da inflação com o Plano Real, em 1994. A partir dos dois fenômenos econômicos – abertura econômica e estabilização da inflação, o Brasil abre as fronteiras para os investimentos multinacionais, que visando explorar as oportunidades de um mercado interno, em expansão, responderam objetivamente a oportunidade criada (Santos, 2005, p. 29).

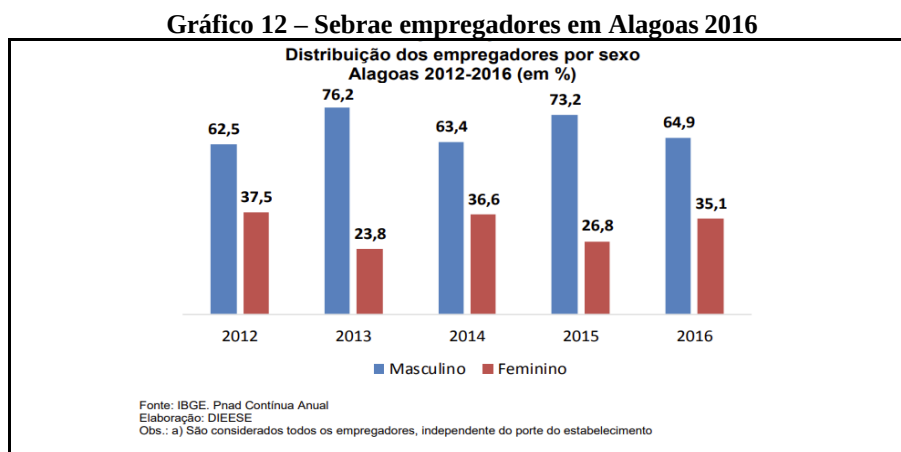
Deste modo, a relação cidade-comércio está abertamente conexa com os temas de economia, sociedade, meio ambiente, espaços urbanos, permitindo a criação de empreendedorismo enquanto cultura e diversidade de atividades, à medida que os fatores históricos ampliam os processos de autonomia no trabalho informal para mulheres e homens dentro da economia alagoana, principalmente por evidenciar uma maior parte populacional de mulheres na capital.

Ao evidenciar só em dados recentes, isso impossibilitou a amostragem estatística do estado nos recortes iniciais da pesquisa, modificando, recentemente, através de censos privados (Sebrae e IBGE). A participação ativa na economia das Microempreendedoras Individuais é crescente, principalmente com a instalação da lei nacional complementar 128/08 (Brasil, 2008)⁹ no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que tem por objetivo diminuir a informalidade do trabalho autônomo, e traz segurança social aos direitos trabalhistas e contribuições mais acessíveis das taxas de tributação dos grupos, e que também trazem exigências sobre o limite de estabelecimento e sobre o faturamento anual.

Sobre esse cenário e sua construção sócio-histórico, cabe por fim ressaltar os aspectos das estatísticas, as quais são norteadoras para compreensão da população feminina, empreendedora formal e informal na sociedade alagoana, já que são aspectos que evocam a participação, crescente mesmo que de maneira lenta, quando comparada com a média nacional.

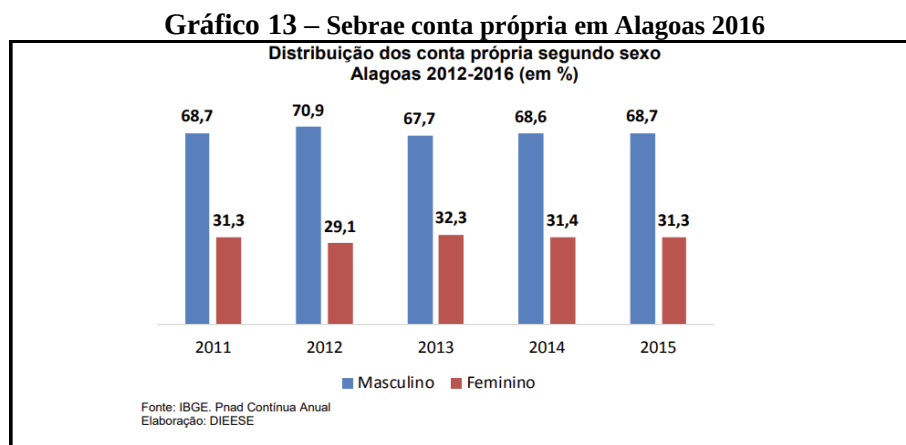
⁹ Lei Complementar nº 128/08 revogou expressamente os arts. 45 e 46 da Lei nº 8.212/91, que estipulavam o prazo de 10 anos para possuir Seguridade Social, assim como apurar, constituir e cobrar os seus créditos. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp128.htm

Segundo o IBGE (2010), o número de mulheres em Alagoas correspondia a 51,53% da população. Em 2021 este número aumentou para 52,12%, ou seja, mais da metade da população é formada por mulheres. Apesar de um percentual um pouco maior da população ser de mulheres, os homens ainda estão à frente delas no campo do empreendedorismo em Alagoas (Gráfico 12).



Fonte: Replicado pela autora do (Sebrae, 2018, p. 07).

Não obstante o crescimento nos últimos anos corresponde a 31,3% de mulheres por conta própria (MEIs e sem CNPJ). O percentual de empregadoras, em 2012, foi de 37,5% – maior taxa existente no período estudado; as menores taxas percentuais foram observadas em 2013: 23,8%; e 2015: 26,8%; ao final da pesquisa caiu para 35,1%, (Gráficos 12 e 13) (Sebrae, 2018).



Fonte: Replicado pela autora do (Sebrae, 2018, p. 07).

As empregadoras, apesar de serem percentuais bem abaixo dos homens, 68,7%, estão por conta própria seguindo com 64,9%. São empregadores que oscilam durante os anos, já no empreendedorismo feminino os percentuais de estabilidade e menor queda são notórios através dos valores observados nos Gráficos 07 e 08.

Em outro estudo, de anos anteriores, realizado entre 2002-2012¹⁰ pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), as pessoas/pesquisa foi realizada com uma estimativa de mil mulheres. No ano inicial da pesquisa, 2002, (15,8%) eram empregadoras/conta própria; as assalariadas eram 54,4%; ao final da pesquisa, em 2012, a estimativa de empregadoras/conta própria teve um aumento contabilizado para 17%, o que também foi observado o aumento entre mulheres assalariadas para 65,7% (Sebrae, 2014).

A repercussão do aumento significativo de mulheres, tanto assalariadas quanto donas de negócios, é observado como sendo os maiores empenhos de mulheres ativas e mudanças relevantes em padrões socioeconômicos, participação das chefas domiciliares e mães solo. Isso destaca um maior empenho e solidificação das mulheres ativas nos dois modos entre empreender e empregada (apesar do termo não se aplicar com diferenças peculiares a pequenos negócios. À medida que a mulher empreende, exerce o trabalho não somente de gerir, mas também de labor manual, principalmente nos setores de serviços (Quadro 02).

Quadro 02 – Estimativa e distribuição dos ocupados por posição na ocupação

MULHERES

Região Nordeste 2002-2012 (ALAGOAS)						Em 1.000 pessoas					Em %				
Período		Empregadoras e conta própria	Assalariadas	Outros (1)	Sem declaração	Total	Empregadoras e conta própria	Assalariadas	Outros (1)	Sem declaração	Total				
	2002	69	237	130	(2)	436	15,8	54,4	29,8	(2)	100,0				
	2003	87	235	123	(2)	444	19,5	52,9	27,6	(2)	100,0				
	2004	74	237	130	(2)	441	16,8	53,7	29,5	(2)	100,0				
	2005	69	265	162	(2)	496	13,9	53,4	32,7	(2)	100,0				
	2006	75	267	175	(2)	517	14,5	51,7	33,9	(2)	100,0				
	2007	93	287	135	(2)	515	18,1	55,6	26,2	(2)	100,0				
	2008	90	275	125	(2)	491	18,3	56,1	25,6	(2)	100,0				
	2009	75	298	113	(2)	486	15,4	61,4	23,2	(2)	100,0				
	2011	89	279	77	(2)	445	20,0	62,6	17,4	(2)	100,0				
	2012	81	321	74	(2)	476	17	65,7	15,6	(2)	100,0				

Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da PNAD, IBGE. Nota (01) Inclui trabalhadores na produção para o próprio consumo, trabalhadores na construção do próprio uso

¹⁰ Levantamento de 2010 não foi realizado pelo órgão competente.

e não remunerados; (02) Não há registro dos casos; (03) A amostra não comporta desagregação para esta categoria. Em 2010, a PNAD não foi realizada. Ver: Sebrae (2014).

Quando comparados os dados supracitados, para o contexto de Alagoas, os percentuais mostram o crescimento menos acelerado para empreendedoras classificadas por conta própria comparando ao nível de mulheres assalariadas, ou seja, a média salarial ainda é baixa, até mesmo de empreendedoras que tendem a receber salários um pouco maiores que as assalariadas.

Através dos dados percentuais do DIEESE, comparando-se com outros órgãos (PNAD, IBGE e Sebrae) a taxa de mulheres alagoanas empreendedoras/donas de negócios era bem inferior (Quadro 03) (Sebrae, 2014, p. 93).

Quadro 03 – Evolução da estimativa de empregadores por sexo

Região Nordeste 2002-2012 (em 1.000 pessoas)

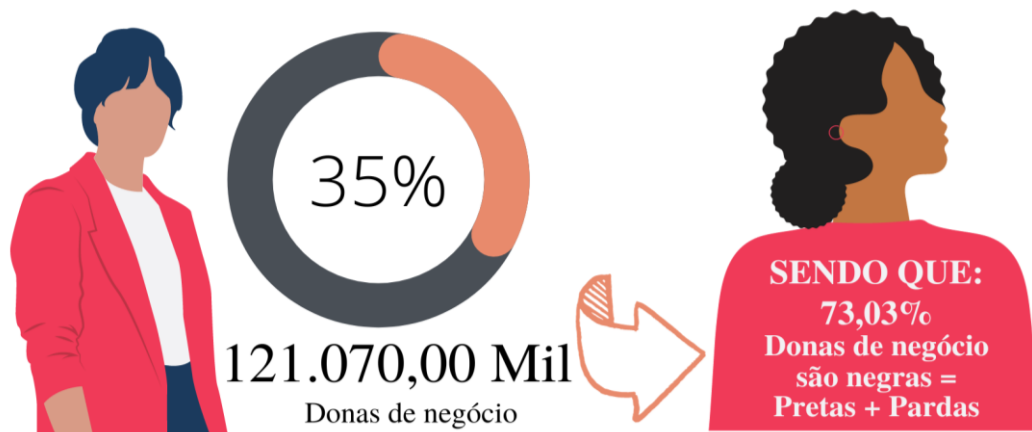
UNIDADES DA FEDERAÇÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2011	2012
Mulheres	167	148	157	175	189	141	212	180	176	177
Alagoas	5	5	(1)	10	7	6	12	5	5	5
Bahia	54	41	53	46	53	41	57	55	61	57
Ceará	18	19	29	32	26	22	33	32	28	30
Maranhão	26	21	13	12	23	12	21	15	17	16
Paraíba	9	12	11	15	13	9	14	13	15	12
Pernambuco	33	26	22	29	38	24	34	31	20	32
Piauí	10	10	10	14	9	11	18	7	8	10
Rio Grande do Norte	10	8	9	14	14	13	15	13	15	10
Sergipe	(1)	5	6	(1)	7	(1)	7	8	6	5

Fonte: Elaborada pela autora, a partir dos dados do IBGE/PNAD/DIEESE. Nota: (01) A amostra não comporta desagregação para esta categoria. Em 2010, a PNAD não foi realizada.

Ao comparar aos dados atuais, a média nacional de 34% de empreendedorismo feminino, no tocante ao empreendedorismo feminino da unidade federativa alagoana é de aproximadamente 35%, o que equivale a 121.070,00 mil mulheres donas de negócios, sendo 73,03% de negras e pardas donas de negócio. Alagoas se mantém a frente das demais regiões do Nordeste, no que se refere ao empreendedorismo feminino, enquanto Pernambuco alcança 33% e a Paraíba 34%; inclusive, com valores percentuais menores ao

estado de Sergipe (37%), Piauí (36%) e do Ceará (36%), (Gráfico 14). Esse processo pode ser um reflexo, principalmente das altas taxas de autonomia e informalidade de trabalhos por sexo, à medida que também os setores mais ocupados são de serviços, comércio – diante da alta taxa de desemprego por carteira assinada, recorrendo as demandas de autonomia para sustento.

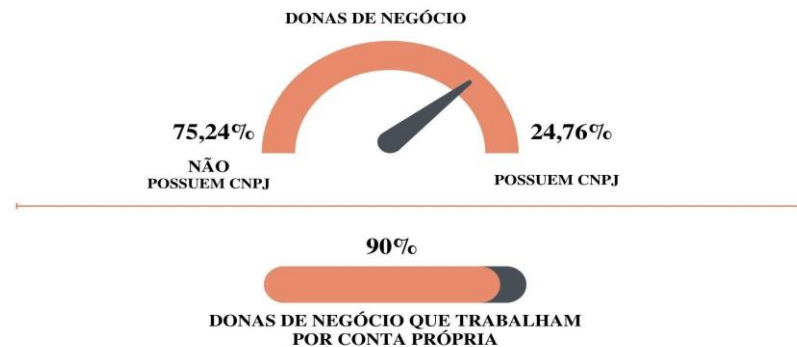
Gráfico 14 – Donas de negócio em relação a gênero – Alagoas IV Trimestre 2021



Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados PNAD, IBGE/Sebrae, IV semestre/2021.

Outro dado maior é o percentual de DN que trabalham por conta própria, 90% delas; além do fato que apenas 24,76% possuem CNPJ. Estes dados demonstram em si processos de não organização quanto às condições financeiras, sejam por linhas de crédito voltadas às mulheres, como capacitações e formação gratuita periodicamente. A média salarial baixa entre as mulheres negociantes em Alagoas, principalmente as de classe mais baixa, equivale ao não favorecimento de direitos básicos: à aposentadoria, auxílio-doença, salário-maternidade, pensão por morte e auxílio-reclusão, o que faz com que pessoas informais trabalhem por mais tempo e sem condições muitas vezes de dar continuidade ao trabalho, tanto mulheres quanto homens (Gráfico 15).

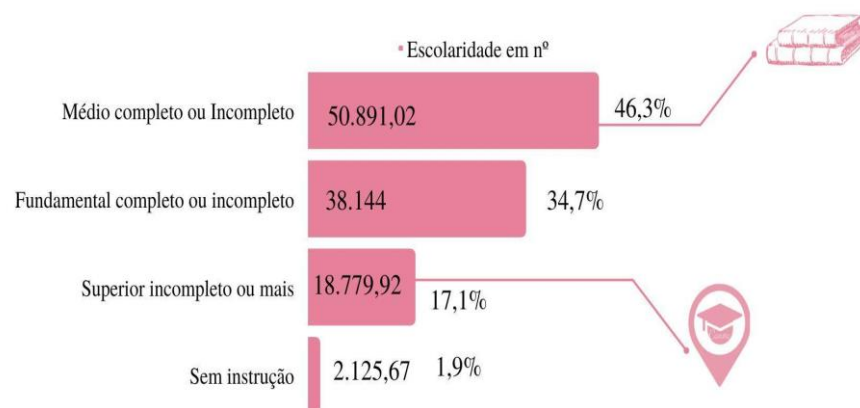
Gráfico 15 – Donas de negócio - Alagoas IV Trimestre 2021



Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados PNAD, IBGE/Sebrae.

Por trás dos benefícios, há gastos e a manutenção para que se possa crescer e gerir um negócio, o que repercute para que o número de CNPJ seja menor, sobretudo para mulheres “empreendedoras iniciais”, que são em um número mais expressivo em categorias principalmente por conta própria, já que às empreendedoras, nesse caso, aplica-se a empreendedoras informais e não à somatória de MEIs, enquanto entendimento, uma vez que essas possuem o cadastro de pessoa jurídica (CNPJ), assim como os dados nacionais influem não somente em regionalidades, mas em um todo para que essa realidade e busca da formalidade ainda seja uma busca incessante (Gráfico 16) (Souza, 2019).

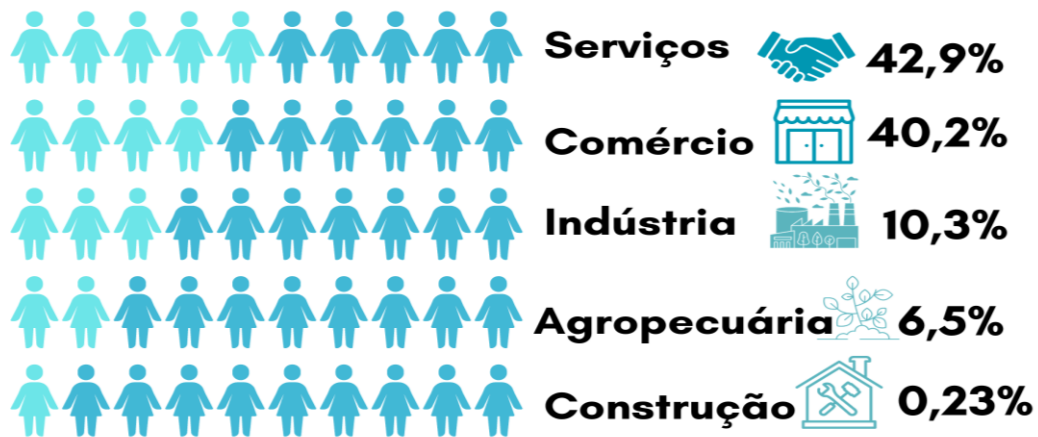
Gráfico 16 – Escolaridade das donas de negócios em Alagoas



Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados PNAD, IBGE – IV trimestre/2021.

A educação também é um fator que pode ser revisado como pertinente dentro da categoria de empreendedoras alagoanas. Em sua maioria possui Ensino Médio completo ou incompleto, 46,3%, seguido do nível fundamental, 34,7%, nível superior ou mais com 17,1%, e sem nenhuma instrução 1,9%. A taxa de instrução é pertinentemente alta para os padrões brasileiros de empreendedorismo feminino, mesmo que os níveis de um Ensino Superior ainda não sejam tão elevados quando comparados a outras regiões ao Sul e Sudeste do país, mas que mantém uma taxa baixa de analfabetismo/sem instrução dentro da categoria de empreendedorismo feminino alagoano (Gráfico 17).

Gráfico 17 – Setor de atividade das Donas de Negócios



Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados DataSebrae (2022).

Já em relação ao setor de atuação no III trimestre de 2022, elaborado pelo Sebrae (2022), vale destacar que os setores de maior atuação são: comércio com 40,2% – 46,73 mil; 42,99% serviços – 49,98 mil; 10,3% indústria – 11,66 mil; agropecuária 6,58% – 7,64 mil; e o menor setor com 0,26% – 241,15 está na construção das Donas de Negócios (Gráfico 17).

Diante dos dados alagoanos apresentados, foi possível descortinar informações da cidade de Delmiro Gouveia, tanto dados estatísticos quanto um pouco do recorte da história da região e a trajetória do trabalho das mulheres empreendedoras, como são destacados nos tópicos a seguir (2.3 e 2.4).

2.3 O sertão delmirenses: de sesmarias de Paulo Afonso à Vila Pedra

Acredita-se que a região incipiente ainda está preparando-se para a Vida: o líquen ainda ataca a pedra, fecundando a terra. E lutando tenazmente com o flagelar do clima, uma flora de resistência rara por ali entretece a trama das raízes, obstando, em parte, que as torrentes arrebatem todos os princípios exsolvidos — acumulando-os pouco a pouco na conquista da paragem desolada cujos contornos suaviza — sem impedir, contudo, nos estios longos, as insolações inclementes e as águas selvagens, degradando o solo (Cunha, 2003, p. 27).

Para adentrar em dados estatísticos é preciso situar Delmiro Gouveia, município do Sertão alagoano, fronteiro com os estados da Bahia, Pernambuco e Sergipe (Figura 1). Sua história entrelaça-se com a da vila de Água Branca; anteriormente, era uma região de sesmaria de Paulo Afonso, quando o território pertencia à província de Alagoas até meados do século XVIII; no século XIX, fazia parte do mapa da divisão política de Alagoas. Ao ser arrendada e leiloada para a formação da vila de Água Branca, do qual o povoado Pedra fazia parte, acabou facilitando a criação da ferrovia Paulo Afonso, criada em 1882, após a vinda

de Dom Pedro II, décadas antes. Sobre esse cenário, a formação dos latifúndios, criações de gados e a abundância econômica bruta.

Figura 01 – A divisão política da província de Alagoas no século XIX



Fonte: Seplag Alagoas.

Sobre esse cenário, Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, um cearense de naturalidade, mas comerciante no Recife, viu no Sertão alagoano uma visão de mercado com sua chegada, em 1902, entre as peles, couros, mercado de linhas, com a produção de algodão, em terrenos próximos à cidade de Paulo Afonso, atual região da Bahia (Carvalho, 2016).

A matéria prima para alimentação do gado era abundante com o clima seco da região – a plantação de palma doce e as novas alianças políticas entre os governos oligárquicos e coronéis locais, em Água Branca, Ulisses Luna, e na capital do estado alagoano, o governador Euclides Malta, forneceram a Delmiro Gouveia pontos estratégicos ao cearense e vantagens na produção, assim trazendo seu restabelecimento econômico que possuía no Recife-PE (Carvalho, 2016).

Autores alagoanos, a exemplo de Pedro Motta Lima, autor do romance *Fábrica da Pedra* (1962), ou até mesmo a escrita de seu amigo Graciliano Ramos, nas breves linhas de *Recordações de uma indústria morta*, trazem a importância do empreendimento no Sertão, bem como a construção da imagem do coronel Delmiro e a troca da enxada pelo o maquinário fabril (Maynard, 2016):

Na verdade, o produto dele, nacional e *cambembe*, se distanciava do que vinha nos porões dos transatlânticos, bem empacotado, bem rotulado, com larga fama entre

os consumidores, resistente e *made in England*. Mas isso foi no princípio. Endireitou-se, levantou a cabeça e em poucos anos entrou violentamente no mercado, oferecendo-se por preço baixo, alarmando o intruso considerável, *trade mark*. O carrascal, fértil em seixos, mandacaru, xique-xique, transformou-se em jardim e pomar, com água farta chegada em tubos do rio próximo. E numa cachoeira notável, mencionada sempre com respeito, admiração e inércia, turbinas foram acordar alguns cavalos da manada que lá dormia o sono dos séculos (Ramos, 2020, p. 81).

Com tais características, o crescimento adentrando ao Sertão nordestino, entre as linhas férreas que iam de Piranhas a Jatobá (atualmente Petrolândia-PE) que contornava a cachoeira de Paulo Afonso, a outro ponto da navegação à vapor entre Piranhas e Penedo. O comércio para o exterior potencializou o crescimento fabril criado pelo coronel de algodão; com um o modelo manchesteriano em pleno Sertão nordestino – trabalho assalariado, controle social, além da tecnologia empregada eram máquinas importadas da Inglaterra, máquinas movidas a vapor (Correia, 1998).

Um texto breve publicado na *Revista da Semana*, em 20 de outubro de 1917 – deu a introdução sobre os caminhos idealizados pelo coronel Delmiro Gouveia na Pedra e em ênfase seu brutal assassinato, comparando sua virilidade masculina como realce e performance entre civilização dentro da barbárie do Sertão. Tal grau de alegoria teve como interesse evocar a palestra do jornalista e Dr. Plínio Cavalcanti sobre o tema: *Delmiro e sua obra* (Revista da Semana, 1917) (Figura 02).

Compartilhando do desprezo burguês por tudo que não julga útil, Plínio Cavalcanti extasiava-se com a rápida integração da mão-de-obra sertaneja à atividade industrial e, sobretudo, com a imagem que Pedra lhe sugeria de uma comunidade onde o trabalho racional e ordenado envolvia todos os moradores, revelando-se em cada recanto (Correia, 1996, p. 31).

Figura 02 – Revista da semana morte e palestra sobre Delmiro Gouveia 1917



Fonte: Revista da Semana (1917). Hemeroteca Digital¹¹.

O fato de camadas conservadoras de empresários, comerciantes ricos, jornalistas, políticos idealizarem/simpatizarem com o pulso rígido que Delmiro Gouveia mantinha sobre a Pedra, evidenciou por muito os interesses de classe, dominação e imagem.

Apesar do seu assassinato, em 1917, os escritos sobre o exemplo de modernização do Sertão repercutiram muito, principalmente entre as décadas de 1960 e 1970 e também posteriormente (Revista da Semana, 1917), o que traz a visibilidade de terras distantes da capital e condições de mudanças improváveis, com personificação centralizadora e autoritária coronelista. O Sertão, em pouco tempo, formou bases econômicas fortes.

Nos anos 50, Delmiro não deixou de ser citado como idealizador da primeira hidrelétrica no rio São Francisco em "Paulo Afonso", baião ufanista cantado por Luís Gonzaga, que promete insistentemente que "o Brasil vai". Nos anos 60 e 70, o volume de escritos e eventos tomando Pedra e Delmiro Gouveia como tema atinge proporções extraordinárias. Conferências se multiplicaram, foram publicadas diversas obras biográficas, alguns romances, inúmeras matérias em jornais e

¹¹ Disponível em:

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=025909_01&pesq=delmiro&hf=hemerotecadigital.bn.br&pagfis=27978. Acesso em: 10 out. 2022.

revistas. Por ocasião do centenário do nascimento de Delmiro, em 1963, foram realizadas palestras em algumas capitais e homenagens no Congresso Nacional. Em 1977, estreou a peça "O Coronel dos Coronéis", escrita por Maurício Segall, a qual obteve terceiro lugar no Concurso de Dramaturgia do Serviço Nacional de Teatro. No seu roteiro – publicado em 1979, Delmiro foi retratado como um grande realizador e um patrão protetor e dominador, que submete a natureza do sertão e dirige Pedra com mão de ferro (Segall, 1979). No ano seguinte, foi lançado o filme "Coronel Delmiro Gouveia", com roteiro de Orlando Senna e Geraldo Samo, que foi premiado no Festival de Brasília de 1978, e teve seu roteiro publicado em livro e na forma de história de quadrinhos (Senna; Samo 1979). O industrial chegou, inclusive, a ser tema de desfile de escola de samba no Rio de Janeiro, tendo a Unidos da Tijuca sagrado-se campeã do grupo 1-B com enredo "Delmiro Gouveia, uma história do Sertão" (Correia, 1996).

A imagem e o mito dado a Delmiro Gouveia repercutem no empreendedorismo da região sertaneja até os dias atuais. Dessa forma, ao se pensar no empreendedorismo na região, é possível observar modelos conservadores arraigados socialmente quanto aos padrões de ordem e moral, pleiteando nos negócios, os quais incumbiram seu crescimento por muito se estagnaram.

Deste modo, a localização do núcleo fabril da Pedra, afastado da sede do município, posto no meio das caatingas do São Francisco, mais a instituição do arame, proporcionaram condições ideais para um forte e absoluto controle social de Delmiro sobre seus moradores, para o que muito contribuiu a cultura coronelista do meio, que lhe valeu, inclusive, o cognome de "coronel". Assim, surgiu o ditado, na Pedra, inclusive "fora do arame", Delmiro era a igreja, o Estado, a polícia e o patrão, ao que acrescento, também, a consciência, a cultura, a escola e a civilização (Correia, 1996, p. 27).

Com políticas centralizadoras nos sertões oligárquicos, o comércio se manteve sem muitos avanços por décadas, mas, não deixava de ser um itinerante centro de comércio – seja da feira livre e uns poucos comerciantes ao entorno da fábrica da Pedra – a cidade por muito teve esse modelo, diferente do mito das origens e seu crescimento econômico improvável nas terras esquecidas e sertanejas.

Para quem ali negociava, a centralidade que a fábrica de tecidos evocava à região que perdurou e trouxe empregos a muitos delmirenses e moradores de regiões vizinhas, principalmente, a renda de centenas de funcionários que compravam e mantinham o comércio local. O cunho familiar e os papéis do trabalho como edificador, eram os reflexos da imagem que o coronel de algodão trouxe ao antigo povoado Pedra. A fábrica, em seu auge, empregou cerca de 1.500 funcionários, sendo:

No auge da produção, a Companhia Agro empregava 1.500 operários, sendo 700 mulheres e 800 adultos -Fábrica masculinos e crianças. O faturamento de Delmiro, em 1916, atingia 2.000 contos de réis, quando a provisão orçamentária de Alagoas

chegava a 3.970 contos de réis'. A indústria significava um fenômeno atípico no atrasado ambiente social do sertão nordestino, bem próximo de onde, duas décadas antes, Antônio Conselheiro tinha liderado a Guerra de Canudos (1896-1897) (Carvalho, 2016, p. 273).

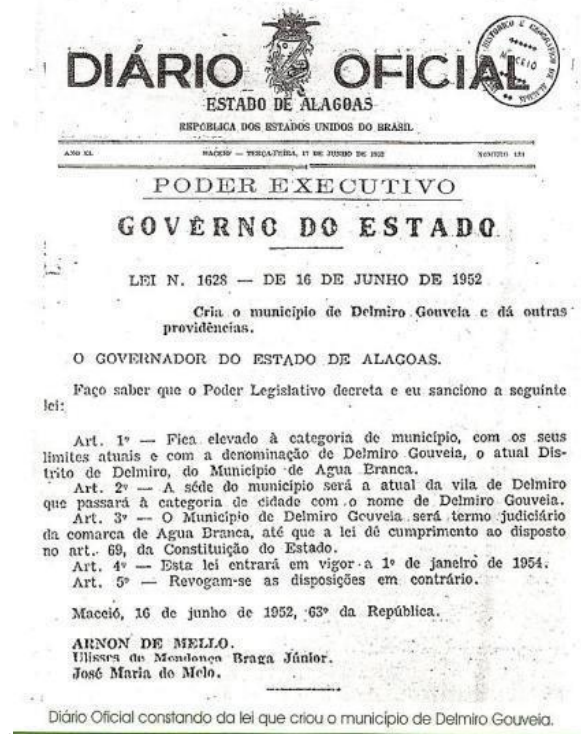
Com os interesses conflituosos de mercado, a produção de linha foi abandonada. Além de diversos proprietários, a fábrica passou a fazer parte do ramo têxtil, já que a produção de linha de coser foi proibida por anos. Diante disso, o cenário sertanejo perde a produção e também cenário de destaque fabril.

Ao passar algumas décadas, entre a década de 30 e 50 do século XX, os fios industriais tomaram conta para uso de outras produções fora do estado, a expansão para tecelagem e outros setores, como tinturaria e também acabamento.

O município, com a denominação de Delmiro Gouveia, foi criado pela Lei n. 1623, de 16 de junho de 1952, tendo sido instalado em 14 de fevereiro de 1954, desmembrado de Água Branca. A freguesia de Delmiro Gouveia foi criada em 30 de março de 1941, sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário. É subordinada eclesasticamente à Diocese de Penedo. De acordo com a Organização Judiciária do Estado (Lei n. 1674, de 11 de novembro de 1952), o novo município seria sede da comarca. Sua comarca, no entanto, ainda não foi instalada, sendo suprida, conforme estabelece aquela Lei. Apenas, no município, existe atualmente um Cartório do Registro Civil. Segundo o quadro da divisão administrativa em vigor, fixado pela Lei n.º 1 785, de 5 de abril de 1954, o município é composto de um só distrito, o de Delmiro Gouveia. A atual legislatura foi instalada em 1955, tendo sido eleito prefeito o Sr. Joaquim Correia e Silva. O número de eleitores inscritos para o último pleito foi de 2.241, sendo de 1.475 o total de votantes. A Câmara Municipal é composta de 9 Vereadores (IBGE, 1957).

Já em meados de 1952, vale destacar que, através da Lei Estadual n.º 1.628, Delmiro Gouveia (Mapa 01) foi desmembrado de Água Branca em 1954, com a sua independência, em homenagem ao nome do coronel e empreendedor Delmiro Gouveia (Figura 3).

Figura 03 – Diário Oficial sobre a lei 1628 – Criação de Delmiro



Fonte: Amigos de Delmiro.

A localização de Delmiro Gouveia faz com que suas fronteiras sejam cidade de rotas e de comércio, mas também tem um forte traço de ruralização, por ser uma região que possui proximidades com os municípios de Água Branca, Mata Grande, Inhapi, Pariconha, essas que têm aspectos fortes em produção agrícola e solos sílico-argilosos, segundo os dados observados do IBGE, entre 1957 e 1964 (Quadro 04).

Quadro 04 – Economia de Delmiro Gouveia em 1955 – IBGE/DEE

Agricultura			
PRODUTOS	UNIDADE	QUANTIDADE	VALOR (Cr\$ 1 000)
Algodão.....	Arrôba	3 600	540
Batata-doce.....	Tonelada	50	60
Mandioca brava.....	,	448	89
Pecuária			
ESPÉCIES	N.º DE CABEÇAS	VALOR (Cr\$ 1 000)	
Bovinos.....	4 500	11 250	
Equinos.....	1 200	1 800	
Asininos.....	2 000	500	
Muare.....	1 200	3 000	
Suínos.....	3 000	1 800	
Ovinos.....	3 000	600	
Caprinos.....	3 000	600	

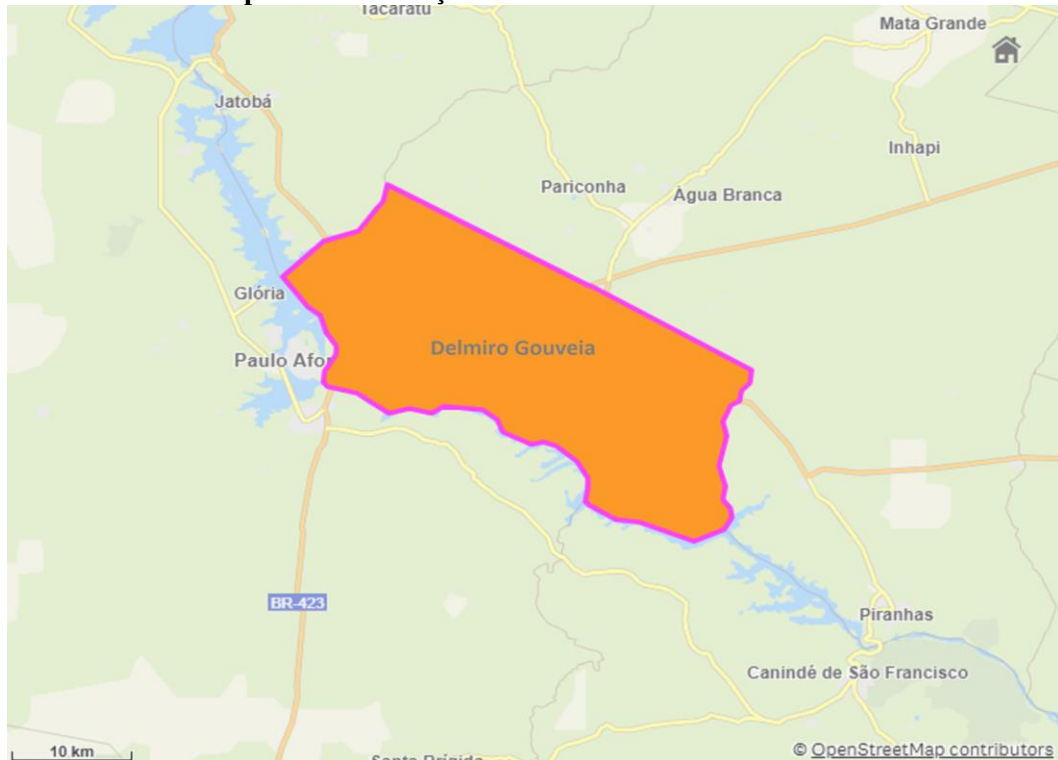
Fonte: Replicado pela autora, IBGE (1957, p. 44). Delmiro Gouveia (AL).

Delmiro Gouveia tinham como principal produto econômico a agricultura, para além da fábrica, o que difere dos aspectos secos e por vezes arenosos dos solos delmirenses, mas que ao serem irrigadas, são propícios para agricultura (algodão, batata-doce, mandioca, e palma para pastagem). Além dos dados estatísticos, é notório que por serem regiões próximas às produções agrícolas, tornavam a região sertaneja delmirense uma centralidade para comercialização, já que a centralidade de rotas de traslados beneficia a região com as relações inter-sociais, como a comercialização e a indústria de tecidos que, em censo, era umas das principais atividades do município.

A principal atividade econômica do município é a indústria de tecidos e redes de dormir. Não há riquezas minerais, vegetais, nem outras fontes de exploração. Agricultura – O terreno é seco e por vezes arenoso. Em pleno coração do sertão alagoano, as safras são problemáticas pela falta de chuvas. Quanto à fertilidade do solo, podemos dizer que é relativa, uma vez que, irrigadas, as terras ofereciam boas perspectivas para a lavoura [...] Tem maior volume econômico do que a agricultura, dada a natureza agreste do solo. Há pastagens nativas, definhas e em número mínimo de aguadas. Alguns criadores de maior vulto plantam a palma para a forragem de verão. As raças preferidas são a zebu e a crioula, predominando esta última (IBGE, 1957, p. 44).

Diante de um quadro de estagnação por décadas, entre 1960-1990 (secas, fechamentos da ferrovia, crise algodoeira), mesmo com núcleos de povoamentos rurais, o crescimento da zona urbana foi se modificando. Na economia, várias mudanças, principalmente no núcleo fabril (1980 vendida por os donos serem de segmentos diferentes; e novamente em 1992 para o grupo Carlos Lyra), funcionando até final de 2016 (quando a última crise se deu por débitos e contas atrasadas não parceladas, cerca de 583 funcionários foram demitidos com a crise e fechamento da única fábrica têxtil alagoana), configurando novos setores de serviços autônomos (BNB, 2006; Gomes, 2018).

Mapa 01 – Localização da cidade de Delmiro Gouveia-AL



Fonte: Open street map, 2023.

A fábrica da Pedra também foi evocada enquanto um símbolo de trabalho exploratório, controle da vida social, da educação e pertencimento; para além das oportunidades para quem não queria migrar ou trabalhar fora da região, já que a fábrica era o terceiro setor que mais empregava (assalariado), estando atrás da Prefeitura e comércio, ou até mesmo para quem a escolhia como moradia. O seu contingente de assalariados por muito tempo foi visto como principais consumidores/mantenedores locais para o comércio principalmente (Silva; Corrêa, 2017).

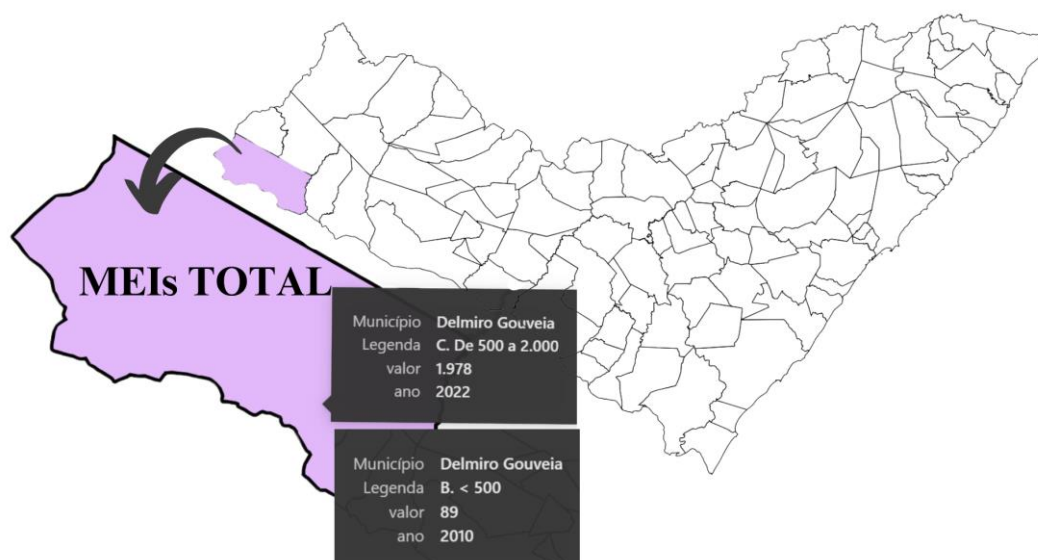
O tópico seguinte traz um recorte breve da sociedade, economia diante desse percentual de empreendedorismo, principalmente das categorias MEIs, que são contabilizadas de maneira nacional, e também faz parte enquanto categoria de desenvolvimento para a Secretaria de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio (Seplag) e os dados de domicílio do IBGE.

2.4 Sociedade, economia e negócios: as estatísticas em Delmiro Gouveia-AL

Delmiro Gouveia, tem aspectos econômicos rurais de pequeno porte (Banana, mandioca, feijão, milho, caju) e também na criação de gado, assim como demonstrado no censo de 1957 (IBGE) e mensurado na epígrafe que abre este tópico, também observado nas

informações portal de dados do Governo de Alagoas (leite, mel, ovos de galinha, caprinos, ovinos, bubalinos, aquicultura), Secretaria de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio – Alagoas (Seplag) – a região possui cerca de 35 localidades rurais isoladas (agrovilas assentamentos, quilombos, povoados) (Gráfico 18).

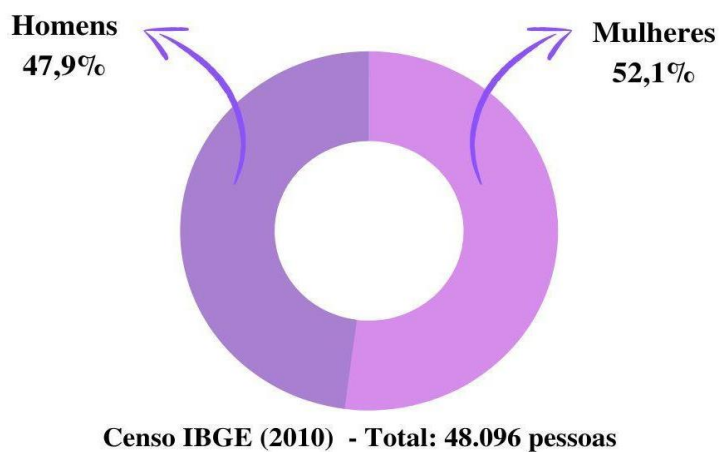
Gráfico 18 – Número de MEI 2010 – 2022



Fonte: Criado pela autora através dos dados – Seplag-AL 2023

Segundo o censo do IBGE (2010), a população feminina em Delmiro Gouveia tem por estimativa 52,1%, enquanto a de homens é de 47,9%.

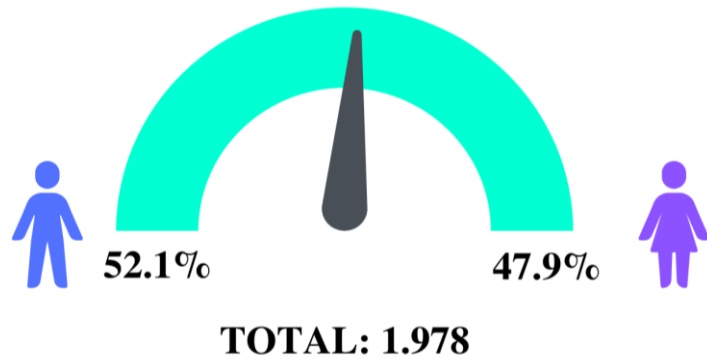
Gráfico 19 – População segundo gênero



Fonte: IBGE (2010).

Mas os dados de crescimento feminino na região não acompanham uma soma maior de mulheres como Microempreendedoras Individuais, a diferença chega a 4,6% na contagem de 1.978,00 mil CNPJs de MEIs ativos, sendo possível observar uma diferença percentual entre gênero feminino (47,9%) e masculino (52,1%) (Gráficos 19 e 20).

Gráfico 20 – População e empresas optantes no SIMEI – Delmiro Gouveia-AL



Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados coletados no IBGE, Censo Demográfico de 2010/Listagem MEI Gênero. Portal do Empreendedor.

Apesar dos aspectos rurais de pequeno porte, o município de Delmiro Gouveia tem mostrado um avanço no crescimento comercial nos últimos 12 anos (2010-2022) quando observado os censos do IBGE, Sebrae, Seplag. Principalmente no ramo de serviços, comércio (assim como os dados gerais do estado), e também vem crescendo em projeções para comércio de turismo (em 2018, Delmiro Gouveia subiu para categoria C na segmentação do turismo *Caminhos do São Francisco*).

De acordo com o levantamento do *Portal do Empreendedor do Governo Federal*, dados referentes aos anos de 2010 a 2011, na modalidade de optantes no Sistema de Recolhimento dos Tributos Devidos pelo Microempreendedor Individual (Simei), em Delmiro Gouveia, a margem de optantes tem inicialmente um número baixo quando comparado à estimativa populacional do ano corrente, à medida que o programa de MEI foi implantado apenas em 2008 (Quadro 05).

Quadro 05 – Total de empresas optantes no Simei por município da Unidade Federativa AL – Delmiro Gouveia, 2010-2022

Período	Quantidade	Total de Mulheres	Total de Homens
2010	89		

2011	188		
2012	455		
2013	657		
2014	889		
2015	1.047		
2016	1.058		
2017	1.266		
2018	1.238		
2019	1.425		
2020	1.600		
2021	1.798		
2022	1.960 (até outubro de 2022) 1.978 em 31/12/2022	947,46	1.030,46

Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados do Portal do Empreendedor.

O projeto em sua fase de implantação durante dois anos não teve muitos estudos. Essa prática em larga escala, observa-se ainda em regiões distantes de grandes polos comerciais e sem indústrias desenvolvidas, ou seja, sem programas de incentivos presenciais, acessibilidade para um público sem grandes capacitações, principalmente em fase de início de jornadas de empreendimento, torna-se ainda algo não atraente nem motivador quando comparado a números de cadastros *versus* população em condições de trabalho informal.

Desta maneira, as quantidades em números iniciais obtiveram apenas 89 cadastros, sendo homens e mulheres em cadastros ativos. Até o ano de 2019, ao completar uma década, possuía cerca de 1.425 cadastrados na plataforma de homens e mulheres que residiam em Delmiro Gouveia; já em 2022, esse número, até outubro, está próximo a 1.960 cadastros e em dezembro subiu para 1.978.

A ordem das principais posições ocupadas por MEIs em Delmiro traz à tona setores de serviços: confecção de roupas e calçados, cosméticos, cabelereiras, manicures, costura,

alimentação, lanchonetes, restaurantes e vendas de comida no varejo e atacado, hortifrúti, armarinhos e serviços domésticos. Vale ressaltar que o Quadro 06 e o Gráfico 21, a seguir, destacam subcategorias, ou seja, categorias que podem ser preenchidas por uma única MEI, que sejam compatíveis com a função e grupo exercido. As categorias também abarcam as empreendedoras e empresárias. O que diferem são impostos e a forma de arrecadação, já que o capital declarado em outras categorias formalizadas tende a ser maior que os das MEIs.

Quadro 06 – MEIS principais categoria/setor – Delmiro Gouveia 2022

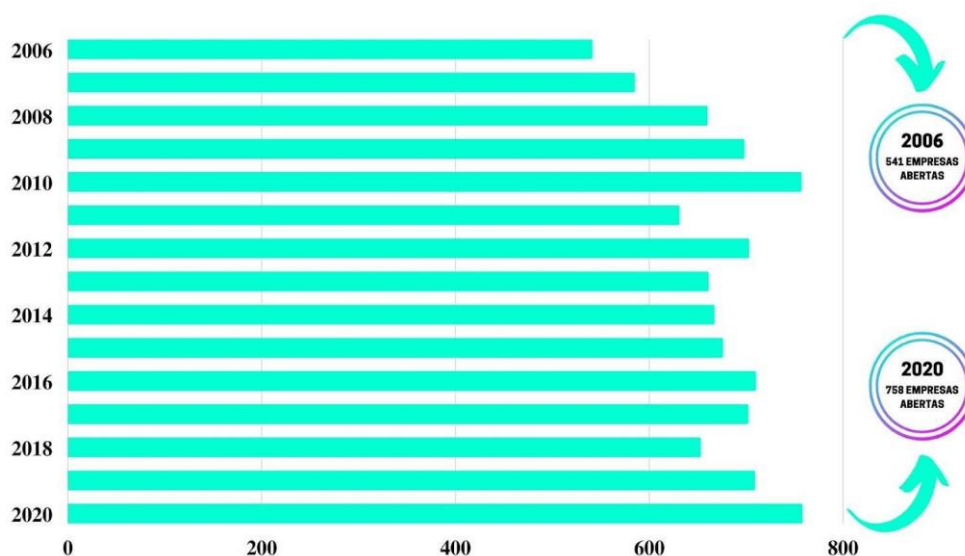


Fonte: Infográfico elaborado pela autora, a partir dos dados coletados no Portal do Empreendedor.

Ao analisar os dados do Quadro 06, vemos que a procura por essa modalidade foi crescendo de maneira expressiva, principalmente, ao fim do ano de 2018, 2019 e meados de 2020; neste último, destacam-se os processos de *lockdown* de muitas empresas, motivados pela Covid-19, assim como a abertura de pequenos negócios voltados aos serviços, alimentação e entregas. Dessa forma, as transições de 2019-2020 trouxeram problemas de

ordem global – a pandemia do SARS-CoV-2 (Covid-19). Cabe salientar que o isolamento social inviabilizou muitos setores, principalmente social, econômico, na saúde e políticos. Mesmo com o contexto de incertezas, o crescimento de Microempreendedores Individuais continuou com alta, como demonstrado no Gráfico 21.

Gráfico 21 – Cadastro Central de Empresas, Censo IBGE 2006-2020



Fonte: IBGE 2006-2020. Disponível em: [DELMIRO indicador](#)

O número de empresas, segundo o IBGE (Gráfico 21), entre o período de 2006 a 2020, mostrou-se constante em Delmiro Gouveia; o número de empresas abertas, em 2006, era estimado em 541 empresas registradas. Entre 2006-2010, Delmiro Gouveia teve alta na abertura de novas empresas de serviços, estimando-se um total de 757 empresas. Destaca-se ao ano final (2010), a abertura de um novo polo da Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão (Ufal), mas um ano depois (2011) o fechamento de 121 empresas. É claro, diante desses dados, que voltou ao número de 631 empresas após a queda, porém cresceu setores imobiliários, prestação de serviços de empreendedores individuais quando comparado com o Quadro 03.

Após o fechamento da fábrica da Pedra, no final do ano de 2016, o número de empresas alcançou novamente a marca de 710. Nos dois anos seguintes teve uma queda para 702 e depois para 653 empresas, respectivamente, voltando a crescer entre 2019 a 2020 para 709 e 758 empresas (IBGE, 2021).

Outro dado evidente foi ao realizar a pesquisa de campo na CDL de Delmiro, a qual desatina, em 2022, 86 associados ao grupo de comerciantes locais e de região

circunvizinhas, sendo que 17 associadas e 69 associados¹². Os dados estatísticos do Sebrae-Delmiro Gouveia, também foram solicitados, mas até o presente momento não foram repassados, os quais são de suma importância para complementação das informações sobre a construção dos perfis das empreendedoras, DN e MEIs atendidas na região – estas com um caráter formal, que buscam principalmente a ajuda do órgão privado.

Apesar dos órgãos envolvidos e dados obtidos, cabe salientar que não se tem um específico para a classe de empreendedoras e empresárias no município delmirenses; não há um sindicato para as trabalhadoras de carteira assinada, o que acaba repercutindo em processos de (in)visibilidade, condições muitas vezes de precariedade de trabalho, menos coletividade e processos de redes de apoio entre os pares, classe e etnia, diálogos observados e criados em grandes centros urbanos (São Paulo-SP, Rio de Janeiro-RJ, Bahia-BA, Fortaleza-CE, Recife-PE).

Diante desse cenário dos dados práticos, a próxima seção tem como objetivo trazer aspectos dos perfis de algumas empreendedoras que atuam em Delmiro Gouveia. Através da história oral, foram realizadas entrevistas com seis empreendedoras que atuam no comércio central, feira livre e na distribuição; a sétima entrevista com um empresário e atuante na câmara de comércio regional, o que irá descortinar um pouco dessa memória local e atuação, em meio às cenas de espaço e poder.

¹² Pesquisa realizada para levantamento de dados no dia 23/03/2022, em Delmiro Gouveia, Alagoas. Junto ao CDL (Câmara dos Dirigentes Lojistas) – Delmiro Gouveia.

3 AGORA QUE SÃO ELAS: SERTANEJAS EMPREENDEDORAS NO CENÁRIO DELMIRENSE

No meu meio familiar, minha mãe era empreendedora [Jacira Carvalho da Silva Bezerra], ela cuidava da atividade econômica, ela comprava, vendia, definia as coisas, ela gerenciava. [...] Dentro de nossa diretoria, temos a presença de três mulheres que são ícones aqui na cidade, Dona Estelaine da Pisebem, Dona Patrícia da Casa Design, Samara, que é contadora, mas também tem seu empreendimento, e são mulheres que empreendem por si só, não estão a sombra de ninguém [...]. Veio agora a memória do trabalho da Gislaine, que faz parte da Associação Comercial [RME], e ela fez um trabalho de empoderamento das mulheres, incentivando o empreendedorismo das mulheres, esse empreendedorismo existiu, aqui em Delmiro, teve com esse trabalho que é de uma ONG nacional e as Gislaine teve, também [contou] com apoio também da prefeitura e do Sebrae (Bezerra, 2022, p. 2-3).

Sempre vai ter essas empresas, vai ter um casal, Pisebem [Estelaine e o ex-marido Marcelo], a Casa Design [Patrícia/esposo na loja de instrumentos, dentro da loja de decoração], a Matel [Genilson esposo de Fabiana está na gestão/Fabiana na loja de decorações de festas infantis e servidora pública] (Alves, 2022, p. 4).

Empresas autogerenciáveis, é isso, a gente [ex- esposo Marcelo, Fabiana – Festas Kids e Matel com esposo Genilson] foi eu fui para São Paulo, eu fiz curso lá também, sempre estou nesse treinamento, neste estudo, é um estudo constante na verdade (Jesus, 2022, p. 2).

Os consultores do Sebrae fazem questão de que eu cresça como mulher, não somente a mim, como a Kelma, como outras também [...] Mas investir em si, nem mulheres para trabalhar na área de manicure, cursos, vários cursos, tem vários cursos que eles, políticas públicas você aprender isso, aprender aquilo, se unir (Silva, 2022).

O protagonismo feminino no empreendedorismo traz consigo nomes, sobrenomes, vozes, espaços e poderes. Assim, foi possível traçar as entrevistadas. Para quem está distante do convívio diário ou desconhecem as sujeitas, elas tecem em meio à sociedade delmireNSE seus nomes ao longo da formação comercial, tanto formal quanto informal. As tramas das próprias entrevistas acabam apontando muitas vezes no transcorrer das falas, sejam por fatos, cursos, nomes atuantes, como observado nas epígrafes iniciais ao tópico.

A primeira entrevistada é Jacira Carvalho da Silva Bezerra (BEZERRA), 71 anos, etnia branca, atua no comércio de Delmiro Gouveia há 50 anos, não terminou os estudos, iniciou seu negócio em meados de 1968, natural de Mata Grande, filha de comerciantes da região, atualmente viúva, possuía uma escola de datilografia assim que chegou em Delmiro Gouveia, o ofício aprendido na região pertencente (no qual ensinava o uso das máquinas de escritas e o manual de funcionamento, até deixarem de serem populares com a chegada dos

computadores na região), enquanto o esposo iniciou carreira de feirante, os dois vendiam juntos (Bezerra, 2022).

Jacira criou o armarinho, no qual vendia móveis, aviamentos e itens de cama, mesa e banho, fabricação de cortinas, até a expansão e separação entre loja de móveis (criada e gerida pelo esposo até sua morte, atualmente administrada pelo filho Domingos Sávio Carvalho Bezerra, além de entrevistado aqui na qualidade de presidente da CDL Delmiro). O armarinho carinhosamente falado por J. Bezerra, sob a gestão de Jacira (a mãe), conseguiu expandir a loja na década de 1980 a 1990 para o bairro de Xingó, em Piranhas (aberta até os altos fluxos de pessoas na construção hidrelétrica), e lojas em outros bairros distantes do centro da cidade de Delmiro. A expansão para restaurante/serviços de *buffet*, salão de festas, e decorações também foram vinculados ao armarinho (Figura 04) .

Figura 04 – Aniversário do Armarinho 199[?] a 200[?] (Jacira cortando o bolo)



Fonte: Acervo Pessoal de Jacira Carvalho da Silva Bezerra.

Vale destacar que em 2016, Jacira ganhou o título de cidadã delmireNSE juntamente com outra mulher, Maria Rosa Prazeres (líder comunitária do bairro Bom Sossego durante 30 anos). O título, proposto pelo vereador Edvaldo Francisco do Nascimento (PCdoB), premiou figuras populares e também as sugeriu como agentes políticas (Correio Notícia, 2016).

A segunda entrevistada é Gislaine Alves da Silva (SILVA), natural de Delmiro Gouveia, etnia negra. Seu pai era vereador e também comerciante popular na região. Já sua mãe fazia quitutes em casa para venda. Mãe solteira, empreendedora no ramo alimentício (crepes e tapiocas gourmetizadas). Há 26 anos teve a ideia, inicialmente dos crepes, após

uma das suas viagens para Maceió. A necessidade de sustentar os filhos com a doação da máquina de crepes por um gerente do banco do estado, apesar dos desafios iniciais, persistiu, até se estabelecer em uma barraca improvisada em uma das ruas centrais do comércio da cidade. Após anos, estabeleceu em um quiosque da praça de eventos, Nossa Senhora do Rosário, no qual acrescentou tapiocas com nomes temáticos e variados sabores, além de ser um dos pontos para o turismo gastronômico central (Figura 05).

Figura 05 – Gislaine e sua filha na barraca de Crepes. 199[?]



Fonte: Acervo Pessoal Gislaine Alves da Silva.

Também é servidora pública aposentada, atuava como professora de História, diretora escolar da Escola Delmiro Gouveia (retornou na pandemia da Covid-19 para lecionar novamente com a disciplina de Cultura Empreendedora na mesma escola), parceira/associada do RME. Ocupou cargos de destaque da Associação Comercial de Delmiro Gouveia (CMIC) na gestão de 2019 (Eraldo Joaquim Cordeiro) no município, no qual iniciou um projeto sobre empreendedorismo e independência financeira em parceria com a Prefeitura e o Sebrae.

Atualmente, ainda vinculada à Associação Comercial, faz parte também do Conselho dos Direitos das Mulheres, no qual já atuou duas vezes como presidente, do Conselho do Turismo e Patrimônio de Delmiro Gouveia, e já atuou anteriormente no Conselho da Indústria e do Desenvolvimento de Delmiro Gouveia; participa enquanto palestrante de projetos voltados ao empreendedorismo feminino e empreendedorismo e turismo (Silva, 2022).

A terceira entrevistada, Maria Fabiana dos Santos Alves (ALVES), 47 anos, etnia negra, atua como policial militar, 23 anos, no estado da Bahia, e é empreendedora há 14 anos. Natural de Petrolândia-PE, migrou ainda pequena por necessidade para a região de Delmiro Gouveia, com sua mãe e irmãos, e seu pai, que trabalhava com transmissão. Possui formação em contabilidade, administração, e, enquanto empresária, montou um segmento na área de formação do esposo (eletrotécnico) para que ele não saísse para outras regiões, onde trabalhou de plantonista na fábrica da Pedra S.A por dez anos, o que possibilitou a ela e ao esposo, inicialmente, empreenderem juntos na Matel (Alves, 2022).

O que fez com que eles conciliassem os empregos além da empresa, a empresa no segmento de venda e mão de obra especializada para serviços elétricos ganhou destaque por quase que não existir concorrência de MEs no setor. Em 2014 abriu o segundo empreendimento voltado para decorações, festas, formaturas, tentando um contraste com os outros ramos de atuação que eram majoritariamente masculinos, e a oportunidade de abrir um negócio sem muita concorrência, chamado de autogerenciável, para que ela conseguisse administrar junto com a carreira militar.

A quarta entrevistada, Itala Kelma dos Santos Cabral de Melo (MELO), etnia parda, nasceu em Arapiraca-AL, mas morou em Maravilha-AL até os dez anos. Seus pais migraram para Delmiro Gouveia e trabalhavam como farmacêuticos. Apesar disso, formou-se em Turismo, mas não exerceu a profissão. Casada, por muitos anos afirmou-se apenas como dona de casa. Resolveu empreender para ter sua liberdade financeira e, apesar do pouco capital, iniciou com as vendas de maneira informal, em 2016, ambulante de porta a porta, inicialmente tinha uma sociedade familiar para divisão das tarefas (Melo, 2022).

Mesmo com sua trajetória recente, procurou orientação de órgão de classe para a padronização, aumento de vendas e capacitação com o Sebrae, possibilitando que ela vendesse nas feiras empreendedoras o seu produto (Maceió). Além de se inscrever em concursos para a categoria de microempreendedoras, criou um projeto paralelo com o parceiro para perda de peso e autoestima feminina diante da sua trajetória pessoal e criação da marca. Em 2022, teve sua trajetória publicada como artigo em livro, participando de palestras voltadas para empreendedoras e a imagem feminina e suas superações pessoais intitulado de *Mulheres diamantes* (Figura 6) (Hendrigo; Pancieri, 2022).

Figura 06 – Trecho do livro Mulheres diamantes, 2022



Fonte: Acervo pessoal.

A quinta entrevistada, Estelaine Crisóstomo de Jesus (JESUS), de 50 anos, etnia branca, é natural de Belém-PA, onde residiu até seus 25 anos. Filha de professora, pai policial e avós comerciantes, chegou, inicialmente, em Paulo Afonso-BA, para trabalhar na Chesf, em 1997, como técnica em edificações – sua formação. Após dois anos, engravidou do primeiro filho. Com problemas pessoais e na segunda gestação, decidiu empreender e colocar algo em Delmiro Gouveia. Separada do marido, montou uma pequena loja de pisos – a Pisebem –, aberta nos anos 2000 (Figura 7) (Jesus, 2022).

Figura 07 – Pisebem ano 2000 – Estelaine na porta da loja



Fonte: Acervo Pessoal Estelaine Crisóstomo de Jesus.

Em 2017, ganhou o prêmio de nível nacional de negócios por competitividade para Micro e Pequenas Empresas (MPE Brasil), apesar do ex-esposo na época assumir a direção, Estelaine atuava no setor de vendas e reestruturação da empresa de Petrolândia-PE (2013-2016), o qual conseguiu reestruturar, mas ficou para o ex-marido no processo de separação (Lima, 2016).

Aos poucos foi estruturando e tentando abrir outras filiais (Canindé-SE – o qual fechou em meses). A empresa delmireNSE está vinculada como MPE de sociedade, entre Estelaine e os três filhos. Vale ressaltar que a mesma possui cargo dentro da diretoria da CDL Delmiro Gouveia, além de possuir diversas capacitações para a classe (Empretec; Empresas autogerenciáveis). Atualmente abriu uma filial em Arapiraca-AL.

A sexta entrevistada é Olga Rodrigues de Mendonça (MENDONÇA), 50 anos, etnia branca, empreendedora do ramo da feira livre de Delmiro Gouveia, natural do distrito de Altos dos CoelhoS, região pertencente à Água Branca-AL. Veio ainda pequena, com 12 anos, morar em Delmiro Gouveia. Sua mãe verdureira, o pai agricultor, comercializavam na feira livre entre meados de 1980-1990 no centro da cidade, onde se localizava a feira, inicialmente, e sendo transferida em 1990 para outro bairro, após a construção do mercado das carnes Ulisses Bandeira. Migrou para São Paulo, mas teve que voltar, na tentativa de sobrevivência iniciou outros negócios, mas não deram certo, assumindo a banca da feira da mãe. Olga foi a única de nove filhos que seguiu a profissão da mãe. Juntamente com esposo, conseguiu ocupar espaços que, até então, dependiam diretamente da travessia para Paulo Afonso-BA, para a compra de mercadorias, voltando seus negócios de compra indireta para direta o que promoveu a expansão e distribuição em atacado para outros comerciantes locais.

A partir da feira livre conseguiu formar uma filha em odontologia e o filho em fisioterapia, atualmente, Mendonça (2023) é licenciada em História pela Ufal campus do Sertão em Delmiro Gouveia, voltando a estudar após os 50 anos de idade. Contudo, no período de pandemia tornou-se viúva, por complicações da Covid-19, o que trouxe certo estigma para ela, familiares e a sua profissão. Apesar das incertezas da alta jornada trabalhada, o papel social e cultural que a feira exerce para a região delmireNSE e para ela e seus familiares (primas e sobrinhas) que trabalham no mesmo ramo é sacrificante, porém rendeu bons frutos Mendonça (2023).

Diante de aspectos de cada entrevistada e suas trajetórias, torna-se relevante esse breve recorte para entender suas posições sociais, políticas, vozes e memórias ao decorrer da seção 3. O tópico seguinte aborda um pouco desses espaços, direitos e motivações para empreenderem.

3.1 As águas do São Francisco e a força das empreendedoras sertanejas

O surgimento da CHESF, oficializada em 03 de outubro de 1945 pelo Decreto-Lei 8.031 e a reflexão sobre os impactos de intervenções governamentais na região do São Francisco ampliaram a sombra de Delmiro. A partir do fim do primeiro governo Vargas (1930-1945), o nome do empresário apareceu atrelado ao projeto de aproveitamento do Velho Chico. O debate em torno do potencial hidrelétrico do “rio da unidade nacional”, até ali inaproveitável, tornou-se o ambiente adequado para frequentes artigos em jornais e biografias referentes ao pioneirismo de Gouveia, legitimando o discurso sobre a viabilidade e a importância da CHESF (Maynard, 2016, p. 22).

Esta epígrafe, retirada da obra *O senhor da Pedra*, apresenta um pouco do entrelaçamento de narrativas acerca do “mito” do coronel modernizador dos sertões e do potencial hidráulico, energético e econômico do rio São Francisco, em particular, nas áreas próximas a cachoeira de Paulo Afonso e dos cânions de Xingó. Essa narrativa evoca uma das potencialidades econômicas da região, antes mesmo da Companhia Hidroelétrica do São Francisco (Chesf) ser símbolo de modernização e crescimento; associa as façanhas do pioneirismo do “coronel-empresendedor” Delmiro Gouveia ao então distrito da Pedra (Maynard, 2016).

A epígrafe ainda evidencia certa estagnação econômica do distrito da Pedra, atual município de Delmiro Gouveia (Alagoas, 1952), à época pertencente ao município de Água Branca, em meados do século XX. Região que, nas primeiras décadas do século XX, havia sido marcada pelas experiências empresariais de Delmiro Gouveia: fábrica de fiação e de tecelagem (Edmundson, 2018), usina hidrelétrica (Edmundson, 2018) e vila operária urbanizada (Correia, 1998). Além disso, em razão de sua posição de fronteira com outros três estados – Sergipe, Bahia e Pernambuco –, o distrito da Pedra, destacava-se pelo fluxo comercial e pelas vias de transporte ferroviário (Carvalho, 2016) entre Piranhas-AL, Paulo Afonso-BA e Jatobá-PE – atual Petrolândia (Carvalho, 2016).

A linha férrea, ativa até 1964 (Oliveira, 2003), possibilitou um tráfego contínuo de mercadorias, consumidores e feirantes para o distrito de Pedra – zona de trânsito comercial movimentada por pessoas da região e de fora dela, resultando em um importante movimento de imigração e emigração. As migrações provocadas tanto pelo fluxo de trabalhadores para a fábrica, usina e vila operária quanto para as atividades de comércio e de serviços informais, foram, aos poucos, somando-se ao movimento de imigração de sertanejos de outras regiões para Delmiro Gouveia, bem como do retorno de nativos à região. Segundo Nascimento (2015), ao estudar os caminhos das migrações em uma região de seca, a define como um processo:

social estrutural, onde a fluidez do capital irá interferir de forma direta e imediata na dinâmica demográfica e nas trocas populacionais de uma determinada localidade, modificando as suas relações sociais. O capital altera a forma com a qual as pessoas trabalham e a forma em que elas se envolvem socialmente e culturalmente. De forma desigual, a migração é um processo excludente em que a mobilidade da população é uma forma que o grande capital encontra para obter mais lucros através da exploração dessa massa de trabalhadores migrantes através de uma população que possa oferecer sua força de trabalho a baixos custos livremente em todo o território (Nascimento, 2015).

A respeito desse fenômeno das migrações, a empreendedora Jacira Carvalho da Silva Bezerra, natural do município de Mata Grande-AL, recorda-se que, em 1968, veio para Delmiro Gouveia seguindo o conselho da sua mãe. Segundo J. Bezerra, sua mãe, então comerciante de Mata Grande, via o município de Delmiro Gouveia como um polo em desenvolvimento, por se tratar de um entreposto de passagem e de comércio. Em torno dessa memória afetiva, a referida sertaneja narra:

Minha mãe nos ajudou muito, [nos] orientou... mãe [era] de Mata Grande... [era] uma comerciante que acreditava no possível. Ela disse que Delmiro Gouveia, por ser uma cidade de fronteiras, era um lugar certo da pessoa... de morar. Quer dizer [após esse conselho]... Eu cheguei aqui em 1968, dei meu primeiro pontapé (Bezerra, 2022, p. 2).

Nesse sentido, Jacira Bezerra destaca que, desde sua chegada ao município delmirenses, juntamente com seu esposo Sebastião, trabalhou próximo à feira livre. A feira situava-se em frente à Escola Estadual Delmiro Gouveia, nas adjacências da então *Cia. Agro Fabril Mercantil* (Carvalho, 2016; Nascimento, 2018)¹³, que atualmente, encontra-se em outro local. A mudança ocorreu durante os anos de 1980 a 1992, quando da implementação de um plano de reorganização urbana, que redefiniu os espaços comerciais da cidade e a deslocou para a área do atual mercado público, nas proximidades do bairro Eldorado (Menezes, 2008).

Em 1954, Alfredízio Gomes de Menezes, primeiro prefeito de Delmiro Gouveia, recebeu uma verba no valor de 74 mil cruzeiros e não sabia o que fazer com o dinheiro. Antonio Carlos Azevedo de Menezes, proprietário da Cia Agro Fabril Mercantil, atual fábrica da Pedra, a qual Alfredízio tinha sido contador, sugeriu que ele construísse um mercado público e que doaria o terreno. O mercado funcionou até 22 de setembro de 1992, quando foi inaugurado o Mercado Ulisses de Souza Bandeira, no bairro Eldorado, pelo prefeito José Bandeira de Medeiros. Com a saída do Mercado Público do centro da cidade foi também a feira livre, os

¹³ Vale ressaltar que a fábrica manteve esse nome até 1980, após sua venda ao Grupo Cataguases que mudou seu nome para Multifábrica Nordeste, em 1992, comprada pelo grupo Carlos Lyra, levando o nome FÁBRICA DA PEDRA S/A – FIAÇÃO E TECELAGEM. Ver em: Carvalho (2016, p. 276).

comerciantes foram contra a saída da feira, pois achavam que ia diminuir a venda devido ao sumiço dos clientes nos dias de feira. Com a desativação do antigo mercado, o prefeito vendeu o prédio (Menezes, 2008).

Segundo a narrativa de Eduardo Menezes, antigo morador de Delmiro Gouveia e colaborador do *Blog* de memórias *Amigos de Delmiro* (Menezes, 2008), no início dos anos 1970, a influência do presidente da Cia. Agro Fabril Mercantil para a construção do novo mercado público foi decisiva.

Outro fato relevante para a trama comercial informal da feira livre sobressai na narrativa de Olga Rodrigues de Mendonça (2023), empreendedora da feira, natural de Água Branca, que acompanhou o processo da mudança ainda na sua adolescência enquanto sua mãe verdureira, negociava, ao evocar a importância que a feira livre tinha no centro da cidade para os comerciantes formais e informais. Mendonça (2023) mensurou sobre esses processos de transição e os interesses políticos.

Avenida toda de Castelo Branco, era só feira ali, eu lembro que tinha uns pés, tinha uma avenida indo e outra voltando, tinha uns pés de Algaroba que caíam muitas bajizinhas [...] tinha a banca do seu Olavo do queijo e era muito interessante, e descendo mais, assim próximo a Magazine Luiza, ali ficava um monte de mangas para mim, que eu estou vendo, eu estou ... Eu estou falando com você, eu estou revivendo um momento, e isso é muito bom. Por isso que eu disse a você, o conhecimento é a única coisa que ninguém rouba de você, e você fez eu lembrar agora, era muito interessante e a feira era muito movimentada, vinha muitos carros de fora [...] depois houve uma mudança que a feira tinha que sair dali daquele ponto, é porque a cidade estava se expandindo, e os carros ... estavam atrapalhando os carros passar por aí, mais ou menos isso, coisas de política e aí foi quando fizeram aquele mercado lá, que tem até o nome Ulisses Bandeira, então lá no Eldorado (Mendonça, 2023, p. 3).

As “coisas de política”, como Mendonça (2023) comenta, são reforçadas pelo contexto mais amplo. A cidade de Delmiro Gouveia passava por esse apagamento diante da memória do mito fundador, problemas que vão da Primeira República até os anos posteriores, um exemplo disso é com a visita de Café Filho evidenciado por Maynard (2016, p. 123).

Ao mencionar no longo discurso inaugural da CHESF as personalidades que, de um modo ou de outro, estiveram ligadas às lutas pelo aproveitamento das quedas de Paulo Afonso, o presidente Café Filho (1899-1970) simplesmente esqueceu ou ignorou Delmiro Gouveia. O espanto geral foi maior por questão geográfica. Afinal de contas, Café Filho era também ele nordestino. Um biógrafo observou que “se fosse com o General Dutra, Getúlio ou outro sulista, perdoaríamos”. Não bastasse isto, a já mencionada entrevista de Maria Gouveia foi tomada por alguns jornalistas e intelectuais para qualificar o discurso inaugural da Companhia como um lapso, uma gafe. Delmiro fora olvidado. E a ideia do “esquecimento” serviu para argumentar que o processo de implantação da Companhia estava incompleto

sem a presença do cearense. Era necessário remontar a memória do "precursor". Reacender o seu mito.

O Sertão é a parte que para o Nordeste oligárquico está ligado às crenças e mão de obra barata, porque o retorno das políticas higienistas (educação, trabalho, economia e ordem) e a separação entre classes e espaços também devem seguir essa mesma lógica. Esse aparato político e centralizador pode ser visto através de Albuquerque Jr. (2011) enquanto espaços de decadência, muito conveniente para a continuidade de controle dos políticos coronelismo (Nascimento, 2018).

O Nordeste seria esta região não especificamente europeia, como estava se tornando São Paulo, e, por isso, era a região verdadeiramente brasileira. Portanto, também do Nordeste estaria saindo o movimento de renovação das letras e das artes brasileiras. Um movimento com condições "ecológicas" próprias. As tradições desenvolvidas à sombra das casas-grandes, das senzalas, das igrejas, dos sobrados, dos mocambos, dos contatos "afetivos" de brancos com negros e índios eram o substrato verdadeiramente nacional de nossa cultura (Albuquerque Jr., 2011, p. 1-2).

As tentativas de separar a economia comercial da feira livre e em torno da fábrica da Pedra evocam os fantasmas do transferir para modernizar, o que para Jacira Bezerra não influenciou, à medida que seu público-alvo era maior que de operários da fábrica (poder de compra) e os consumidores e feirantes não influenciaram para que continuassem a prosperar com o comércio fixo e central, diferente da situação de Mendonça (2023) e demais feirantes, com a retirada das barracas da feira livre.

E aí foi feita aquela transição da feira local de onde era, no centro da cidade, mudou aquela feira para lá, e depois que mudou aquela feira para lá, eu também acompanhei, o movimento da feira já não foi mais o mesmo. O pessoal, algo ou alguém se perdeu, enfim, outras pessoas desistiram de ir para lá para esse ponto, é, outros foram para Paulo Afonso, outros foram ficando velhinhos, outras pessoas que vinham para Delmiro, devido à mudança da feira. Porque você sabe, em uma mudança ela traz muitas consequências, traz benignidade para uns e para outros traz coisas ruins, né? E muitas pessoas se beneficiam, outras se prejudicam (Mendonça, 2023, p. 3).

Após a abertura do novo mercado e a venda do prédio antigo, os proprietários do armazinho Bezerra compraram parte dos pontos comerciais que pertenciam ao antigo mercado público. Segundo ela, como a mudança do mercado não afetou as vendas do armazinho, em razão dos trabalhadores da fábrica serem o seu maior público consumidor, conseguiram acumular recursos para aquisição de imóveis e pontos comerciais na região do antigo mercado.

Antes, no começo, [a feira e o comércio] era muito minúsculo. Só tinha fábrica, farmácia, uma casa funerária e três lojinhas [...] tinha os funcionários, muito lindo [mesmo era] a saída e entrada de funcionários [da fábrica], como eu já disse, só tinha uma farmácia, duas lojas, uma mercearia que era de seu Zé Alves e tinha o pessoal dos Barbosa, que tinha [um] mercadinho. Era tudo muito pouco e tinha Adão Cardoso que tinha um mercadinho... era tudo muito pouco. E nós, eu e Sebastião [meu esposo], a gente entrou com a área de confecção que vendia do lenço de cabeça até a meia. Vendia de tudo. Era uma beleza, quanto mais ele trazia mais ele vendia. E o nosso potencial maior era os funcionários da fábrica, todos eles se tornaram clientes. Foi uma lindeza, nossa banca era enorme, era aqui de frente do colégio Delmiro Gouveia, as sextas-feiras à tarde, todo mundo recebia semanal, pagava ali aquele dinheiro. Meu marido já viajava... E cada dia era como eu lhe disse, era Deus que permitiu (Bezerra, 2022, p. 1-2).

As mensurações realizadas no censo de 1959 pelo IBGE demonstram traços similares às lembranças de Bezerra, o comércio está em desenvolvimento mediante a Fábrica, a zona comercial de varejos tomou a forma e grande peso para a região. Assim, os pequenos empreendimentos foram surgindo, principalmente antes do fechamento da linha férrea.

Quanto às pequenas atividades industriais, existem no município 3 estabelecimentos produtores de farinha de mandioca; 1, de selas e arreios para animais; 1, de tijolos e telhas; e 1, de alpercatas sertanejas. COMÉRCIO E BANCOS – O comércio é bastante desenvolvido. As transações são feitas, de modo geral, com as praças de Maceió e do Recife. Os principais produtos exportados são: tecidos, fios, redes, óleo de caroço de algodão e peles de ovinos e caprinos. Os principais artigos importados são: algodão, milho, feijão, arroz, tecidos e ferragens. Existem 3 estabelecimentos atacadistas e 29 firmas do comércio varejista. Esta última atividade teve o giro comercial de Cr\$ 10.419.676,00. Não há estabelecimento bancário em Delmiro Gouveia. O movimento é feito através das Agências do Banco do Brasil, de Santana do Ipanema e Palmeira dos Índios (IBGE, 1957).

O pequeno comércio, destacado nas memórias de Bezerra, também pode ser apreciado nas fotografias da cidade no curso da década de 1960; fica evidente a existência de poucos prédios e estabelecimentos comerciais centrais (Figuras 8, 9 e 10).

Figura 08 – Comércio de Delmiro Gouveia na década de 1960



Fonte: Ticianeli (2016).

Assim como evidenciou Peter Burke (2017), as imagens são formas de contar a história, elas têm intenções e querem transmitir algo. Diante disso, a Figura 9 foi uma das raras imagens que demonstram esse comércio, as construções, até mesmo na organização, é quase que padrão os tamanhos das construções, a rua larga dava lugar a carros e bancas de feiras.

Tradicionalmente, os historiadores têm se referido aos seus documentos como “fontes”, como se eles estivessem enchendo baldes no riacho da Verdade, suas histórias tornando-se cada vez mais puras, à medida que se aproximam das origens. A metáfora é vívida, mas também ilusória no sentido de que implica a possibilidade de um relato do passado que não seja contaminado por intermediários (Burke, 2017, p. 23).

Assim, a feira livre (Figura 9) traz a centralidade de uma banda de pífanos, expressão cultural popular, muito comum nas feiras livres. Antes da transição, a criança observa atenta, possivelmente, enquanto sua mãe comercializa ou compra as mercadorias sortidas, itens do dia a dia, domésticos em cima de lonas, uma banca do lado esquerdo demonstra sacos de comida sem definições específicas de cada segmento, mensurados também na fala de Mendonça (2023, p. 3) “da frente da minha mãe, assim na frente da barraca, eles vendiam, esse era tudo misturado, era assim, era verdura, era farinha, era feijão, era queijo [...] para mim, que eu estou vendo”. Ao lado direito, uma senhora com chapéu está comprando; ao fundo, a escola que leva do nome de Delmiro Gouveia, a praça que percorre a escola e o comércio local.

Figura 09 – Feira livre de Delmiro Gouveia entre as décadas de 1970/80



Fonte: Tavares (2008).

Jacira Bezerra descreve também como era o comércio no contexto da década de 1960: um comércio pequeno com lojas de vestuário, mercadinhos/mercearias, farmácia, funerária, além do mercado público e das bancas da feira livre que ocorriam às sextas-feiras. Em relação à memória espacial e afetiva desse espaço, enquanto pesquisadora, filha de moradores da cidade, lembro dos relatos da avó sobre um tio avô, Geraldo Bezerra Cavalcanti, a respeito de uma loja de roupas muito conhecida e movimentada, bem como de suas lembranças da feira como uma atividade econômica pujante.

Figura 10 – Antigo mercado público e traços da feira livre no centro da cidade 196?-197?

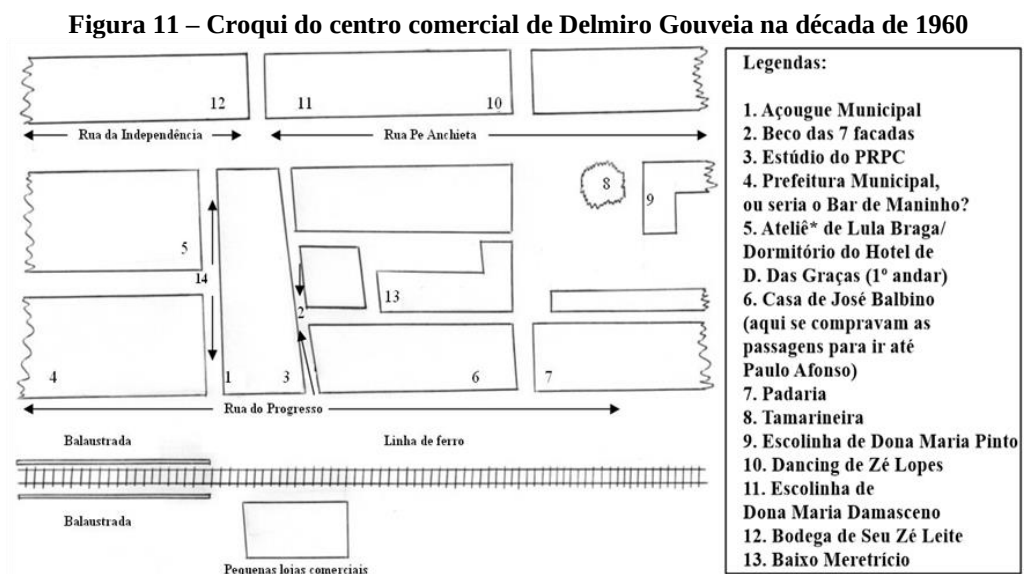


Fonte: Guedes (2000).

A fotografia traz, em primeiro plano, o antigo mercado de carnes (esquina), na outra esquina um mercadinho (hoje pertencente à galeria Bezerra e filhos, que comprou após a retirada da feira livre), mulheres que costumeiramente utilizam lenços na cabeça para a proteção do sol no cabelo e adornos (item o qual J. Bezerra e o esposo vendiam na feira livre); já ao fundo, o prédio branco é a antiga escola GVM (Ginásio Vicente de Menezes), os altos falantes no poste era o ponto elencado por Mendonça (2023), enquanto Ponto Regional de Propagandas Comerciais (PRPC), local este que sua mãe vendia as verduras.

Eu lembro que hoje, onde hoje é a igreja, aquela igreja Universal do Reino de Deus, eu lembro que ali, bem ali, naquele ponto, tinha um ponto do PRPC, era uma Difusora e a minha mãe vendia bem ali, onde faz as curvas, ali da barraca da minha mãe, era ali, inclusive a da sua avó, né, dona Lourdes, era, assim, mais para frente (Mendonça, 2023, p. 3).

Ainda sobre o referido comércio na década de 1960, o croqui a seguir (Figura 11), desenhado por Paulo da Cruz, publicado no *Blog Amigos de Delmiro*, localiza e enumera 13 espaços do referido comércio, assim identificados: 01. Açougue municipal; 02. Beco das 7 Facadas; 03. Estúdio do PRPC; 04. Prefeitura Municipal ou um bar; 05. Ateliê; 06. Casa no qual vendiam passagens para a cidade de Paulo Afonso; 07. Padaria; 08, rua Tamarineira; 09. Escolinha de Dona Maria Pinto; 10. Dancing; 11. Escolinha de Dona Maria Damasceno; 12. Bodega do Seu Zé do Leite e 13. Baixo meretrício (zona de bares e também de prostituição ao redor e que, junto ao beco de 07 Facadas, alimentava um fluxo contínuo de pessoas de dentro e de fora da cidade, intensificado nos dias de feira) (Silva, 2017).



No curso das décadas de 1960 e 1970, vale destacar também os processos da comemoração de 25 anos da emancipação de Delmiro Gouveia (1979), e a política de *macondo*¹⁴, da Arena alagoana (partido no período da ditadura), ao inaugurar hospital, assim como o prédio da Prefeitura era recente, o até então prefeito era Rosalvo José de Souza.

Figura 12 – Comemorações de 25 anos da emancipação de Delmiro Gouveia (1979)



Fonte: Souza (2009).

Ao observar os traços da organização de militares no palanque (Figura 12) é notório a figura de algumas mulheres, essas possivelmente tinham cargos em órgãos públicos (direção escolar). Vale citar que, em meados de 1980, a cidade teve a passagem do presidente Figueiredo para a inauguração da adutora de água para o Sertão. Essas passagens e as interações políticas mostram um quadro mais conservador e central: o Presidente Figueiredo (esquerda) e ao fundo, ao centro, com terno claro, o prefeito Rosalvo José de Souza que permaneceu até o final de 1982 (Figura 13).

¹⁴ Alusão dada, a algo que parou no tempo e esqueceu de evoluir, termo comumente dito em trocadilhos e postagens do *Blog Amigos de Delmiro*. Utilizado do conto de: MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de Solidão**. Rio de Janeiro: Record, 1928.

Figura 13 – Presidente Figueiredo visita Delmiro Gouveia 1982



Fonte: Souza (2009).

Acabamos de presenciar a assinatura de vários atos entre o Governo Federal e o Governo do Estado de Alagoas. Eles dão seguimento a uma política de estreita colaboração em benefício do desenvolvimento do Estado e do bem-estar de seu povo. Não necessito recordar, entre os presentes, amigos e correligionários, os resultados altamente positivos, para o Estado, dessa união de esforços em favor de seu progresso. É preciso, entretanto, que, no interesse do próprio Estado e na defesa de nossos ideais, mantenhamos a mesma coesão, a mesma identidade de propósitos, a mesma perseverança na luta pelo programa do Governo. Nossos objetivos têm o mérito da clareza e da simplicidade. Buscamos o desenvolvimento da sociedade brasileira num quadro institucional democrático. Nosso projeto político não visa à grandeza do Estado, enquanto entidade abstrata, mas à felicidade do povo brasileiro. Essa perspectiva humanista explica a concentração de esforços em prol da melhoria das condições de saúde, alimentação, habitação e transporte, especialmente da população mais pobre. Ciente das limitações que a situação econômica impunha a tal política institui o FINSOCIAL. Seus recursos, geridos pelo BNDES — ampliado agora em sua área de ação —, serão canalizados para projetos de interesse social naqueles setores prioritários. É política que se justifica pelo seu objetivo (Figueiredo, 1984, p. 37-38).

As falas políticas tiveram como pauta no mesmo período alianças e “colaboração” entre as figuras oligárquicas do governo alagoano, ano das campanhas eleitorais. O discurso por ocasião da solenidade de assinatura de atos entre os governos federal e estadual, mantiveram os jogos de interesses, o que adentram a Delmiro Gouveia como um dos palcos políticos e manutenções dos poderes. Apesar das falas, o plano de modernização estadual e regional, o quadro de uma das piores secas (1979-1985) em todo Nordeste, a crise econômica e o fracasso do planejamento econômico nacional, estereotiparam cada vez mais os sertões para o atraso e retrocesso. De acordo com Castro (1991, p. 73):

Existe uma questão social, provocada por condições climáticas desfavoráveis, cuja solução depende dos recursos que devem ser canalizados para a região. É bastante

evidente, na maior parte dos pronunciamentos, que a região é tratada como uma homogeneidade social, na qual todos os segmentos vivenciam igualmente as mazelas regionais, sendo necessário que todos se unam para buscar as soluções, materializadas nos recursos que atenderão às expectativas das diferentes classes da região. Na realidade, as relações sociais desiguais e as condições estruturais regionais, que preservam esta desigualdade, são discutidas por um número bem reduzido de parlamentares. Para a maioria, tanto umas como outras não constituem questões relevantes, já que tanto os problemas como as soluções para a região são vistos como acima da vontade de seus habitantes, entre eles as suas elites, tanto econômicas como políticas.

Voltando para o período de 1960-1970, a fábrica da Pedra começou a vender as casas da Vila Operária aos funcionários – enquanto estratégia para quitação de passivos trabalhistas (Correia, 2022). A partir desse contexto, os estudos relacionados evidenciam a ocorrência de mudanças nas fachadas e na divisão interior das casas da Vila Operária, outrora distrito da Pedra. E dessa fase, também a retirada da cerca que separava o núcleo urbano do atual bairro Pedra Velha, área periférica, marginalizada, próximo ao açude construído para abastecer os empreendimentos do empresário Delmiro Gouveia.

A retirada da cerca alterou os limites simbólicos entre “os de dentro” e “os de fora do arame” (Correia, 2022), sinalizando a construção de outros arranjos sociais para um aglomerado urbano e citadino originalmente industrial, mas que décadas depois também passou a ser marcado por movimentos/comemorações religiosas (Barros, 2017), disputas em favor da reforma agrária (Silva, 2022), expansão do Ensino Superior público (Gaia, 2014) e, mais recentemente, consolida-se como cidade prestadora de serviços com a inauguração do hospital regional (Agência Alagoas, 2021) e de comércio com a transformação do prédio da fábrica no Shopping da Vila (Soares, 2022).

Correlacionando esses acontecimentos, em décadas anteriores, o processo de construção e expansão das usinas da Chesf, em particular da construção da usina hidrelétrica de Xingó, impulsionou os empreendimentos comerciais e de serviços do grupo Bezerra para além do armazém originado da mencionada banca de feira livre. Nessa fase, surgiram lojas de móveis, restaurantes, eventos, decorações e *buffet*, assim como, lojas de calçados e confecções nos anos 1999-2017¹⁵.

A expansão do capital proporcionado pelo fluxo de trabalhadores/as na região, associados às obras da CHESF, permitiu ainda ampliar a expansão e crescimento de outros empreendedores. Como afirma Bezerra:

¹⁵ Ao pesquisar as empresas do grupo Bezerra, obteve-se o resultado, entre as filhas(os) com cônjuges, ou sociedade entre irmãos com mãe ou individualmente a soma de dez empresas ativas até o presente ano de 2022 em Delmiro Gouveia, Alagoas, outro aspecto são os CNPJS acompanhado do sobrenome BEZERRA forte até mesmo com CNPJS entre os casais BEZERRA & AGUIAR; BEZERRA & SANTANA. Disponível em: <https://cnpj.linkana.com/cnpj/BEZERRA-&-FILHOS-LTDA/11441012000178>. Acesso em: 11 out. 2022.

Nós só ficamos lá [em Xingó/Piranhas] até enquanto deu certo. Ainda hoje tem a loja, com o nome representativo, mas já em nome da segunda pessoa, que é uma ex-funcionária. A loja existe, mas aquela época foi a época que desenvolveu tanto Delmiro Gouveia, em tanta coisa. Naquela época só tinha uma pousada em Delmiro Gouveia, que era a Sete de Setembro, que era de Zé Major, ele veio de São Paulo, fez aquela pousada, e daí para cá tudo cresceu [...] eu não tenho na minha memória [o ano correto], mas tem a empresa que a gente abriu lá, foi no dia 01/05/198? alguma coisa. Foi na época mesmo do Xingó, foi Xingó funcionando e a gente funcionando a loja, foi uma grande jornada (Bezerra, 2022, p. 4).

Outro ponto de vista sobre a migração para o município delmirensense pode ser analisado a partir da narrativa da empresária Maria Fabiana dos Santos Alves (2022), 47 anos. Ou seja, ela saiu da cidade de Petrolândia-PE com seus familiares para Delmiro Gouveia em 1983, à época com oito anos de idade. O pai, mineiro, trabalhou nas linhas de transmissão de energia elétrica. A mãe, pernambucana, possuía uma "bodeguinha" em casa. Em sua narrativa, Alves (2022) destaca que nasceu Petrolândia-PE:

cheguei aqui com 8 anos de idade, estou aqui há 39 anos. Desses 39 anos, eu morei 2 anos em Paulo Afonso [...]. Meus pais, minha mãe falecida, agora já faz 2 anos que ela enfartou, meu pai está vivo, é Fabiano dos Santos, é mineiro e mãe pernambucana, nasceu e morava em Petrolândia também, aí se conheceram lá e fizeram família [...] A minha mãe em casa, ela sempre vendia alguma coisa, 14 não, 12 anos, minto, meu pai trabalhava fora, ele fazia transmissão.

A migração da família da Alves, sertaneja, empreendedora e policial militar de Paulo Afonso-BA, foi ocasionada por motivação econômica, urbana e ambiental, associada à construção de usinas hidrelétricas ao longo do rio São Francisco. Petrolândia-PE foi uma zona afetada com os impactos, tanto ambientais quanto de desigualdades sociais que se agravaram naquela região, tal qual de outras regiões sertanejas, assim como Paulo Afonso-BA e Piranhas-AL (Braga, 2020; Barboza, 2021; Nascimento, 2019). No caso de Petrolândia:

No ano de 1976 foi implantado um canteiro de obras em Petrolândia, para a construção da Usina Hidrelétrica que viria a se chamar Luiz Gonzaga [...] As obras duraram 12 anos, até a conclusão e reassentamento populacional, nesse período a população urbana de Petrolândia cresceu 7,3% entre 1960-80 o que impactou diretamente na qualidade de vida local, acentuando as desigualdades nas classes mais periféricas do município, a dinâmica social e os serviços prestados (Braga, 2020).

A partir desses desfechos, nota-se que a situação do pai da empresária que trabalhava com transmissão de rede mudou, ou seja, passou a trabalhar em condições de serviços mais instáveis e precárias, fato que estimulou sua migração para sua terra Natal (Braga, 2020). No

que se refere ao empreendedorismo de Alves (2022), mesmo que concursada pela polícia da Bahia e trabalhasse em Paulo Afonso, para que seu esposo não tivesse que migrar para a capital para estudar, abriu uma loja de instalações e de materiais elétricos – ramo associado a área de trabalho do esposo na fábrica da Pedra:

Trabalhou na fábrica, foi eletrotécnico por dez anos. E, ele queria ir para Maceió para fazer engenharia, como eu já tinha um sonho de abrir um comércio, que eu tenho que abrir uma loja, tenho que abrir alguma coisa, porque na polícia durante os 30 dias eu trabalhava 7, ficava 23 dias em casa. E, assim, eu não gosto de ociosidade. Eu disse: ou eu abro o comércio, ou volto para a faculdade ou arrumo um menino [...] minha mãe sempre dizia: “em terra de cego que tem um olho é rei”, então, assim, se você começa um negócio, só tem você, você tem mais chance de prosperar, e foi nessa pegada que a gente abriu a Mattel, que são materiais elétricos, porque o meu marido é especialista nessa área. Então, ele também era plantonista na fábrica e eu plantonista na polícia, então a gente tinha como ficar na loja, revezando horários [...] Foi pensando para o meu marido não ir embora, não ir porque ele queria fazer em Maceió engenharia elétrica, aí eu digo: ‘aí, não quer ir fazer engenharia, e eu ficar aqui só, se eu trabalho na Bahia, para que essa viagem toda, não, abrir um negócio aqui é melhor (Alves, 2022, p. 3).

As narrativas de Alves e Bezerra, entrelaçam-se também as da empresária Estelaine Crisóstomo de Jesus de 50 anos (2022), natural de Belém-PA, que chegou na região, inicialmente em Paulo Afonso, no final da década de 1990, para atuar na área de edificações. Após dois anos de trabalho na Chesf, ela resolveu empreender.

Então, quando eu vim morar no Nordeste, no ano de 1997, trabalhei em Paulo Afonso, mas foi na minha área técnica, em obra, então foi a minha primeira experiência com obra, cuidei de 28 trabalhadores na área. E aí eu já comecei a tomar conta de obras, já comecei a esquematizar o dia a dia de cada um e tudo e fazendo medição para Chesf, era onde eu trabalhava. Na época, trabalhei dois anos com isso, e aí o que aconteceu? Foi uma grande bagagem que eu adquiri. Não tanto em salário eu era bem nova, entre 23 a 25 anos, então o meu salário era pequeno, porém a experiência que eu ganhei foi um absurdo, passei três anos em Paulo Afonso por questões pessoais de relacionamento e tudo (Jesus, 2022).

Após o trabalho na Chesf, Jesus abriu sociedade com o seu companheiro, posteriormente, buscou o próprio comércio. Na época, mesmo grávida e com uma criança de 1 ano, realizou alguns estudos de mercado e por sugestão de familiares do ex-companheiro, mudou-se para Delmiro Gouveia, onde montou uma loja de pisos e revestimentos nos anos 2000. O empreendimento não tinha muita concorrência, fato que favoreceu o seu negócio; ela narra:

tinha que tomar uma atitude, voltar para a minha antiga profissão, eu não poderia, estava grávida para arrumar um emprego, então ia ser super complicado. Aí eu vi que não deu certo, como é que eu ia voltar para casa da minha mãe grávida e com outra criança de 1 ano, então, tudo isso me fez procurar uma estratégia de vida. Aí

eu disse: ‘olha, Marcelo, me ajude a colocar uma empresa, que eu vou tentar organizar em cima dela minha vida’. Foi um recomeço. Na verdade, no ano 2000 eu tinha 28 anos, eu digo que foi um recomeço na minha vida [...] A família dele, algumas pessoas que eu conhecia, já passaram por Delmiro Gouveia, já passaram por Canindé-SE, e algumas cidades com esse produto que eu trabalho e serviço. [...] Eu estudei duas cidades de Jeremoabo-BA e Delmiro Gouveia-AL, em Delmiro Gouveia, tinha muito mais habitantes e não tinha tanto esse produto (Jesus, 2022).

A narrativa de Jesus, assim como as de Bezerra e Alves, mostra as condições em que cada uma delas tomou a iniciativa de empreender. Um ponto em comum entre elas é o papel do(s) esposo(s)/companheiro(s), a constituição de um empreendimento em sociedade, e a dinâmica de administrar o casamento e cuidar dos filhos. Nesse sentido, Alves narra:

O comércio [aqui em Delmiro Gouveia], como eu falei, é meio a meio. A maioria absoluta das lojas, na maioria trabalha o casal. Pode observar! Olha, se você não vê, eu olho muito sempre aqui mesmo, fora aquelas redes [empresas associadas a grandes grupos comerciais], os outros comércios são de casais, onde trabalham homens e mulheres que trabalham ali para prover [...]. Porque quando a gente vai nas reuniões do Sebrae, você vê, nos cursinhos você vê, as palestras você vê, então assim, têm muitas mulheres nas palestras, então é meio a meio e quando não vai a mulher vai o marido, e a gente está aqui no comércio, meu marido mesmo atende Delmiro inteiro, Inhapi, Piranhas, Olho d'Água, então é assim, está no mercadinho lá uns 200 mercadinhos, está lá, então, sempre vai ter essas empresas, vai ter um casal, Pisebem, a Casa Design, a Matel a gente dividiu, porque eu vim para cá, e ele foi para lá, mas assim, ele é meu sócio aqui, eu sou sócia dele lá (Alves, 2022, p. 13).

Apesar das entrevistadas apresentarem um elo em comum em suas narrativas, de que os negócios surgem em meio a iniciativas de casais, ressalta-se que nem todos os empreendimentos seguem esse modelo/forma/sociedade. Esse destaque simbólico pode ser visto na narrativa de Alves (2022, p. 12, p. 4-5):

Assim que a Matel chegou em um momento de gestão, por pura inexperiência da gente, depois a gente foi estudar que a gente viu que eu e Genilson [Esposo de Alves] estávamos assim – tinham duas pessoas onde só cabia uma, fizemos um curso em São Paulo muito bom, Empresa Autogerenciável, com o Marcelo Germano – inclusive, foi a Ester [apelido de Estelaine, uma outra entrevista] e Marcelo [Ex esposo da Jesus] da Pisebem que nos levou, foram três dias de imersão no curso, muito bom. E de lá para cá, fui para Feicon também, uma feira Internacional em São Paulo, muito boa, estou sempre e gosto muito de viajar. E a gente viu que, eu vi que tinha potencial para abrir um outro negócio, porque são negócios pequenos, aqui não tem como você fazer um negócio grande aqui de diferente [...] Eu acho muito assim, na minha prática, acho muito estressante, eu não gostaria ‘aí não, eu vou pensar, eu vou procurar um ramo, setor que eu possa desenvolver minhas habilidades e que também não tem esse peso, que possa ser autogerenciável’, que ela possa se replicar, que ela possa, não é para fazer franquias que eu possa então ... depois do curso, um monte de ideias na cabeça. O modelo que eu tenho aqui em Delmiro Gouveia, eu posso colocar em Mata Grande, posso colocar em Paulo Afonso.

Apesar dos modelos destacados entre empresas de casais, o espaço e a conduta de interpretação sobre o fragmento “duas pessoas onde só cabia uma” enfatizam condições de descontentamento ou até mesmo divisões de poder conflitantes. Sugerem ainda que os espaços, antes compartilhados na gestão empresarial, começaram a ser divididos (expansão ou divisão para mais empresas com direções descentralizadas entre os cônjuges), principalmente na fala de Alves e também evocada por Jesus enquanto um ambiente não propício.

[...] justamente é meu esposo, era um relacionamento e uma empresa familiar, e assim, existe uma competitividade, uma competição que não tinha necessidade de existir, porque eu sou muito boa em umas coisas, e ele é excelente em outras, e juntando os dois se completa e se forma tanto, que são 20 pessoas que trabalham comigo, mas eu meus dois filhos e mais outras pessoas. Então quando se soma, cada um vem com uma ideia diferente, tem uma função diferente, e um não fica no setor e não sobrevivem sem o outro. Todos os setores são interligados. É tipo uma família, a gente precisa um do outro sempre, então, mas ele não ver o relacionamento do casal, se o homem não der valor a mulher, quer dizer, uma empresa que está o marido e a mulher dele, não der valor a ela, da forma que ela dá, aí sim, isso eu acredito que foi discriminação que eu passei lá dentro. Infelizmente foi “logo” com o marido. Mas assim, acontece [...] Acontece isso, acontece com colegas de trabalho, eu como eu falava para ele: ‘Olha Marcelo eu já trabalhei muito em empresa e sempre fui respeitada, todo lugar que eu trabalhei, sempre fui respeitada e quando chegar na minha própria empresa, não ter o respeito de quem era para ser meu companheiro dentro, para a gente pensar junto, nas soluções de tudo, na administração, nas decisões, aí você não dá valor’ (Jesus, 2019, p. 5).

Esse processo de discriminações e, por vezes, de incompatibilidade, termina por suscitar a formação de novas empresas e/ou a expansão das unidades empresariais. Parece ter sido o caso, tanto de Alves quanto de Jesus. Em suas narrativas, mesmo seus maridos como sócios, expandiram outras empresas, no caso da Jesus continuou no mesmo ramo de pisos e revestimentos e assumia na época a empresa que ia declarar falência de familiares do esposo, em Petrolândia-PE, deixando a diretoria da empresa de Delmiro por alguns anos ao seu esposo o qual reformulou a empresa e conseguiu sair do vermelho e valer acima 0,5 milhão de reais e sendo colocada junto ao grupo de seus investimentos; Já Alves criou a empresa Festas, no qual saiu da diretoria da Matel e assumiu apenas a de empresa de ornamentações e festas.

Diferentemente das narrativas de Alves e Jesus, a situação da empresária Bezerra seguiu um rumo um tanto promissor, pois não saiu do armário. Ao explicitar que “armário foi mãe”, Bezerra (2022) destaca que a construção de outras lojas só foi possível graças ao armário e a organização familiar. Contudo, vale ressaltar que a loja de móveis aberta posteriormente, leva o nome Bezerra & filhos e na lateral grupo Sebastião

Bezerra & filhos (Figura 14), o que ressalta um possível papel e divisões comerciais entre o casal em gerências e sociedades separadas.

Figura 14 – Lateral da galeria Bezerra – loja2



Fonte: Google Maps. Acesso: 28 dez. 2022.

Nota-se, nesse sentido, o gerenciamento da loja de móveis pelo falecido esposo de Bezerra e ela, enquanto gestora principal do Armarinho, salientando expansões descentralizadas e individuais, expondo o processo de individualidade de mulheres empresárias, mesmo que casadas ou que queiram os empreendimentos em âmbito familiar; o modo de gerir feminino difere do masculino, o que traz conflitos, separações e até mesmo serve de motor de crescimento aos MPEs.

Diante disso, em meio às dificuldades, vemos que essas mulheres conseguiram realizar grandes feitos: Alves empreendeu a segunda empresa de Festas, empresa autogerenciável e sem treinamento técnico especializado; Jesus expandiu seus negócios para Petrolândia-PE (no divórcio, a empresa passou a ser do ex cônjuge), e atualmente Arapiraca-AL; e Bezerra, ainda quando seu cônjuge estava vivo, expandiu os armarinhos aos bairros e para Xingó-Piranhas, para ramos de *buffet*, restaurantes, festas e decorações.

Em meio aos primeiros recortes de tempo aqui denotados, se faz necessário interpor as falas das entrevistadas com a visão de temporalidade. Para François Hartog (2013), a escolha temporal visa a reconstrução dos fatos. A própria ideia de linearidade não é algo tão simples, o regime de historicidade possui memórias, essas que estão mais próximas do sujeito que fala.

O uso que proponho do regime de historicidade pode ser tanto amplo como restrito: macro ou micro-histórico. Ele pode ser um artefato para esclarecer a biografia de um personagem histórico (tal como Napoleão, que se encontrou entre o regime moderno, trazido pela Revolução, e o regime antigo, simbolizado pela escolha do Império e pelo casamento com Maria-Luísia de Áustria), ou a de um homem comum; com ele, pode-se atravessar uma grande obra (literária ou outra), tal como as *Mémoires d'outre-tombe* de Chateaubriand (onde ele se apresenta como o "nadador que mergulhou entre as duas margens do rio do tempo"); pode-se questionar a arquitetura de uma cidade, ontem e hoje, ou então comparar as grandes escansões da relação com o tempo de diferentes sociedades, próximas ou distantes. E, a cada vez, por meio da atenção muito particular dada aos momentos de crise do tempo e às suas expressões, visa-se a produzir mais inteligibilidade (Hartog, 2013, p. 13).

Assim, Hartog (2013), ao cogitar a noção de tempo, toma a noção de Regimes de Historicidade, no qual o conceito de regime tem maior valor comparado à ideia de época. Por isso, o regime é uma experiência temporal que se mescla com presente, passado e futuro na escrita histórica. Sempre que a noção de época permanece próxima ao sentido de periodização ou de cronologia histórica, sem haver uma conotação da história vivida, assim entra essa revalorização da memória.

Esse presente, aparentemente tão seguro de si e dominador, não surgiu, todavia, em um dia (na última terça parte do século XX), como tampouco é uma novidade radical. De certa forma, todo grupo, toda sociedade, ontem como hoje, pode contar apenas com seu presente (Hartog, 2013, p. 13).

Na fala de Jacira Bezerra, ao se posicionar quem é diante de tempo e espaço “Quem é a Jaciara? É filha de Jacira. Quem é Jacira? Esposa de Sebastião. Quem é Sebastião? Aquele que tem um grupo de lojas” (Bezerra, 2022, p. 6). Os valores simbólicos de mãe e esposa são construtores para a memória da matriarca. A historicidade entre presente e passado se mescla às condições de identidade social e simbologia da cultura (mãe e esposa). A construção da ambivalência feminina é acordada com a simbologia de dominação do feminino, a construção da mulher virtuosa, a boa esposa e mãe que está ao lado do esposo (apesar da morte), sistema que ultrapassa séculos.

As mulheres não são empregadas do homem, elas não são para viver em função do homem, elas têm que ter seu lado profissional, tem que ser mãe, elas têm que estudar, elas têm que ter o seu lazer, têm que dirigir. Eu vejo tanta coisa que não acontece, ainda, que as mulheres pensam que não podem (Jesus, 2022, p. 13).

As mudanças e os processos de conquistas podem ser notórias, mas elas ainda acompanham as hierarquias em espaços e nomes. Diante da fala de Jesus, as mudanças entres espaços e poderes tomam a noção de lugares, mas não são totalmente desarraigadas,

como afirmou Hartog (2013) sobre o presente se basear no passado e nas próprias vivências. Aqui, a visão de patriarcado impera e evoca os lugares de fala, as relações de gênero e categoria.

Até mesmo a construção da ideia de feminismo pode ser compreendida através de regimes de historicidade. Em Alves, Jacira Bezerra, Silva, Mendonça e Jesus – quando perguntado sobre empoderamento e feminismo, dada a importância dos temas, elas se esquivam de respostas objetivas. Bezerra e Silva fizeram pausas estratégicas para responder. Essa ligação de lutas e espaços conquistados foi importante, mas até o entendimento ou a construção entoam revoltosas e para abandono do papel feminino, na radicalidade:

Porque quando você levanta a bandeira do empoderamento feminino é algumas até falam de feminismo. Elas tiram ou querem tirar ou colocar de lado a figura do homem, a figura do companheiro. E da mesma forma que a gente quer, que todas as mulheres valorizem, que tem um companheiro. Elas precisam dessa pessoa do lado, a pessoa do lado para dividir. É muito mais fácil ou menos difícil qualquer empreitada que você for, você tem uma pessoa do lado (Alves, 2022, p. 17).

Que às vezes a gente acredita que não tenha relação com feminismo, ‘ah meu dia a dia’ – eu já tenho 51 anos de idade assim. Tem a ver com feminismo ou não. A gente às vezes pensa que não, mas tem sim. É uma Vitória todos os dias, sabe. As mulheres, elas tão presa sim, quando elas conseguem se soltar, existe um mundo de possibilidades e isso quando a gente está junto de um, de um casamento ou relacionamento, até dentro da família. Por que que a mulher tem que ser ela? Por que a mulher precisa ser abafada? Por que ela tem que ser submissa? Por quê? - Então, assim, quando você foi me perguntando aos poucos, eu fui falando, eu fui vendo que sim, tem a ver com feminismo, sim, e levantar a bandeira, de sermos mulheres fortes, de encarmos a parte profissional da gente, sabe, a nossa vida em si, é se empoderar mesmo, porque o mundo está aí. Ele para todos, não somente para o homem ou pra mulher, é para os dois, é para todos (Jesus, 2022, p. 13).

Eu não tenho esse estudo sobre o feminismo, mas tem muita coisa que eu já ouvi, que eu discordo totalmente, tipo: como assim? Aí eu tenho três filhos, eles têm que se virar, e eu... entendeu? eu... eu percebo a minha importância como mãe, como educadora, eu percebo minha importância... quando a dona da casa, que quer as coisas feitas da forma que agrada a minha família, tá entendendo? Escolhendo as coisas do jeito que eu gosto, gosto de ser a dona da minha casa, eu acho complicado você ser feminista (Jesus, 2022, p. 19).

[PAUSA/CUIDADO COM AS PALAVRAS] Me reconheço, como uma mulher batalhadora, perseverante, nos seus ideais, uma mulher que está no meio da sociedade, onde passa por várias tribulações, estando preparada para assumir a ajudar a crescer aqueles que mais necessitam. Sim, eu sempre vou à luta no que desejo e no que eu quero conseguir, sempre é um desafio, e sempre, estou preparada para isso (Silva, 2022, p. 7).

[PAUSA/CUIDADO COM AS PALAVRAS] Eu sou uma mulher de atitude, que gosta de fazer aquilo que é possível, do que eu acredito, que qualquer mulher pode empreender, independentemente de qualquer situação (Bezerra, 2022, p. 10).

É assim, é empoderamento mesmo feminino que está aí, está aí na frente, e quem vai dominar o mundo somos nós, são as mulheres e acabou (Melo, 2022, p. 7).

Os interesses e os comportamentos podem ir mudando com o tempo e com as vivências, é o caso de Jesus em uma entrevista em 2019. Ela observava o feminismo como um ato de revolta e esquecimento familiar “Às vezes eu me acho machista, por quê? Porque, eu acredito que a gente como mulher tem que se preocupar sim, com o nosso marido, com os nossos filhos”, o que aos poucos as mudanças de posições sobre a mulher serem mais fortes e terem lugares em destaque se fazem florescer, os ditos feminismos plurais, ou lugar de fala (Jesus, 2019, p. 18).

Pala Djamila Ribeiro (2019), evocam a (re)ordenação histórica das narrativas partindo do *locus* social como elemento básico dos fatos e vivências, que antes significavam somente pela visão de elementos de causa e perpetuidades das distinções que carecemos desarraigar – a ponta da pirâmide social ou a pessoa branca (em específico o homem, cis heteronormativo e elitizado), apesar da etnia negra ser evocada em principal na fala de Ribeiro (2019), não excluem esses espaços entre brancas, amarelas e negras (Ribeiro, 2019).

A posição ocupada por cada grupo, entendendo o quanto raça, gênero, classe e sexualidade se entrecruzam gerando formas diferentes de experienciar opressões. Justamente por isso não pode haver hierarquia de opressões, pois, sendo estruturais, não existe “preferência de luta”. É preciso pensar ações políticas e teorias que deem conta de pensar que não pode haver prioridades, já que essas dimensões não podem ser pensadas de forma separada (Ribeiro, 2019, p. 40).

Assim, para entender espaços sociais, políticas e relações de gênero, as posições ocupadas sobre ser mulheres e empreendedoras, diante dos contrastes na região de Delmiro Gouveia, averíguam-se enquanto processos constantes em diferentes contextos e expressões que dialogam e perpassam para além das políticas públicas, compreendem a política como luta diária entre os papéis sociais, familiares e capital, assim como explicitado em Bezerra “querer ser uma política, [para além] de pedir ao governo [...] mas como política de ser humano, a política começa na nossa casa combinar entre marido e filhos, o que que vai proporcionar sua vida tem um contexto”. Podendo ser observado com mais respaldo no tópico seguinte (3.2), essas relações políticas, entre gênero, violência simbólica, os papéis distintos.

3.2 Empreendedoras no contexto de Delmiro Gouveia: políticas, espaços, direitos e motivações

O setor político é bastante masculino... [mas] as mulheres estão entrando, mas com muita, muita dificuldade... Eu percebo assim, de dez pessoas, nove são homens. Então, de 100 pessoas, diga aí, 90 são homens. Então eu percebo isso, porque a dificuldade até de ser ouvida, de ser aceita, é como se fosse ainda a política relacionada ao homem. Eu acho que precisa melhorar essa parte. A prefeita [de Delmiro Gouveia] inspira muitas mulheres, só de ter essa oportunidade de ter uma prefeita realmente, você agora falou um ponto super importante, que ela, e eu digo para ela também ‘você inspira muitas mulheres’. Só de ter isso pode ter certeza que muitas se tornam mais corajosas, para muitas coisas na sua vida, é uma oportunidade para... pronto, eu já percebi que as secretarias estão mais femininas, que o nosso hospital está mais feminino por causa da prefeita, então já está ajudando (Jesus, 2022, p. 10-11).

Nós temos uma prefeita, muitas coisas aqui, muitas secretarias são geridas por mulheres, então é assim, é empoderamento mesmo feminino que está aí, está aí na frente, e quem vai dominar o mundo somos nós, são as mulheres e acabou. Mas é assim, existe, é, essa questão do empreendedorismo e essa questão da Prefeitura, do Sebrae, desses órgãos, eles ajudam, sim (Melo, 2022, p. 7).

Atualmente, o empreendedorismo feminino em Delmiro Gouveia vai muito além do seu mito fundador – a saga do “Coronel do Algodão”. O município tem muitas mulheres à frente de negócios (Oliveira, 2020), de natureza igual, como destacam as epígrafes supracitadas; percebe-se um início da pertinência de mulheres em cargos de destaque, como por exemplo, a empresária, administradora e primeira prefeita do município delmirenses, Eliziane Ferreira Costa Lima.

A simbologia feminina na política, mesmo que em suas contradições, entoam as zonas que devem ser dialogadas cada vez mais, sendo ampliadas dentro do Sertão delmirenses diante de planos e políticas setoriais voltados para a categoria empreendedora feminina, diante das falas de Alves e Silva, supracitadas, que os processos de visibilidade e melhores condições para as mulheres delmirenses, em específico para empreendedoras e MEIs, devem ser pautas frequentes dentro da conjuntura política. De antemão, como trouxe a historiadora Lilia Schwarcz (2015, p. 644):

No Brasil contemporâneo, as instituições políticas estão consolidadas, os poderes separados, as eleições são livres e periódicas, os cidadãos manifestam vontades individuais e coletivas. O experimento democrático não é mais compreendido como um valor instrumental, mas como um fim em si mesmo. A agenda de direitos entrou na pauta do Estado, integra o debate público e possui uma ambiciosa vocação transversal: afirma direitos num contexto de desigualdades, ao mesmo tempo que contempla novos direitos capazes de conjugar, em pé de diferença, o tratamento igualitário de grupos sociais minoritários [...] Contudo, no Brasil, a democracia convive perversamente com a injustiça social. Sexta potência mundial, quando se medem índices econômicos, o país ainda apresenta números de

desigualdade e de gap social dos mais elevados na América Latina, aferidos nos dados da educação, do trabalho e da mortalidade. Além do mais, persiste um déficit republicano na raiz da nossa comunidade política.

Apesar do empreendedorismo elevar a categoria de trabalho e posição (*status social*), a depender do próprio setor de atuação, ele se difere entre gênero, capital de investimento, espaço e pautas para as políticas públicas, mediante as valias individuais, a projeção que cada uma possui, isso entre as próprias mulheres MEs quanto as MEIs, o que contrasta mais o papel das mulheres e a reprodução das desigualdades:

Não vejo de forma nenhuma, a nossa prefeita, porque eu acompanho no Instagram, o que fez na nossa prefeita é substituto do pai, não vejo a atuação dela como realmente deveria ser, como mulher, não é como eu esperava que fosse (Alves, 2022, p. 11).

Vão vendo com uma mulher na política e tudo. Precisa que quando uma mulher assume um cargo, ela tenha mais determinação. Ela seja mais forte em decisões, ela não deixe que um lado tome conta que o intervém em outras opiniões dentro do que ela está comandando. Que a mulher tem potencial para isso, no caso hoje, nós temos hoje a primeira mulher prefeita de Delmiro Gouveia. Ela tem conhecimento de políticas públicas, de economia de tudo, então ela tem como administrar Delmiro Gouveia de uma forma que ela seja mulher de fato, de direito assumida, sua casa, sua vida, sua religião e assumindo a cidade como um todo (Silva, 2022, p. 2).

Uma vez que o processo de empreendedorismo feminino compreende espaços de poder e interesses, as visões ambivalentes sobre a política, um processo que traz à tona a autonomia da mulher, como destacado por Alves em “não vejo a atuação dela como deveria ser, como mulher”, ou seja, sugere que as mulheres não só organizem espaços, que viabilizem a consciência entre o gênero e identidade empresarial, assim como melhorias no mercado de trabalho.

Alves entende o empreendedorismo feminino, enquanto uma consequência dos direitos civis adquiridos (voto, trabalho assalariado, independência e maternidade solo) é outro processo entendido pela depoente. A maioria dos casos, deram-se por serem as mulheres mais numerosas dentro do empreendedorismo, possuírem menor qualificação profissional, o que as levam a empreenderem muito mais no âmbito da necessidade.

Desde que a mulher começou a trabalhar, desde que a mulher começou o direito de voto, mudou em todos os setores, não só no comércio. Depois que a mulher começou a ficar sozinha, a ser mãe de família, ser chefe de família, ela passou a empreender. Então isso é, eu li, não estou conseguindo lembrar o período. E, é natural, e é normal que as mulheres estejam bem engajadas no comércio, porque a população maior é feminina. As mulheres que ficam com os filhos. Então, elas precisam gerar renda, que traz, é preciso empreender, porque não tem emprego pra

todo mundo, para todas as mulheres. Principalmente, quando ela não tem qualificação profissional (Alves, 2022, p. 7-8).

O entendimento de empreendedorismo feminino para Silva é contemplado por dois pontos: i) maneira de sobrevivência e necessidade familiar das mães solas; e ii) a condição da região enquanto um polo empreendedor desde a sua fundação, ao observar que empreendedores de fora que instalaram empreendimentos, o comércio empreendedor é a oportunidade das pessoas de Delmiro tomarem consciência do que é empreender e como empreender.

Dentro da área do empreendedorismo, nesses 26 anos, eu passei várias tribulações, enfrentei todas elas, tanto econômica quanto particular, financeira, todas elas muito, porque não é fácil para uma mulher sustentar a casa, comércio, a vida financeira, ela ser pai e mãe, avô, tio, conselheiro e tudo e administrar isso [...] No início da minha carreira, a região você sabe que Delmiro Gouveia, ela sempre foi uma região empreendedora, a cidade e a começar pelo fundador e parece que muita, eu olhava e via muita gente empreender, como até hoje vem de fora empreender aqui, o que precisa que a gente aprenda isso que nasceu e se criou em Delmiro Gouveia. Aprenda a empreender porque empreender tem que aprender também e tem que aprender a empreender com o que nós temos, trazer para cá (Silva, 2022, p. 2-3).

A fala de Silva sobre empreendedorismo tem duas vertentes importantes: a primeira que se dá pela ordem do discurso e a segunda pelas ferramentas de regionalismo. O discurso com base em Souza caracteriza aspectos sobre a perspectiva da meritocracia que todos podem crescer se empreenderem. Diante disso, é também aspecto respaldado e ampliado diante dos órgãos de classe, sobre a importância cada vez maior no sistema capitalista do próprio negócio:

O discurso das mulheres que empreendem se estabelece de maneira contraditória, dada a sua constituição histórica, em que se questionam discursos oponentes em razão das conformidades, pelas quais a mulher passa. Tais conformidades são expressas na divisão sexual do trabalho, nas determinações materiais da (re)produção do capital, que estabelecem uma organização social desigual e hierárquica, em consonância com o princípio antagonista que estrutura a sociedade capitalista. Nesse contexto, pergunta-se: a quem pertence, afinal, o trabalho feminino? E mesmo sabendo que a alienação é comum a ambos os sexos, há implicações particulares no que tange às funções masculinas e femininas reverberando em desigualdades de gênero (Souza, 2020).

Com os problemas de desigualdade de gênero, o trabalho feminino, principalmente de mães solo, também pode enfrentar dilemas entre capacitações, rotina, sustento, capital de investimento, e redes de apoio. Diante de todos esses antagonismos e demandas, a complexidade de empreender torna-se problemática, as questões regionais enfrentam ainda

as oposições entre as dantições dos papéis, que apesar de avançar em muitas pautas a centralidade da mulher e família não perdeu a simbologia, não pode ser evocada enquanto processos igualitários.

Na fala de Bezerra (2022), o papel feminino no empreendedorismo não é somente ter o *status* de empreendedora, mas o tem como qualificação, uma filosofia de vida para que as mulheres tracem suas próprias jornadas de independência e legado, empenham-se para fazer o melhor no que se propõem, sejam em processos de divisão de papéis com a família e/ou no social.

Nós, mulheres, vamos sempre trabalhar no pensamento político, não político, de querer ser uma política, pedir para o governo e nem relacionar a sua vida na candidatura, mas como política de ser humano, a política começa na nossa casa, combinar entre marido e filhos, o que que vai proporcionar sua vida tem um contexto, dentro da filosofia. Cada mulher se identifica [com algo] e tem seu diferencial [...]. Nós temos que ter os pés no chão e sair, ir para calçada mostrar que é capaz, aplaudir, está entendendo? Vamos fazer isso, devemos fazer, porque daqui a pouco você tem um quê para demonstrar para seus filhos, para seus netos, ‘o que é que você fez? Só aquilo mesmo?’ Só de um birô, para a sua casa, televisão, celular, o quê? Como é que está sua vida, então você tem que ser social nessa parte.

Diferente da fala de Bezerra, nesse contexto, a simbologia do empreendedorismo feminino é vista enquanto uma postura de luta contra o apagamento histórico/público, contra a violência de gênero, independência social e econômica entre a mãe, esposa, provedora e prestadora de serviços, sujeita ativa, como presume a fala de Jesus ao observar não somente Delmiro Gouveia, mas ampliar, enquanto uma visão do Nordeste:

Ser empresária aqui no Nordeste [...] quando eu vim morar, eu vi uma diferença de cultura extrema, muito, muito grande, o machismo que eu dizia ‘valei-me meu pai’, eu estou no século passado. Então eu olhava assim, eu, eu disse ‘como é isso?’ Então, se colocar, tentar vencer, isso de certa forma, enfrentar, não foi fácil e não é fácil, onde eu faço parte, tudo que eu faço parte do Conselho da Mulher, eu faço parte da Associação Comercial da CDL também, que é o Clube de Lojistas. Então eu faço parte de algumas coisas, o grupo da Igreja mesmo. Então, a gente percebe como as mulheres são abafadas e como as mulheres estão ganhando força para enfrentar essa situação. Na época que eu cheguei não era assim, era ao contrário, as pessoas tinham, elas, as mulheres ficavam aceitando ainda, ainda aceitavam (Jesus, 2022, p. 7-8).

A misoginia que Jesus traz consigo ao englobar o Nordeste, equivale, principalmente, aos valores e à cultura, ainda preponderantemente centrada no homem enquanto sujeito central do núcleo familiar, como reprodução política no Nordeste. Como chefes de domicílio, a maior parcela de gestores de negócios é de homens. Padrões

arraigados de machismo reproduzem o retrocesso sobre as pautas das minorias, o que engloba os discursos e os papéis sociais:

A participação de tudo o que havia de mais retrógrado alastrou-se. As minorias passaram a ser sufocadas com discursos de ódio contra mulheres, negros, população LGBT e principalmente contra os pobres! Neste ambiente, a região que encarna simbolicamente a pobreza se prepara para a resistência (Fontenele, 2019, p. 370).

Apesar de Jesus dar ênfase ao Nordeste e sua chegada há mais de 20 anos, o machismo/misoginia vai muito além, ele é a reprodução/produção enfrentados ao longo do tempo e por todo território nacional. As políticas negacionistas, condutas centralizadoras estão enraizadas, como afirma Schwarcz (2019, p. 243):

Desde a exclusão social até a violência de gênero. Ela aparece retratada igualmente na antiga formação patriarcal de nossa sociedade, a qual carrega, até a atualidade, a certeza do privilégio masculino, a banalização da violência contra a mulher e a tentativa de sua objetificação sexual. Essas são raízes compactas de nosso autoritarismo, que sempre trouxe consigo uma notória correlação com a questão de gênero [...] Quanto mais as mulheres vão conseguindo impor sua independência e autonomia, tanto maior tem sido a reação masculina e as demonstrações de misoginia. Enquanto isso, o domínio dos homens na cena pública é indiscutível.

A zona que tem como excludente e cheia de desigualdades (Nordeste) no machismo apontado, equivale aos processos nas relações vividas dentro de casa enquanto violência de gênero, apagamento social e não valorização profissional, mãe e esposa, que trouxeram marcas a sua trajetória e carreira e também a sua fala em dar ênfase ao regional:

Já vivi isso... eu vivi um relacionamento de 21 anos. Eu não percebia, eu não tenho um estudo superior, mas eu interajo com muita gente. 'Como é que pode?!' Você está há 21 anos com uma pessoa, e não percebe que você está num relacionamento abusivo, que você não é vítima do machismo, que as suas ideias não são aceitas, que tudo o que você faz de bacana, pensa de legal, não é nada aceito, por quê? Por que em um relacionamento não são dois? Por que não um cuidando do outro? Eu me sentia cuidando da minha família, carregando todo o mundo e eu cuidava de todos (Jesus, 2022, p. 12).

Bem como afirmou Eva Jonathan, os estereótipos e as construções negativas prevalecem, ou quando não, os sinais formam polos opostos, competência tocada enquanto frieza, ao abandono do espaço familiar, filhos e esposo, ambivalente a fala de Jesus.

A ideia de que as mulheres têm necessidades, inclinações e capacidades para cuidar e se ocupar do lar, ao passo que os homens têm habilidades para atividades fora do lar e para prover, cria uma armadilha. Homens e mulheres se tornam

prisioneiros de expectativas e comportamentos vinculados a ideais em relação a quem trabalha (“trabalhador ideal”) e a quem cuida do lar (“dona de casa ideal”). A questão gera barreiras e desvantagens que atingem especialmente as mulheres que são mães e que trabalham. Em relação a elas, há dois estereótipos que prevalecem: ou são percebidas como calorosas e pouco competentes, não merecendo novas oportunidades de emprego, de promoção ou de educação adicional (Jonathan; Silva, 2007, p. 78).

As memórias de Jesus recriaram os espaços de dor, mediante os embates sofridos pelo machismo no tocante às questões: ser mulher, família, trabalho, filhos – e a sobrecarga emocional e até de culpa sobre a separação: i) da mãe, ii) enquanto esposa, e iii) se encaixar como empresária (mas não gestora), remontam o que Schwarcz (2015) colocou como “privilegio masculino”. As falas desencadeiam processos e a complexidade de violência de gênero, este que pode ser evocado ao impor às vítimas um lugar social que facilita o ciclo da violência (física, psicológica, simbólica ou sexual).

Trata-se da violência como ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral. Observa-se que apenas a psíquica e a moral situam-se fora do palpável. Ainda assim, caso a violência psíquica enlouqueça a vítima, como pode ocorrer – e ocorre com certa frequência, como resultado da prática da tortura por razões de ordem política ou de cárcere privado, isolando-se a vítima de qualquer comunicação via rádio ou televisão e de qualquer contato humano –, ela torna-se palpável. Como o ser humano é gregário, os efeitos do isolamento podem ser trágicos. Mesmo não se tratando de efeitos tangíveis, são passíveis de mensuração (Saffioti, 2015, p. 18).

A violência, disputas e conflitos são pontos que ao observar os pequenos gestos e falas se deram de maneiras “sutis”, os silêncios do não dito: Melo (2022) iniciou as vendas de sanduíches, o esposo, inicialmente, não mostrou respaldo; Silva não deixou evidente a violência, mas após o ex-marido sair de casa, empreendeu na necessidade; Alves, dividia o espaço, mas por divergências separaram os negócios, comumente as divisões entre espaços e trabalho constroem todas as falas.

Utilizando da perspectiva de Pierre Bourdieu (2017), é possível fundamentar que as divisões são mais profundas que os aspectos biológicos, sexuais, e da ordem das coisas – ele detém trocas simbólicas de interesses e a manutenção de mentalidades que o único beneficiado são os dominantes, aqui os homens – apesar da inserção e espaços conquistados, os ritos simbólicos entre homens e mulheres estão diante de uma categoria, a violência simbólica legítima (construção paterna, leis, vocações, corpos, prazeres, palavra de ordem).

Diante desses traços, ao evidenciar a fala de S. Bezerra (2022), quando perguntado sobre o preconceito sofrido pelas empreendedoras, afirma que o processo é intrínseco pela

cultura existente (regional), e se dar de maneira inconsciente, não pela posição que ela se encontra, mas pela diferenciação sexual:

Eu vejo que as mulheres, elas têm ocupado seu espaço. Se eu disser que desconheço preconceito em nossa sociedade e que esse preconceito, por ser mulher, às vezes atinge uma empresária, isso acontece, mas isso daí não por ela ser empresária, é uma condição do nosso baixo desenvolvimento cultural, e não por ela ser empresária, então resquício de preconceito cultural por mulher ele existe ainda, um fundo oculto, intrínseco nas pessoas, às vezes inconsciente. Mas dizer que ele é direcionado à mulher por ela ser empreendedora, intencional a esse ponto, eu não enxergo. Eu não enxergo, não vou dizer que não existe, porque minha visão, como de todos, é limitada (Bezerra, 2022, p. 2-3).

Apesar de Sávio Bezerra ser filho de Jacira Bezerra, não remete inicialmente que nunca enxergou preconceito ou diferenciação pelas mulheres serem empreendedoras em Delmiro Gouveia, pois via o exemplo de sua mãe, irmãs e até a esposa, que exercem cargos similares de gestoras e empreendedoras. Alguns traços ao desenrolar da entrevista, mostram em si, que as mulheres têm papéis e espaços definidos, mas nem sempre aceitos (Albuquerque Jr., 2013).

Bourdieu (2017) afirmou e trouxe que as categorias e divisão dos corpos obedecem condições para a ordem das coisas, como tudo deve ser pensado, trazendo essa perspectiva para a vivência das sertanejas empreendedoras enquanto a mulher pode estar em algo, mas as atividades, deveres biológicos devem ser cumpridos. Apesar de sutil, esses comportamentos podem ser elencados de maneira temerária nas falas de Sávio Bezerra com as palavras ao justificar ou enquadrar certos comportamentos na transmissão dos papéis exercidos pelas empreendedoras.

A divisão entre os sexos parece estar "na ordem das coisas", como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas "sexuadas"), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação. (Quando, por necessidade de comunicação, eu falo, como aqui, em categorias ou estruturas cognitivas, arriscando-me a parecer cair na filosofia intelectualista que tenho seguidamente criticado, seria melhor falar de esquemas práticos ou de disposições; mas a palavra "categoria" impõe-se por vezes porque tem o mérito de designar ao mesmo tempo uma unidade social (Bourdieu, 2017, p. 21).

As práticas simbólicas e a sua primazia universal relegam aos homens a amplitude de poder através das estruturas sociais e biológicas, com as atividades produtivas e reprodutivas baseada na divisão sexual do trabalho, fundamentado no que Bourdieu (2017) chamou de

Habitus – enquanto as matrizes transcendentais históricas, que são abordadas de maneira universal, de senso comum, mas que:

As próprias mulheres aplicam a toda a realidade, e, particularmente, às relações de poder em que se veem envolvidas, esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundadoras da ordem simbólica. Por conseguinte, seus atos de conhecimento são, exatamente por isso, atos de reconhecimento prático, de adesão tóxica, crença que não tem que se pensar e se afirmar como tal e que "faz", de certo modo a violência simbólica que ela sofre (Bourdieu, 2017, p. 54).

A organização de simbologias se aprofunda para além das divisões de trabalhos formais das empreendedoras comerciais, é notável também com as Microempreendedoras Individuais; dentro da categoria de MEIs têm-se uma vertente invisibilizada, que são as microempreendedoras de rua/ambulantes formalizadas ou não. Nesse processo de empreendedorismo feminino, Melo (2022) envolve características para além de escritórios e lojas, ou seja, também é construído nas ruas, sem uma loja física, com muito esforço. Em síntese, Melo (2022) pondera que o trabalho feminino é triplo, exercido por maioria da classe empreendedora das mulheres.

Assim, a mulher está à frente de muita coisa aqui em Delmiro Gouveia, desde a Prefeitura até esses órgãos, não é? E muitas empreendedoras, você vê que tem muita mulher, hoje na rua vendendo e eu fico muito feliz, quando vejo uma empreendedora na rua [...], porque as pessoas têm mania de não valorizar o empreendedor de rua, o ambulante, as pessoas não valorizam muito, não, acho que é uma cultura que tem que ser quebrada. Porque é uma pessoa que trabalha tanto quanto quem está dentro de uma loja [...] A mulher tem todo um processo meu, sempre digo que o homem, ele, quando ele trabalha fora, ele chega em casa, toma um banho e se veste, vai assistir televisão, vai mexer no telefone e a mulher tem outra jornada. Então, a mulher, ela trabalha triplamente. E para desistir de um processo, é muito mais fácil dela desistir, porque é muito cansativo (Melo, 2022, p. 8).

Os aspectos que também se entrelaçam aos processos de acordos e sobrecarga diante da mulher pública e privada, a que ocupa os espaços relegados de direito, mas que mantêm essa sobrecarga de atividades diárias, e ainda é romantizado diante da maternidade enquanto um laboratório, que exigem mais dinamismo feminino diante das relações família e trabalho – outro destaque na fala de Sávio Bezerra:

Outra função materna que a mãe tem dentro de casa, de dona de casa, que esse vínculo ainda não se igualou, o homem ainda não assumiu totalmente, o seu papel dentro de casa, realmente sempre foi um peso para as mulheres. Mas o que as mulheres aprendiam a conduzir dentro de casa, a maneira de dar uma vantagem a

ela tanto dentro do comércio, não deixava de ser um peso, mas se tornou também uma vantagem, porque ela tem um laboratório de se comunicar, de conduzir, que leva de casa para o comércio, e do comércio para casa, o poder de argumentar do comerciante, do vendedor, da dona de casa, da mãe se torna maior na mulher. Elas desenvolvem uma habilidade comunicativa maior do que os homens. Eu vejo essa vantagem nas mulheres, certo? Então a gente vê que é, apesar da sobrecarga, também ganha-se uma vantagem, porque tem um laboratório, uma vivência a mais, mas não nego e não deixo de reconhecer o heroísmo da mulher mãe empreendedora, que carrega um peso muito maior sobre isso, e ela não abdica, porque esse peso ela não faz por uma imposição dos outros, ela faz por amor (Bezerra, 2022, p. 5).

A reprodução sobre a conduta sexual traz consigo, também, imprescindíveis para o meio de produção, seja enquanto empreendedoras formais ou informais, independente de classe social, como já observado em Jesus, Alves e Melo. A maternidade simboliza o dever e o caráter de serem passados aos filhos. O papel da esposa é configurado, enquanto educação e divisão. Esses esquemas classificatórios passam por séculos independentes de local, assim ele é:

classificatórios [...], em seus aspectos essenciais e ultrapassando-nos os séculos e as diferenças econômicas e sociais, dois extremos do espaço dos possíveis antropológicos, entre os camponeses da montanha da Cabília e entre os grandes burgueses ingleses de Bloomsbury (Bourdieu, 2017, p. 117).

Embora das referidas dificuldades para uma adotada de consciência de ambos os sexos, no que diz respeito aos procedimentos da dominação masculina, Bourdieu (2017) observa o fato de que na época presente, esta já “não se impõe mais com a evidência de algo que é indiscutível” (Bourdieu, 2017, p. 124) – culminando as variações ao trabalho crítico do movimento feminista, o qual alcançou, em determinados campos do espaço social, irromper o reforço generalizado.

Diante desses processos e condutas das narrativas das depoentes à construção entre passado e presente, ponderam que o empreendedorismo feminino de Delmiro Gouveia está em constantes transformações de desconstrução e reconstrução em ser mulher dentro dos negócios no Sertão. Perante isso, é possível fazer recortes sobre o que é empreender na equivalência da migração e mudanças temporais dentro de Delmiro Gouveia.

3.3 Empreendedorismo: entre identidades, memórias, família e capital

Empreender estava no meu sangue, não era na farmácia, mas empreender estava no meu sangue, meu pai era dono de farmácia e a minha mãe também (Melo, 2022, p. 1).

Minha mãe [era] uma comerciante que acreditava no possível (Bezerra, 2022, p. 2).

Na seca de 1970, eu vi minha mãe transformar o pão, que era o pão boia duro. É que naquela época ninguém tinha o que fazer e se transformou em um bolo que hoje vocês chamam de pudim, a gente chama de pudim de pão, então ela transformou esse pão bóa em um bolo de pão boia e vendia esse bolo dentro de casa para sustentar a gente. Então recorri a isso, vendo ela desse jeito, meu pai também era também empreendedor [inovador], apesar de ser político, era empreendedor, tinha aqui antigamente na rua do Comércio, aqui na frente, tinha lojas de roupas e tudo mais. Bares... [ele] tocou bar para frente, era alfaiate de primeira qualidade, também dentro da política. Mesmo sendo político, por vocação, mas ele era alfaiate por amor e empreendedor também (Silva, 2022, p. 2).

Quem me inspirou nessa área foram as minhas duas avós, duas empreendedoras, duas mulheres empreendedoras (Jesus, 2022, p. 1).

A minha mãe em casa, ela sempre vendia alguma coisa [...] Minha mãe já me deixou um legado, eu estou deixando um legado para a minha filha, isso é um ciclo natural da vida e que nós, que nós mulheres estamos sendo e conquistando o espaço que nos cabe na sociedade (Alves, 2022, p. 2; 8).

Os meus pais eram agricultores e a minha mãe ela sempre mexeu com o negócio de empreendedorismo, e eu com certeza não é isso, já vem de pais para filhos, então, eu ganhei isso dela, aprendi andando junto com ela, inclusive a minha barraca é dela. Eu fui a única dos nove filhos dela, eu fui a única que peguei o ramo dela, e estou aí [...] Garotona, digamos que eu tinha entre 13 para 15 anos por aí, 12 para 13 anos por aí. Eu lembro muito bem, porque eu acompanhei a minha mãe desde pequena, então para onde a minha mãe ia, como eu era a caçula então minha mãe não me deixava a gente só, e sempre eu acompanhava se ela saía de madrugada, a gente saía junto (Mendonça, 2023, p. 2-3).

As seis narrativas em epígrafe, de uma forma ou de outra, expressam uma memória afetiva familiar associada à opção de empreender – está no "sangue" (Melo, 2022, p. 1). Demonstrado não somente por Melo (2022), mas também pelas demais, enquanto algo transferido, que carrega um gene familiar; seja no esforço, com os comércios, as relações de troca, a ideia de vender e produzir com as próprias mãos; as perspectivas são amplas, contudo, todas são sobre oferecer o que está dentro da sua disponibilidade, as oportunidades de vivências.

Assim, o empreendedorismo feminino para essas seis empreendedoras é entendido como uma tomada de espaço, poder, identidade e subsistência, na luta contra as condições precárias e melhorias para a manutenção social e familiar. Nesse sentido, as memórias afetivas selecionadas enfatizam experiências, emoções e desafios pessoais, familiares e sociais. Destacam o papel das mães e das avós, como mulheres que ocupavam papéis para além da maternidade, casamento e lar. Por sua vez, as mães e as avós, (re)produziam, em seu dia a dia, o desafio de sustento e de melhores condições para os filhos. Segundo Candau (2021, p. 86):

A memória do tempo profundo tende a enfraquecer a consciência identitária, a memória longa a reforça. Essa memória é menos uma memória profunda do que a percepção de um passado sem dimensão, imemorial, em que se tocam e por vezes se confundem acontecimentos pertencentes tanto aos tempos antigos quanto aos períodos mais recentes. Essa memória longa, que Françoise Zonabend descreve como "uma visão de mundo" própria a uma coletividade, revela memórias fortes, pois organiza de maneira estável a representação que um grupo faz de si mesmo, de sua história e de seu destino.

Essa memória longa não se baliza em datas específicas, mas sim na associação emocional, seletiva a partir do presente, das narrativas e da posição de identidade evidenciado por Candau na obra *Memória e Identidade* (2021). A simplicidade da ação de vender e produzir algo novo – seja dentro da própria casa, seja na rua de maneira informal – pode ser compreendida como um/a empreendedorismo/inação/sobrevivência financeira, pessoal e social. Assim, apesar da memória ser algo privado e íntimo, dialoga com vivências do cotidiano, trabalho, família e sociedade.

Por ser algo privado e íntimo, dialoga com outras vivências similares entre o trabalho, a família e também o papel da empreendedora feminina aqui expressos; consegue desenvolver e observar os laços para a sua construção como sujeito e caráter social da posição ocupada.

A memória se implanta essencialmente em um tempo privado, íntimo, como mostra bem a evolução do calendário no qual, a partir do século XVI, encontramos muitas vezes menções a informações biográficas [...] O ato narrativo não se atém a um tempo abstrato expresso em divisões por dia, mês e ano; ele se estrutura em torno de indicadores temporais centrados sobre o narrador, quer se trate de contar o tempo a partir do momento no qual os fatos são produzidos ou tomar como referência os acontecimentos advindos da experiência pessoal (Candau, 2021, p. 91-92).

A exemplo disso, a fala de Silva, ao lembrar da seca de 1970 (Melo, 1999), destaca a imagem da mãe criando um pudim de pão para vender. Essa lembrança afetiva, tanto ajuda a compreender o contexto da seca quanto a alternativa resiliente de uma mãe no desafio de garantir renda, dignidade e sobrevivência para sua família.

Vale destacar a fatalidade da seca de 1970, que foi uma das secas mais prolongadas que o Nordeste enfrentou (1979-1985). Esses sete anos de incertezas se debruçavam sobre a grande mortalidade (entre esse processo, em 1982 Figueiredo veio a Delmiro Gouveia para a inauguração de uma adutora de água). O presidente, então na época, utilizou-se do discurso sobre que nos restava rezar para que a chuva caísse.

Na situação da Alves, que assistiu sua mãe investir os recursos enviados por seu pai, já que trabalhava fora, no "trecho" como se fala no Sertão –, a mãe fazia uma “bodega” dentro de casa –, para que a qualidade alimentar e mais produtos fossem viáveis a elas e seus irmãos (Alves, 2022, p. 1).

Com Bezerra foi diferente, sua mãe, enquanto uma comerciante local, se destacava. A influenciou a ser empreendedora, mesmo que em condições e em localidades distintas, a explorar produtos novos e a buscar, junto ao cliente melhorias, espelham personalidades semelhantes, já que a mesma carrega, em sua fala, o “acreditar no possível” (Bezerra, 2022, p. 3-5). Este acreditar no possível pode ser encarado como uma possibilidade em aproveitar as oportunidades e ser objetiva no que se propõe a fazer. Para ela, sua mãe era uma sertaneja de negócio.

Apesar de trajetórias muitas vezes equivalentes na profissão das empreendedoras nas narrativas do “sangue”, na trajetória dos familiares e nas memórias apresentadas, o *capital* é ocultado, esse que tem seu papel central e traz a percepção da liberdade e valor, assim como balizado por Bourdieu (1996) sobre o capital ser simbólico, não servindo apenas para ser compreendido pelo Estado (bens de consumo e capitalismo e propagação profissional), ele tem e dar instaurações e poderes aos campos do empreendedorismo feminino formal de diferentes graus.

De maneira mais geral, o espaço de posições sociais se retraduz em um espaço de tomadas de posição pela intermediação do espaço de disposições (ou do *habitus*); ou, em outros termos, ao sistema de separações diferenciais, que definem as diferentes posições nos dois sistemas principais do espaço social, corresponde um sistema de separações diferenciais nas propriedades dos agentes (ou de classes construídas como agentes), isto é, em suas práticas e nos bens que possuem. A cada classe de posições corresponde uma classe de *habitus* (ou de gostos) produzidos pelos condicionamentos sociais associados à condição correspondente e, pela intermediação desses *habitus* e de suas capacidades geradoras, um conjunto sistemático de bens e de propriedades, vinculadas entre si por uma afinidade de estilo (Bourdieu, 1996, p. 21).

Para Bourdieu (1996), os agentes ocupam distintos espaços sociais, de acordo com a distribuição dos diferentes tipos de capital na sociedade. Assim, os gostos, as ações e a postura vão ser diferentes. Podemos conferir diante da fala de Jesus, Alves, J. Bezerra que a maneira que o simbólico interage com o social, cria demandas (investimentos) até mesmo nas escolhas e estratégias para investir em uma casa, na vida financeira, na ocupação, formação familiar e posições alcançadas:

Eu acredito muito que você tem que você tem que florir, onde você está num depende de onde. ‘Eu tenho que ir para São Paulo para me desenvolver? - Não’, ‘Eu tenho que ir para o Pará, eu tenho que ir para uma capital? - Não. Eu estou aqui, foi aqui que eu tive a oportunidade, então, é aqui que eu tenho que fazer esse [investimento], é desse entorno, para crescer. Quando a gente pensa no crescimento das pessoas que estão com a gente, não só na empresa, mas todo mundo que faz parte, aí parece que tudo se desenvolve. Eu até estou falando por causa de residência, eu cheguei para morar aqui em 2010 e começamos a obra, tinha várias pessoas daqui, vizinhos que não queriam morar, ‘eu que não vou morar no Bairro Novo’ - e quando eu fiz a casa aqui bem legal, aí começaram a vir os vizinhos. Eu disse, daqui eu tenho certeza, daqui há 10 anos isso aqui vai ser totalmente diferente, não foram 10 anos, foi menos, foi a metade em 5 anos eu vi aqui cheio de casas, cheio de pessoas investindo. Então, assim a gente faz isso em cada lugar, a gente inspira uns aos outros, acho que é assim (Jesus, 2022, p. 7).

Eu trabalhei em 5 empresas antes de abrir a minha loja. E hoje eu digo que os meus filhos: - Eles não vão ser empregados de ninguém. Porque o comércio é muito bom, é muito boa essa liberdade [...] Sabe, é muito bom, você tem a liberdade maior, do que você ser um funcionário seu, você trabalhar para um comerciante, é ser um comerciante (Alves, 2022, p. 3).

Foi botando aquele armarinho pequenininho. Cada ano ele crescia mais um pouquinho, e a filosofia de vida nos ensinou muito. Tive cinco filhos, criei quatro, eles foram estudar em Maceió, mas eles [estavam] ansiosos para voltar. E meu esposo dizia: “você vão estudar, porque enquanto eu sou analfabeto, vírgula, não é, vocês vão ter um... vão ser formados no que vocês sonharem e vem para cá trabalhar” [...] os meninos, que eu ainda até hoje chamo, os meninos é Sávio e Silvanio, Jaciara e Jacimara, então é... um é empresário, o outro é contador, a filha é dentista, e outra filha comerciária, então a gente somou, somou e tudo deu certo, não é? Graças a Deus (Bezerra, 2022, p. 2-3; 5).

Eu engravidei novamente do menino. E sempre eu fui, essa mulher, daí eu já comecei a, aí eu comecei já a vender em grosso, está entendendo?! Eu já tinha uma visão diferenciada das demais [...] eu tive uma visão diferenciada das demais e eu comecei. Eu peguei amizade com o pessoal que vinha de Itabaiana para Paulo Afonso e aí eu comecei a vender deles na Pedra. Eu fui uma das pioneiras antes, e a roça dona Verônica é uma das pioneiras (Mendonça, 2023, p. 9).

Ao observar os aspectos de distinções e posturas de Jesus sobre a construção, o local escolhido e a valorização, é possível relacionar a esse modo do *habitus*, que são geradores de universos sociais que emergem na diferenciação da sociedade, com condutas e regras de funcionamento próprias e compatíveis com a autonomia, ou seja, uma coesão de grupos e campos, assim também observado em Alves, Jacira Bezerra, Silva e Mendonça (mesmo na feira livre buscou crescimento comercial distinto) criando um grupo dentro de outros grupos.

Os *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas – o que o operário come, e sobretudo, sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. Eles estabelecem as diferenças entre o que é bom e mau, entre o bem e o mal, entre o que é distinto e o que é vulgar etc., mas elas não são as mesmas. Assim, por exemplo, o mesmo

comportamento ou o mesmo bem pode parecer distinto para um, pretensioso ou ostentatório para outro e vulgar para um terceiro (Bourdieu, 1996, p. 22).

Ou seja, mesmo de maneira inconsciente e do corpo esse *habitus* padronizam ações, nesse caso o crescimento econômico é a consequência, as relações, as posições (cargos sociais) são manutenções de visibilidade e poder dentro do comércio e fora dele, assim como a inferência da religiosidade trazida por Jesus, Bezerra, Alves:

Tem mulheres que são assim e não adianta porque acho que elas foram criadas com essa filosofia de vida. Eu já me criei diferente, então tudo o que é da Igreja, eu participo e outras mais, que não dá nem para citar nomes que eu não me preparei para isso e não ir para somar. Nós temos aqui um grupo da melhor idade, que ele é... É, faz parte do número da Igreja, mas pessoas, que são humildes, eu me considero humilde junto a elas, e a gente faz parte de tudo, nós somamos com a Igreja (Bezerra, 2022, p. 9-10).

Faço parte, tudo que eu faço parte do Conselho da Mulher, eu faço parte da Associação Comercial da CDL também, que é o Clube de Lojistas. Então eu faço parte de algumas coisas, o grupo da Igreja mesmo. Então, a gente percebe como as mulheres são abafadas e como as mulheres estão ganhando força para enfrentar essa situação (Jesus, 2022, p. 8).

O poder da mulher foi dado por Deus, o poder que nós temos como mulher foi dado por Deus. De ser mais amorosa, de ser, ser mãe, de cuidar realmente das criaturas que Deus deixou aqui. Então, a mulher é cuidadora, esse é o maior empoderamento dela, cuidadora. A mulher tá na política, a mulher está no comércio, a mulher está naquilo outro, a mulher é mais da metade da população, ela tem que estar, tem que estar (Alves, 2022, p. 10).

A Naturals está só no começo, tem um projeto lindo para a Naturals e não é um projeto meu, é um projeto de Deus, e por mais que eu ‘me lasque’, queira desistir, ele não deixa, é impressionante como ele não deixa (Melo, 2022, p. 9).

A religiosidade é um costume bem predominante, assim como as posições ao entender que a própria conjuntura de Delmiro Gouveia, após a morte do coronel Delmiro Gouveia, a construção da Igreja Matriz, e a simbologia adentrou e foi abraçada como importante, diante dos alicerces da ordem, da pátria e família. Empreendedoras comungam do mesmo espaço sociocultural de tramas políticas e religiosas que o interior ainda produz. “Pelo menos nos países de tradição católica, à prática religiosa é cada vez mais exclusivamente feminina” (Bourdieu, 2017, p. 118).

Assim, é notório que as mulheres, em um número maior entre as entrevistadas, expressem a tradição diante do que comungam e celebram juntas: missas, festas temáticas, grupos dentro da Igreja. Das entrevistadas, a única evangélica é Mendonça (2023) (no qual escreveu seu trabalho de conclusão sobre a Igreja Batista em Delmiro Gouveia), mas, em

geral, abrigam esses valores entre as mulheres serem sábias e saberem administrar o que lhe foi “contemplado” seja pela posição comercial, ou com a construção familiar.

O dito pensamento socialista, que eles não atentam para a meritocracia – merecer aquilo que quer, quer ter sem merecer, muitas pessoas querem ter as coisas sem querer pagar, quer ter o salário sem querer trabalhar. Então, isso é o que eu observo de um modo geral, assim globalizado, na sociedade, isso reflete em tudo, reflete na escola, reflete no comércio, reflete no relacionamento, reflete nas amizades (Alves, 2022, p. 7).

A Igreja também contempla os interesses políticos, as posições manifestadas. Assim como a fala de Alves sobre os pensamentos socialistas, por exemplo, se ampliam para muitos apoiadores do até então presidente Jair Messias Bolsonaro (PL). A classe comerciária na região foi uma delas, assim como o estado de Alagoas que teve uma grande contingência de apoiadores – o que para Bourdieu (1996) é comum de classes com um poder simbólico maior e patentes militares em um quadro majoritário (já que além de empreendedora é policial militar)¹⁶.

Primeiramente, no que concerne ao campo político, tendeu a somar-se às correntes ultraconservadoras, empreendendo combate encarnizado ao comunismo e a todo e qualquer movimento de inclinação esquerdista ou mesmo liberal. Já em relação à doutrina religiosa, pode-se assinalar que a TFP defendeu reiteradamente a primazia do catolicismo pré-conciliar, avesso ao ecumenismo e ao diálogo com as influências emanadas dos valores seculares do ocidente moderno. Se no primeiro aspecto, o político, a doutrina *tefepista* chocou-se contra o *aggiornamento* e seu influxo em boa parte do alto clero (Quadros, 2013, p. 201).

Torna-se possível ver a aversão a ideologias comunistas pelos aspectos ultraconservadores, a categoria de pertencimento, interesses comuns, a tríade denominada por Quadros por TFP (Tradição, Família e Propriedade), elementos centrais e compreendidos pela parcela abastada. O empresariado de classe média corrobora com os valores de pertencimento à categoria em uma maneira mais expressiva – vale lembrar do apoio por parte de camadas empresariais, Igreja, oligarquias com regimes ditatoriais e com o retorno do mesmo, a dominação da produção e a preparação da mão de obra para tal modelo, ou na ideia da fabricação da pandemia da Covid-19 (tópico 4.2) – evocando a “**primeira vez** como tragédia, a **segunda** como **farsa**” (Marx, 2011, p. 25).

¹⁶ O pensamento socialista pode ser entendido como função de bipolarização política, no qual enquadram sistemas de diferenciação liberal e da propriedade social da produção – teorizando políticas e movimentos críticos ao meio de produção e ao trabalho, principalmente das massas que retroalimentam as desigualdades do capitalismo.

Outro destaque na fala de Alves se dá nas “amizades”. São também vistas como classes de trabalho similares, padrões sociais análogos e doutrinas, o que enfatiza diante das narrativas desses lugares enquanto espaços delimitados, tão presentes em sua condição de historicidade da separação entre sujeitas e suas memórias.

‘Graças ao fato de que a fundação da cidade de Roma foi renovada na fundação da Igreja Católica, ainda que, evidentemente, com um conteúdo radicalmente diferente, a trindade romana da religião, da autoridade e da tradição pode ser retomada pela era cristã’. Essa inflexão da ordem cristã do tempo em direção ao já, a um passado em verdade continuamente reativado pelo ritual, permite à Igreja, em todo caso, recuperar, retomar, habitar os modelos antigos do *mos majorum* e da história *magistra*, e de fazê-los funcionar em seu proveito. Mas sem jamais se identificar completamente com eles: tomar-se uma potência temporal, invocando uma outra ordem do tempo. Perdura, enfim, certa plasticidade da ordem cristã do tempo na qual presente, passado, futuro articulam-se na eternidade (Arendt *apud* Hartog, 2013, p. 92).

A ação de rememorar narrativas associadas a fatos *das origens* destacam sensações de pertencimento com a religião e com a categoria de trabalho. A historicização desses fatos e sensações, por sua vez, revelam significados entrelaçados de trajetórias individuais, quadros sociais da memória e contexto social, cultural e econômico dos envolvidos no processo.

Assim, com ação desse presentismo (HTP), as memórias (recentes) ou como Hartog (2013) trouxe “por uma crise do futuro”, enquanto as tradições, às quais se voltam para responder as infelicidades do presente, são, na impossibilidade de traçar uma perspectiva do porvir, amplamente “inventadas” – as incertezas da pandemia, construíram outras vivências, entre ideias de fabricação, golpe, que são antagônicas a fatalidades, mortes e o distanciamento social, outro contexto abarcado nas narrativas diante dos negócios e suas trajetórias, elencado no tópico seguinte.

4 AS TRAMAS INVISÍVEIS DO EMPREENDEDORISMO INFORMAL: FEIRA LIVRE

Sob sua forma elementar, as feiras ainda hoje existem. Pelo menos vão sobrevivendo e, em dias fixos, ante nossos olhos, reconstituem-se nos locais habituais de nossas cidades, com suas desordens, sua afluência, seus pregões, seus odores violentos e o frescor de seus gêneros. Antigamente eram quase iguais: algumas bancas, um toldo contra a chuva, um lugar numerado para cada vendedor, fixado de antemão, devidamente registrado e que é necessário pagar conforme exigência das autoridades ou dos proprietários; uma multidão de compradores e uma profusão de biscateiros, proletariado difuso e ativo: debulhadoras de ervilha que têm fama de mexeriqueiras inveteradas (Braudel, 2009, p. 14).

As feiras livres servem enquanto as engrenagens de trocas sociais e capitalistas, que estão organizadas na simplicidade. Para Fernand Braudel (2009), atravessou os séculos e continuam sobrevivendo, diante das tramas sociais e econômicas das “debulhadoras de ervilha”. Assim como elencado na epígrafe que abre este tópico, o papel das donas de bancas repercute o primeiro plano da cena.

A predominância feminina que atravessou até cenas de motins do século XVIII descrito por E. P. Thompson (1998) acerca das relações das atividades agrícolas/campesina no consumo, produção e abastecimento – em seus escritos da *Korn Laws*, na tradução – *leis dos cereais* (principais matérias-primas na alimentação popular inglesa, negociada em feiras/comércios de abastecimento). Os levantes do século XVIII na Inglaterra, motivados por altos preços dos cereais, mudaram a sociedade inglesa. Tanto homens como mulheres, apoiados na evocação de costumes, tradições e com as práticas da resistência, contrariavam a dissolução das estratégias de sobrevivência rurais frente aos avanços dos negócios capitalistas. Com esses levantes, os grupos de

mulheres [...] foi até o moinho de vento de Gosden, onde, atacando o moleiro por lhes ter fornecido farinha escura, elas se apoderaram do pano com que ele estava peneirando a farinha segundo as instruções da Lei do pão, e cortaram-no em mil pedaços; ameaçando fazer o mesmo com todos os utensílios similares que, em futuras tentativas, ele pudesse utilizar para o mesmo fim. Mais tarde, a líder amazona dessa cavalgada de saias pagou para as companheiras um guinéu, drinques na taverna Crab Tree (Thompson, 1998, p. 115).

Tais ações dessas mulheres, em levantes populares, são importantes para pensar as construções das práticas sociais em incitações por melhorias, sejam condições de vida do campesinato, seja *versus* a opressão da mão de obra de baixo custo nas cidades e, não menos importante, nos processos de informalização da economia, em tão alto grau para homens como para mulheres.

Esse arquétipo, alegado por E. P. Thompson, destaca a participação de mulheres nos meios de produção e de resistência frente aos avanços do capitalismo na disciplinarização e nas experiências de modificação de costumes, tradições e sociabilidades culturais, possível observar com tais grupos sociais invisibilizados.

No decurso dos séculos, seguindo ou contrastando as divisões da sociedade capitalista, as mulheres ocuparam profissões não estimadas, citando o molde do comércio informal em feiras livres, percorrendo em atividades campesinas, domésticas, fabris e, muitas vezes informais. Nesse sentido, a feira livre abarca díspares relações econômicas respectivas à compra e venda de mercadorias. Além disso, envolve relações sociais na trama de competências, resistências, identidades, empreendedorismos informais e formais, diferenças e negócios. No caso das mulheres e, especificamente das mulheres de negócios das feiras livres do Sertão, um olhar acurado em diálogo com os estudos de gênero revela singularidades, assimetrias e experiências.

De um espaço que foi e é relegado à invisibilidade feminina, por muito tempo eclodiu construções sociais marginalizadas, realizadas pelas mulheres, assim como a epígrafe que abre o tópico de Mendonça (2023), retratando tal invisibilidade, diante dos domínios públicos para com a classe da feira livre. O cenário de negócios informais não se tornou exceção, sejam étnicas, relações de poder, classe, fazem compreender as mulheres à frente dos negócios no espaço da feira livre, na cidade de Delmiro Gouveia-AL (Cavalcanti, 2022).

O recorte aqui da pesquisa 2020-2022 foi marcado por impactos sanitários e econômicos associados à pandemia Covid-19, observando uma maior taxa de ocupação do trabalho feminino, seja por falta de oportunidades, independência econômica, ou complementação financeira. Há muitas mulheres à frente dos negócios em bancas, em torno do espaço comercial, no mercado de carnes, vísceras, aves, peixes e mercearias. Diante disso, são necessários estudos que versem sobre a participação das mulheres dentro do comércio da feira livre local, a medida que o espaço parte na construção sociocultural da história do município fabril.

Para compreender tal situação, além da entrevista de Mendonça (2023), realizou-se também pesquisa através de *Survey (Google Forms)* e anotações de campo, ao entrevistar 50 mulheres de diferentes segmentos dentro do espaço, o que permitiu a compreensão dos perfis. As entrevistas foram realizadas com um questionário estruturado, que possibilitou a elaboração de dados gráficos para um processo de compreensão de fatores gerais que envolvem os espaços sociais, além do econômico na vida das “donas de banca da feira” –

termo muito utilizado para evocar o papel e espaço central nas bancas e arredores, assim como o termo “negociantes”, que podem complementar, enquanto um termo geral, que engloba todos os segmentos no entorno da feira livre, bem como algumas “ajudantes das bancas” complementam esse enredo popular que a feira transforma.

Antes de iniciar a observação dos dados *survey*, ressalta-se que a feira livre, enquanto passo norteador nas tramas iniciais de algumas entrevistadas supracitadas, como Bezerra e Cabral, foram negociantes que venderam seus produtos em diferentes tempos e espaços. Bezerra, que trabalhava com o esposo, constituiu sua banca e a centralidade em meados de 1970-1980, no centro; ou seja, fato que se iniciou a construção e aumento de bens de consumo até o ponto comercial do próprio armazém e, seguindo a galeria de móveis e eletrodomésticos e demais empreendimentos. Por sua vez, Cabral vendia ambulante (sem ponto fixo) em um carrinho seus sanduíches naturais, oferecendo de banca em banca e também no centro de Delmiro (atualmente trabalha com distribuição e *delivery*).

Outro fato é que, o espaço da feira livre ainda estava no pátio central (atualmente, está fechado para reformas), uma vez que as negociantes entrevistadas em ambos os meios (donas de bancas, vendedoras ambulantes) se anexaram ao lado do mercado de carnes, fazendo com que as condições de trabalho tornassem mais dificultosas, além do espaço ser menor entre as bancas, diminuindo para algumas o ambiente de negociação (o que já era previsto para acontecer, em meio às entrevistas realizadas). Apesar de ser um dado não central – enfatiza os processos de mudanças no espaço/tema e as fortes críticas das condições de trabalho em meio à pandemia e o processo de insalubridade (AMA, 2022)¹⁷.

Em 2022, essa feira foi... O prefeito, a prefeita foi junto com o [Seplag] (quis se referir à secretaria do estado Sefaz/Recurso do Tesouro do Estado), e resolveram fazer outra mudança, ou seja, renovar o mercado público, renovar a feira, porque disse que a feira já fazia muitos anos, acho que 30 anos por aí, não sei. De 1990 para 2023, liga aí quantos anos, 30 e lá vai alguma coisa (Mendonça, 2023, p. 15).

Dadas as mudanças novamente da zona da feira livre, (1980 a 1990) construção do mercado e transição, (2022) desocupação do pátio para um espaço irregular da avenida ao lado do mercado (atualmente), traçam enredos e suas estatísticas, tramas importantes para elencar mulheres e a feira livre (Figura 15).

¹⁷ Ver: Reportagem sobre o espaço e as condições de trabalho Comerciantes reclamam da situação do Mercado Público Municipal de Delmiro Gouveia. *YouTube: canal – Editora Guia Mais*. Disponível em: <https://youtu.be/1b6fklWBlvk?t=322> Acesso em: 20 jul. 2023.

Figura 15 – Feira livre após a transferência, 1992



Fonte: Acervo pessoal de Fernandes José Dos Santos (Amigos de Delmiro – Facebook).

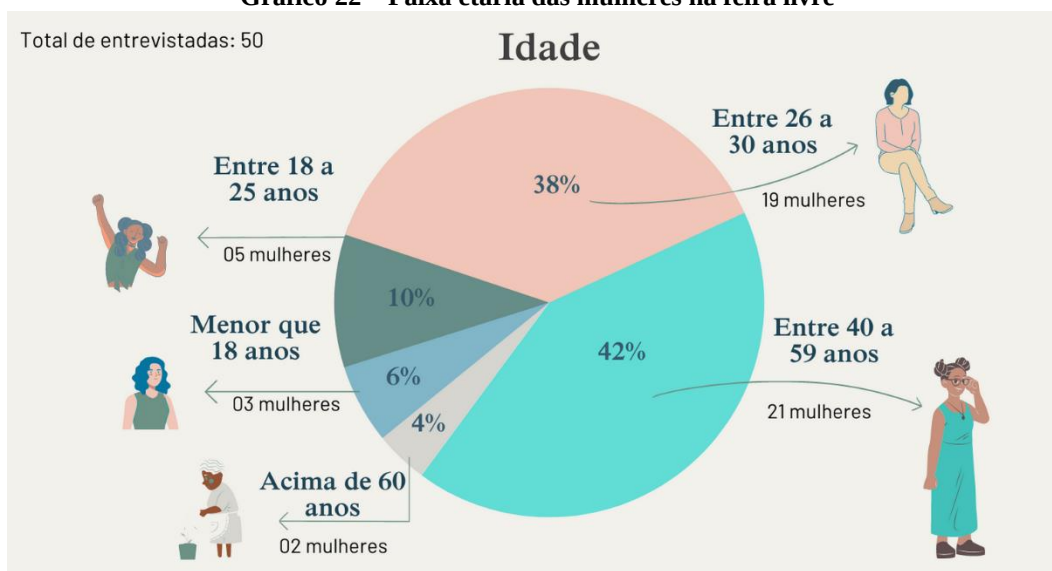
4.1 Entre facas e baldes: as negociantes verdureiras, quituteiras, peixeiras, açogueiras

Diante das histórias das mulheres da feira livre delmireNSE, as mulheres sempre tiveram importância/peso de tal modo para a formação das feiras livres, sobretudo, quando nem todos os trabalhos fabris e formais abarcam um público tão expressivo, e, em se tratando do Sertão, esse processo torna-se mais significativo (Matos; Borelli, 2018).

Foi, desde o início, determinante. Vários desses estabelecimentos eram, inclusive, conhecidos pelos nomes de suas proprietárias. [...]. No comércio de rua, entre vários ambulantes, muitas mulheres comercializavam verduras, legumes, frutas, flores ovos, batatas, cebolas, aves, carnes, peixe, leite, pão entre outros produtos [...] das verdureiras, na sua maioria de imigrantes, que expunham nas feiras livres o que produziam em chácaras existentes nos arredores das cidades (Matos; Borelli, 2018, p. 129).

Vale ressaltar os dados do *survey* sobre essa centralidade feminina na construção das feiras livres. Ao entrevistar algumas delas, foi possível fazer um mapeamento entre faixa etária, o que demonstra que as mulheres com mais idade, entre 40 e 59 anos, ocupam 42% das entrevistadas; seguindo de 26 a 30 anos, 38%; e entre 18 a 25 anos, 10%; menores de 18 anos, 6%; acima de 60 anos, 4%. Percentuais mais baixos devido à idade avançada (Gráfico 22).

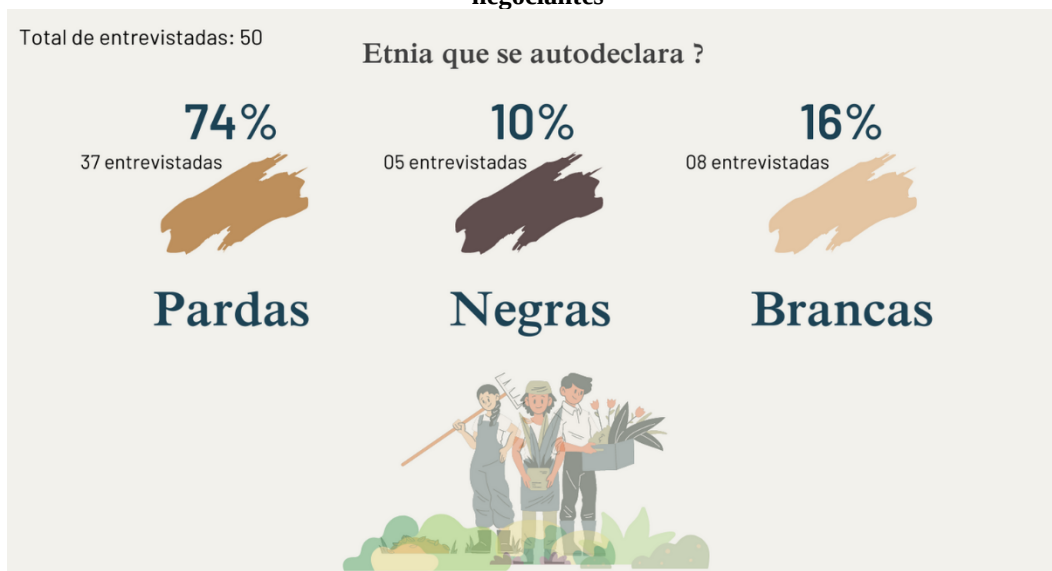
Gráfico 22 – Faixa etária das mulheres na feira livre



Fonte: Cavalcanti (2022).

O reconhecimento étnico e a autodeclaração tiveram números expressivos entre pardas, 74%; negras, 10%; e brancas, 16% (Gráfico 23). Devido a região do Sertão ser amplamente miscigenada, a comparação de trabalho autônomo de baixa renda, pardas e negras são as que ocupam mais quadros da informalidade, segundo o IBGE (2012).

Gráfico 23 – Etnia na feira livre segundo as negociantes



Fonte: Cavalcanti (2022).

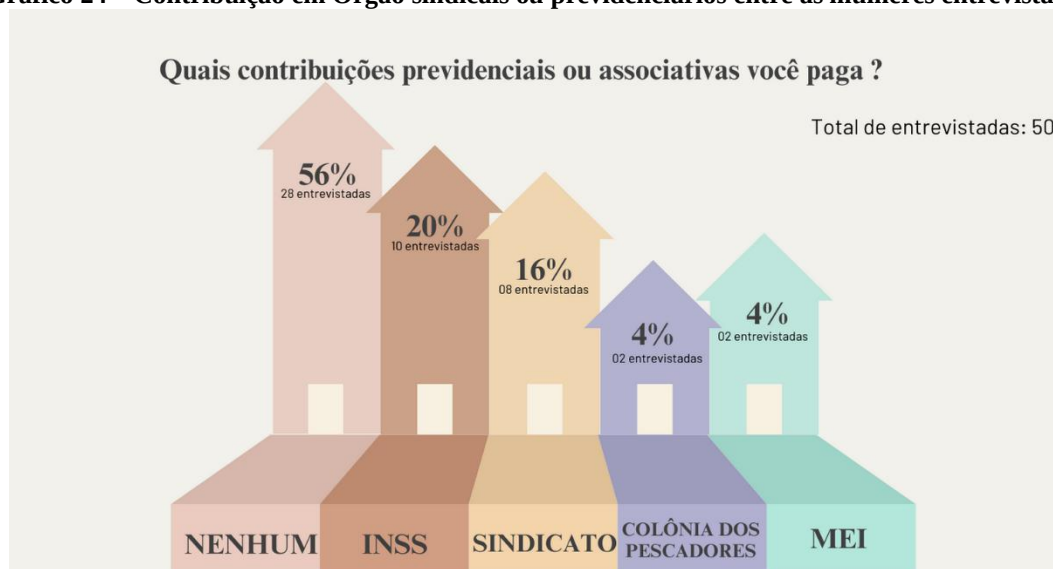
Um fenômeno muito importante na autodeclaração foi observado quando perguntado sobre etnia, a questão do pardismo (Lago; Montibeler; Miguel, 2023). Para o IBGE, o censo, é composto por cinco categorias: branco, preto, pardo, amarelo e indígena. Pardo é um conceito para pessoas negras ou indígenas com predomínio branco, mas a questão não se

aplica para branco de diferentes grupos, assim o pardo é o preto mais claro. Quando somado nos censos, dividem a mesma categoria. Ao observar essas perspectivas, um grande contingente de pessoas negras (pretos + pardos) permanece em posições que a colorimetria constrói nos sertões, nas feiras e no Nordeste, e com a regionalidade (apesar das regiões fora do Nordeste também acompanharem aspectos semelhantes em relação ao não branco) (Albuquerque, 2007).

A passabilidade conferida, no caso de pessoas negras de pele clara, atua também enquanto um elemento que produz sofrimento psicológico e cisão da autoestima, visto que o sujeito compreende que seus acessos são conferidos por conta de uma invisibilização de fatores constituintes da sua identidade. Esse sujeito é mais aceito por tornar “mais brandas” as características que o tornam quem ele é, características que fogem à norma e o fazem singular. Este é o nível de violência da lógica racista que opera em nossa sociedade [...] A invasão, colonização e consequente miscigenação do Brasil promovem situações estruturais diferentes de racialização para pessoas negras de pele clara (ou aquelas com fenótipos ambíguos), para pessoas negras de pele retinta e para pessoas indígenas, visto que o processo de racialização é sempre relacional [...] o discurso da miscigenação é um importante elemento no aparelho ideológico racial no país [...] (físico-ideológico) da população brasileira desde meados do século XIX, época em que o Estado colocou em curso uma política eugenista de incentivo à imigração europeia que tinha como objetivo último o branqueamento da população nacional. No projeto de nação europeizada, o corpo pardo traduziu-se em símbolo do povo brasileiro e da mestiçagem. E o corpo da mulher brasileira passou a integrar o rol dos elementos de exportação dessa imagem (Lago; Montibeler; Miguel, 2023).

No que se refere à informalidade, a taxa de contribuição para órgãos de classe e fundo previdenciário não alcançam nem metade das entrevistas, o que sugere também as baixas rendas e a precarização do trabalho, ou seja, 56% (28 entrevistadas) não contribuem para nenhum órgão previdenciário ou associativo, apenas 20% (10 entrevistadas) pagam o INSS, 16% (8 entrevistadas) pagam o sindicato rural, 4% (02 entrevistadas) contribuem mediante a colônia de pescadores e apenas 4% (02 entrevistadas) são MEIs, como demonstra o Gráfico 24.

Gráfico 24 – Contribuição em Órgão sindicais ou previdenciários entre as mulheres entrevistadas



Fonte: Cavalcanti (2022).

O baixo número da formalidade entre as feirantes, quando elencado na pesquisa de campo, se deu, principalmente, por baixos salários, ou até mesmo por nunca terem buscado serviços ou apoios em órgãos públicos e privados (Prefeitura, sindicatos, Sebrae). Acompanhando a fala de Mendonça (2023), é possível um comparativo de mentalidades mais “fechadas”, tanto para a capacitação quanto para acompanhar as transformações:

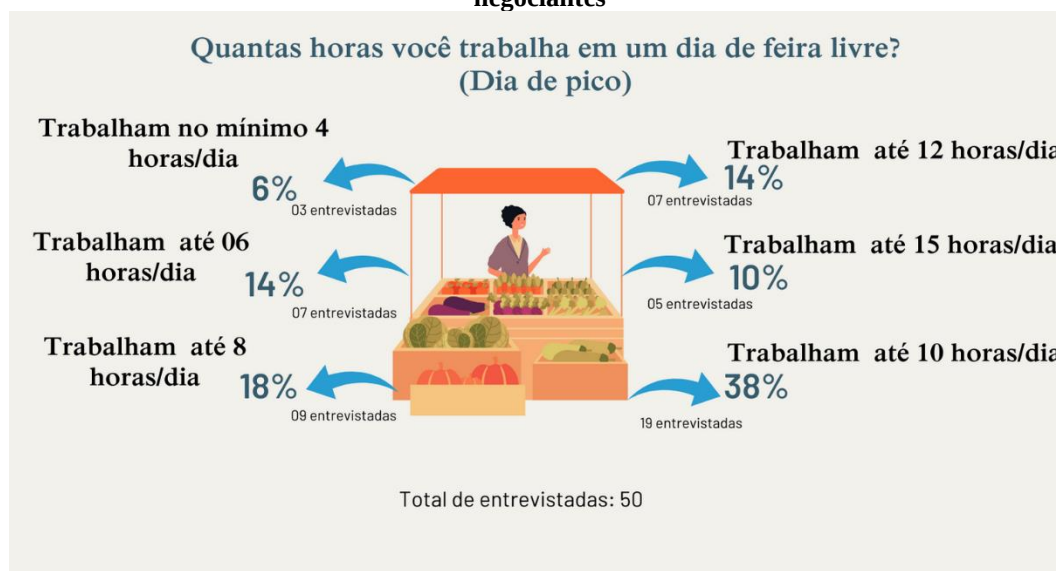
Apesar de que você acredita que ainda hoje existe muito feirante leigo no assunto, e quando você fala: ‘aí já esse negócio do Sebrae é coisa do cão, e que não sei o quê ...’, é meio complicado, tem que ter muita mente fechada ainda. Em termo de pessoa física para feira livre, caiu muito, muito, muito, muito mesmo (Mendonça, 2023, p. 14).

O descaso social pode ser um aparato centralizador, como explicita Bourdieu (1996), ao traçar um gráfico da simbologia do capital social e cultural, sobre as vertentes de visibilidade e invisibilidade das camadas populares, assim como dentro do próprio espaço surgirem diferenças econômicas e relações de poderes (ajudantes; patrões; tamanho da banca, transportes de mercadoria, variedades em produtos), sugeridos pelo poder de compra e manutenção do *Habitus* criando distinções e manutenção de mentalidades.

Já as horas trabalhadas dentro da feira livre são um dos principais fatores para que o trabalho seja visto como árduo, para além do espaço estrutural e más condições. Sendo que para além da casa, maternidade e estudo obedecendo ao que Spivak (2010, p. 57) falou sobre "o sujeito subalterno colonizado é irremediavelmente heterogêneo".

Assim, de acordo com o Gráfico 25, 38% (19 entrevistadas) trabalham até 10 horas em dias de pico (maior movimentação de clientes); 18% (09 entrevistadas) trabalham até 08 horas/dia horas (dentro do mercado público e em bancas de médio porte); 14% (07 entrevistadas) 06 horas/dia (assentamentos rurais que dependem de transporte para locomoção); 14% (07 entrevistadas) 12 horas/dia; 10% (05 entrevistadas) trabalham 15 horas/dia (maiores bancas vendem em grosso e varejo); 6% (03 entrevistadas) 04 horas/dia essa categoria de 04 horas costuma ser de senhoras acima de 59 anos e residentes de fora (Água Branca e povoados).

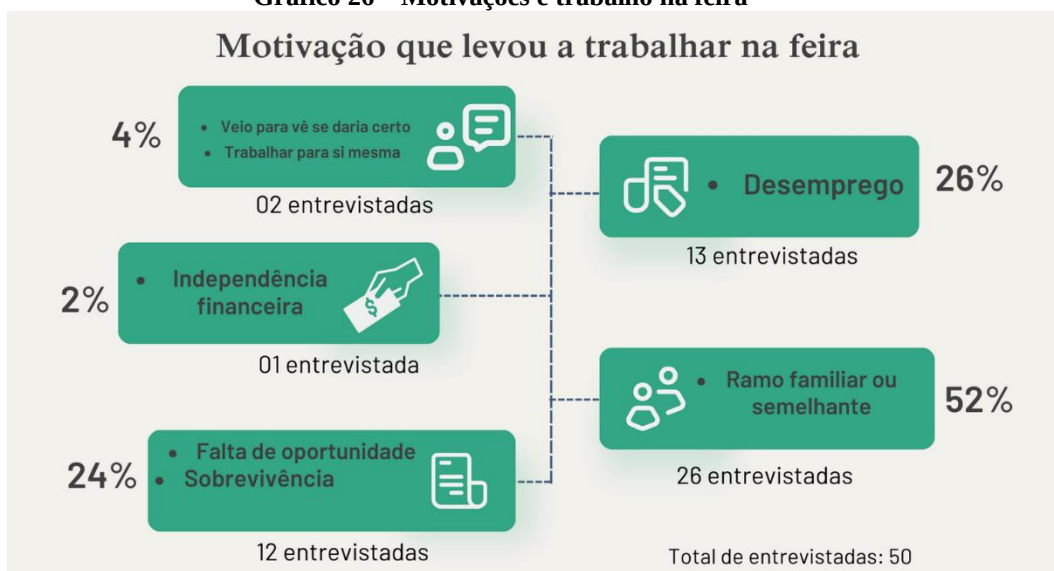
Gráfico 25 – Horas trabalhadas em dia de pico pelas mulheres negociantes



Fonte: Cavalcanti (2022).

As motivações que levaram também a escolha profissional decorrem por ramo familiar ou semelhante – mais de 56% da resposta das entrevistadas, seguindo de quadros de desemprego, 26%; enquanto única oportunidade ou para sobrevivência alcançam 24% – a independência financeira; e arriscar para ver se dava certo somou 6% em conjunto (Gráfico 26).

Gráfico 26 – Motivações e trabalho na feira



Fonte: Cavalcanti (2022).

Vale observar que as condições desvalorizadas do capitalismo acompanham o processo de subalternidade feminino, posições que quase ninguém quer ocupar (feira livre), enfatizado por Spivak (2010) de maneira sutil, embora que não fale explicitamente, é o processo que se cria com exploração cometida pelo capitalismo, um único golpe, o protege e o reabilita diante desse materialismo histórico-dialético, acentuando os processos de trabalho e exploração, condições desfavoráveis às mulheres, principalmente emergem na informalidade.

Para tal modo, o desfavorecimento de oportunidades reflete no sustento familiar. Apesar de não ser especificado, também foi uma das coisas expressadas fora do *survey*, já que 82% (41 entrevistadas) são mães e apenas 18% não possuem filhos. Quando comparado aos dados de empreendedorismo formal, fora do ambiente da feira, uma grande gama de mulheres é mãe, chefe de domicílio, trabalha para melhor qualidade de vida, como observados nos dados da seção 2 e podem também ser observados nos quadros das entrevistadas (Gráfico 27).

Gráfico 27 – Maternidade e feira livre de Delmiro Gouveia



Fonte: Cavalcanti (2022).

Além da maternidade (Gráfico 27), observa-se também uma maior taxa de mulheres casadas, 42%, seguidas de 32% solteiras, 12% divorciadas, 10% possuem união estável e 2% são viúvas. A feira livre também surge como uma oportunidade central econômica para o sustento familiar. Foram observados, majoritariamente, que as mulheres casadas geriam seus negócios separadamente dos esposos, estimando 71% (15 de 21 das entrevistadas casadas) trabalharem separadamente, os dados estão organizados no Gráfico 28¹⁸.

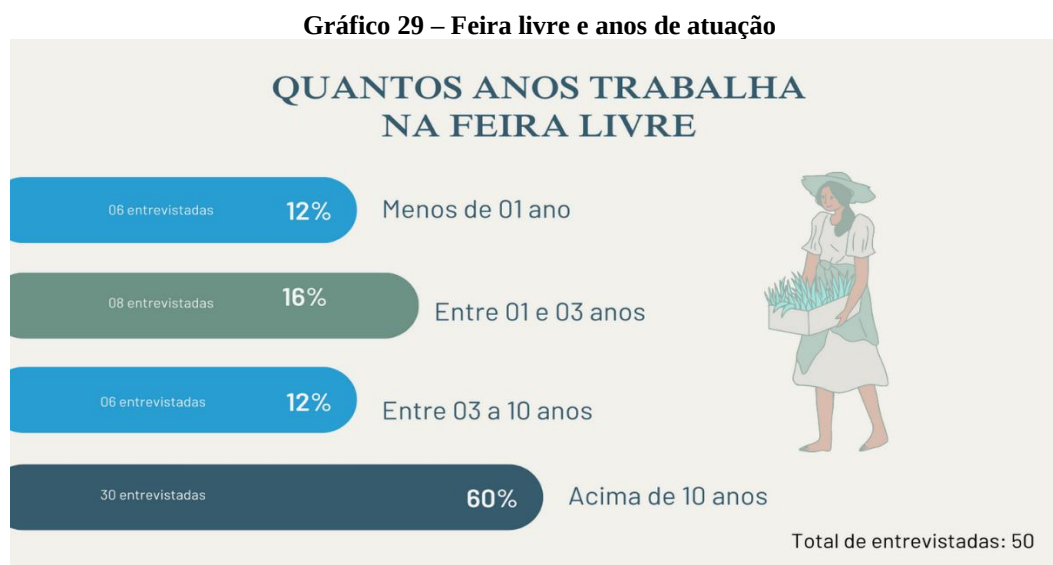
Gráfico 28 – Feirantes e Estado Civil



Fonte: Cavalcanti (2022).

¹⁸ Base de cálculo: $15 \times 100 / 21 = 71,42\%$

Em relação a tempo de trabalho (Gráfico 29), 60% (30 entrevistadas) trabalham mais de 10 anos; outra parcela de 12% trabalha entre 03 a 10 anos completos (6 entrevistadas); 16% (8 entrevistas) atuam entre 01 a 03 anos; estimam-se que 12% (6 entrevistadas) estão a menos de um ano, tendo sua entrada durante a pandemia da Covid-19, como observado no período da realização da entrevista (Gráfico 29).



Fonte: Cavalcanti (2021).

A escolaridade entre as entrevistadas demonstrou um percentual maior de Ensino Fundamental incompleto, 36%, desistindo por condições de se manter em sala de aula, ou aprender o básico; já 26% conseguiram concluir o Ensino Médio; contra 16% que não concluíram; apenas 2% das entrevistadas conseguiram terminar o Ensino Superior. Uma das entrevistadas fala que, apesar de formada, consegue ganhar mais na feira, que na antiga profissão (barraca de queijo e quitutes); 6% não concluíram o Ensino Superior ou desistiram; já 2% têm curso técnico, mas por falta de oportunidade na região iniciou na feira; o percentual de não alfabetizadas alcançou 4%, observando serem mais idosas e só saberem o básico para os negócios (Gráfico 30).

Gráfico 30 – Escolaridade das mulheres na feira livre



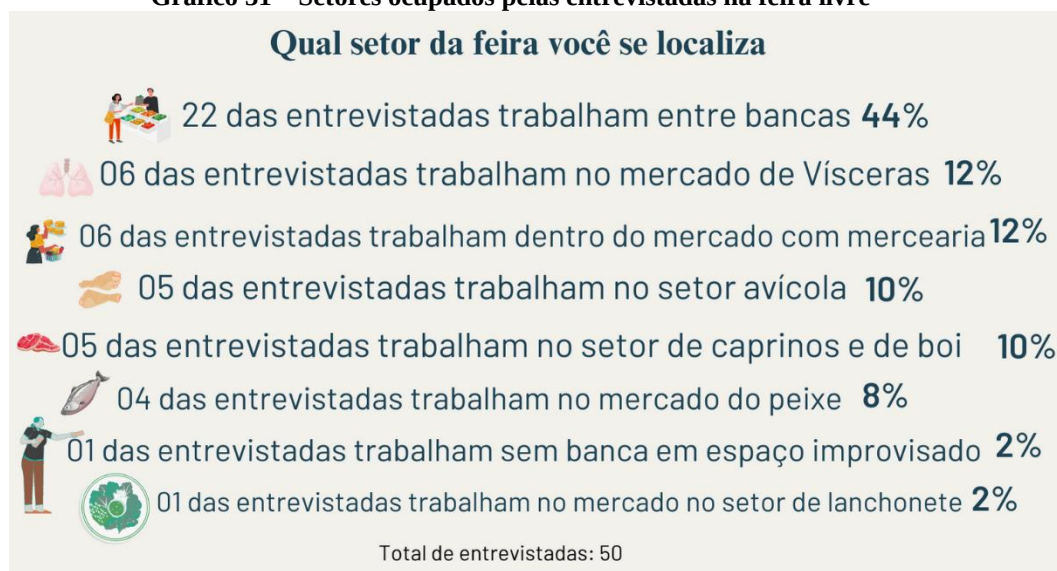
Fonte: Cavalcanti (2022).

Ao aprofundarem as questões sobre escolaridade, é comum que as mulheres que estão à frente das bancas, balcões, mesmo sem muito estudo, priorizem a formação de filhas e filhos, na tentativa de novos começos e mudanças, como frisou Mendonça (2023): “obstáculos, existem, mas, também como eu disse a você, eu tenho minha filha que é dentista, tenho meu filho fisioterapeuta. Luciene tem a filha dela que é médica (Argentina) [tudo através dos negócios da feira]”.

Com rotinas mais árduas, muitas horas trabalhadas, e muitas dessas mulheres virem de ramo familiar nas bancas, o processo e as tentativas de condições diferentes são comuns e importantes para as tramas sociais, podendo observar quando Mendonça (2023) traz as conquistas dos estudos dos filhos e da sobrinha pela feira livre (diante das controvérsias das tramas e poderes para investirem e crescerem) conseguiram conduzir espaços talvez não orquestrados em outras posições (assalariadas).

Além das estatísticas criadas através das entrevistadas, as entrevistadas ocupavam as seguintes posições/espços na feira livre (Gráfico 31): de todas as entrevistadas (50), apenas uma no momento da entrevista não ocupava o pátio da feira livre, vendia em caixote improvisado ao lado, não podendo ocupar o espaço por causa do imposto que é cobrado para uso dele pelos feirantes das bancas:

Gráfico 31 – Setores ocupados pelas entrevistadas na feira livre



Fonte: Cavalcanti (2022).

Em comparativo das posições, nota-se que mulheres que trabalham com carnes (caprinos e boi) têm estabilidade financeira, quando comparada com as que trabalham com mercearia (cereais, leguminosas, embutidos, e produtos artesanais de origem da cana de açúcar) no mesmo espaço; já mulheres que trabalham com vísceras e com peixes têm condições financeiras menos favoráveis, o que faz com que trabalhem acima de 08 horas e mais dias consecutivos (o que diferem das negociantes das bancas que costumam escolher dias de maior movimento e de reabastecimento de mercadorias).

As “donas de bancas”, quando compreendidas em pequenas, médias e grandes bancas (distribuição para outras feirantes – é o caso de Mendonça) ocupam lugares em nichos (as pessoas da roça costumam vender em bancas menores na extremidade da feira, longe do mercado público, mas existem raras exceções); feirantes com barracas maiores com distribuição costumavam ficar em bancas de fácil acesso ou em fileiras mais organizadas para a transição de mercadorias em ampla escala; outro dado equivalente é que as grandes bancas possuem entre 01 até 03 ajudantes (adolescentes, homens e mulheres); as pequenas bancas costumam ser destinadas para hortaliças (agricultura familiar). Apesar de grupos de agricultura familiar terem pequenas bancas, uma grande parcela vende a negociantes de maior expressão (hortaliças que são perecíveis e não podem demorar para serem transportadas), o que cria uma certa cadeia de autoconsumo, para além dos clientes externos da cidade. Já as barracas de queijos, bolos e lanches tendem a fazer parte das pequenas barracas e da produção artesanal, em sua maioria, processos acordados com Moraes e Araújo (2006).

Nesses espaços das conversas, das tradições, dos encontros, das transgressões, das experiências, das compras, vendas e permutas, das jocosidades, das performances corporais e orais, enfim, das cores, odores e sonoridades que se misturam e se dissolvem, inúmeras pessoas efetuam as reproduções sociais e capitalistas da vida cotidiana. Dessa maneira, a feira se institui, antes de tudo, em um espaço de mobilidades comerciais e sociais onde, por meio das diversificadas dinâmicas, ergue-se uma rede de sociabilidades vivenciadas pelos agentes sociais no âmbito dos territórios construídos (Morais; Araújo, 2006, p. 247).

Ao traçar os aspectos econômicos, sociais e culturais podemos também compreender que a feira possui uma gama de pessoas que vem para a cidade no chamado “dia de feira”. Através das narrativas de Mendonça (2023) revelam que, mesmo antes da transição tinha essa estrutura e processo migratórios, as relações intermunicipais, o que fez com que muitas pessoas negociem na região, apesar de ser uma feira de médio porte quando comparada com regiões mais desenvolvidas nas proximidades, exemplo de Paulo Afonso-BA.

Eu estou falando com você, eu estou revivendo um momento, e isso é muito bom. Por isso que eu disse a você, o conhecimento é a única coisa que ninguém rouba de você, e você fez eu lembrar agora. Era muito interessante e a feira era muito movimentada, vinham muitos carros de fora. A feira de Delmiro Gouveia era uma feira, você sabe, assim uma feira livre, então era uma feira [...] O pessoal, algo ou alguém se perdeu, enfim, outras pessoas desistiram de ir para lá para esse ponto, é, outros foram para Paulo Afonso, outros foram ficando velhinhos, outras pessoas que vinham para Delmiro, devido à mudança da feira. Porque você sabe, em uma mudança ela traz muitas consequências, traz benignidade para uns e para outros traz coisas ruins, e muitas pessoas se beneficiam, outras se prejudicam [...] hoje tem gente de Itabaiana, tem gente de Mata Grande, tem gente de Água Branca, tem gente de Paulo Afonso, é gente de muito lugar nesta feira, entendeu? É inclusive, até eu... nos cadastros que eu estava fazendo, eu estava falando que as pessoas que Ziane colocou para representar ela dentro do mercado público, da prioridade não são as pessoas da cidade, mas foram mais as pessoas de fora. Inclusive, até eu frisei isso, porque eu vivi isso e eu passei por isso, e eu sou prova disso (Mendonça, 2023, p. 3; 7).

Diante das mudanças, e dos espaços disputados, outros aspectos marginalizam cada vez mais a vida e comércio da feira livre, são os supermercados e a expansão de mercadorias. Devido à estrutura e sucateamento, aprofundou as relações entre as disputas com grandes hipermercados, já que a feira consegue oferecer produtos, preços, mas não estruturas e capacitação dos empreendedores informais, principalmente, as formas de pagamento que são outra vertente para que a feira livre se torne obsoleta em meio à materialidade das relações sociais, capitais de oferta e troca (cartões, pix, maquininhas) como destacou Mendonça.

E hoje, principalmente, como está tudo formalizado, hoje o povo trabalha, você não vê mais um, você está na feira, é muito difícil alguém chegar e fazer uma feira

de 100,00 BRL, por exemplo, e pagar com a nota de 100, não, você tem Pix, maquininha, tem Pix, maquininha, é isso. É difícil você, as formas de pagamento hoje é mais via Pix ou cartão. Então hoje o mundo está muito mudado mudou tudo, por isso que eu digo a você – hoje, a Prefeitura, ela tem que achar um meio, por exemplo, de fazer uma parceria com o Sebrae para as pessoas conseguirem [acompanhar].

De acordo com Firmino (2019), o espaço da feira livre é muito importante diante das mudanças globais, as interpelações estabelecidas são os traços primordiais que contemplam esses campos socioeconômicos em atividade, o que complementam as falas de Mendonça (2023) sobre a importância da feira.

Entretanto, permanece sempre o essencial da feira livre: a dinamicidade de suas cidades e regiões através de sua realização, relações existentes entre as pessoas que a fazem acontecer, assim como uma maior interação entre a zona urbana e a zona rural, criando um ir e vir que faz movimentar a cidade e toda sua região, com um frenesi maior que o de costume, fortalecendo a relação de complementariedade entre ela e o comércio a sua volta. Neste sentido, a feira tem a força de oferecer uma variedade em relação aos produtos comercializados, permitindo a população local e circunvizinha a terem um maior direito de escolha na hora da compra, venda e/ou troca (Firmino, 2019, p. 233).

Ao observar que a mão de obra da feira livre revela excedentes (não se tem trabalho assalariado para todos), a informalidade e as construções entre campo, assentamentos e zonas urbanas (por menores e ainda em crescimento) são primordiais contra maiores taxas de desemprego e miséria. Os espaços relegados, no geral, tanto às mulheres quanto aos homens os transformam e perduram durante séculos, décadas e anos, diante do que para Braudel (2009), a feira foi uma afirmação positiva do capital:

Assim, segundo o esquema braudeliano, todas as variantes da economia de mercado, desde a pequena tenda até as feiras e as bolsas, passando pelo mercado e pelas bugigangas itinerantes, são essencialmente estruturas positivas. Além de cumprir a função de socialização e de enriquecimento dos mundos fechados que põem em contato, elas são estruturas basicamente transparentes, justas, democráticas e equilibradas (Rojas, 2013, p. 96).

Ao separar que não é função característica da feira por si só não é o aumento econômico e regional, mas em cada momento se estabelecem trajetórias novas, outros negócios vão tomando espaços, respectivamente com a feira livre, serviu de apoio à vida econômica de Delmiro Gouveia, mas criam ainda uma zona de memórias, lutas, e superações.

Tenho um caminhão e eu tinha um ponto, e esse ponto ele foi executado [após a retirada das bancas], ele não existe mais, e o feirante, principalmente nós, nós que

abastecemos, eu, por exemplo, eu que trago o alimento para Delmiro Gouveia, eu sou uma das, sou responsável por trazer esse alimento para cá e você não tem um apoio, um ponto, um Ceasa, que a gente é gente está entendendo. Nós somos pessoas cheias de razões e cheias de emoções e o ponto negativo que eu acho é esse você ser jogada aí como uma qualquer, você não ser vista, pelo prefeito, pelo vereador (Mendonça, 2023, p. 15).

Diante dos relatos de Mendonça (2023), e das entrevistas fechadas do *Survey* – a problemática é a mesma: insalubridade, desorganização, altas taxas para a baixa manutenção que é feita, falta de centros de apoio para compra e venda específica (Ceasa), falta de políticas públicas e capacitação de atendimento ao público, assim como a entrega das obras paradas do pátio da feira livre. Diante dessas pautas, “você não ser vista”, traz aspectos centrais para a informalidade das feirantes.

Por conseguinte, o último tópico vai trazer através da Covid-19, outro cenário para feirantes e comerciantes centrais, em meio às crises, reinvenções, políticas negacionistas e como isso trouxe amálgamas de sentimentos, diante do que é empreender, diante dos cenários da incerteza para as empreendedoras no Sertão delmireense.

A despeito das manifestações das classes populares não determinarem a existência de uma consciência e a clareza de objetivos, desde a mudança da feira livre para aonde se localiza hoje, bem como afirmou Thompson (1998) que, diante de ocorrências que permaneciam em desconformidade com os costumes e a cultura das plebes (as reformas, os impostos, as condições insalubres de trabalho, a falta de padronização das bancas), podendo também ser comparado às narrativas, tanto qualitativa quanto na entrevista realizada com Mendonça (2023). Apesar do descontentamento, “os costumes em comum” tendem a buscar melhorias e transformações para manter a sobrevivência e as condições básicas para os trabalhos das negociantes.

Outro dado olhar para o processo realizado na economia transparece alterações nas relações de trabalho na feira livre, a própria informalidade de “empregadoras” traz essas condições cíclicas da subalternização do trabalho de outras pessoas que vendem sua mão de obra para realizarem trabalhos, muitas vezes, pesados e indesejados para as negociantes, que tendem a separar parte do lucro para pagarem essa mão de obra, um costume que transparece também poder, relações hierárquicas e de capital no pátio da feira.

4.2 Tempos de pandemia e isolamento e da Covid-19

Para muitos, essa pandemia foi um desastre. Por exemplo, para mim foi um desastre, porque eu perdi o meu esposo, eu perdi a peça primordial da minha vida, uma das. Que, na realidade, as primordiais, são meus filhos, mas ele era que fazia

o todo, e eu o perdi. E nisso, houve muitas coisas ruins, mas graças a Deus eu superei, porque nós temos um Deus que tudo pode (Mendonça, 2023, p. 15).

Ao final de 2019 e início de 2020, entre incertezas, medos, caos e provas, os brasileiros procuravam perceber o que estava acontecendo e se adaptar ao “vírus esférico [...] esse coronavírus é cientificamente conhecido como Sars-CoV-2. Quando contamina uma pessoa, causa uma doença denominada Covid-19” (Machado, 2021, p. 17). A síndrome respiratória aguda grave, detectada inicialmente em uma província da China, em novembro de 2019, tomou enorme proporção, à medida que a Organização Mundial da Saúde (OMS), divulgou internacionalmente a comunidade científica para preocupação.

É cientificamente inquestionável a elevada eficácia do distanciamento social para a contenção da transmissão do vírus. Essa contenção tem dois objetivos. Em primeiro lugar, a queda na velocidade de contaminação reduz a demanda por serviços e instalações médicos e, dessa forma, evita que pacientes possam ficar sem atendimento. Em segundo lugar, a queda no número de pessoas contaminadas por unidade de tempo pode fazer a pandemia perder momentum, diminuindo o número total de pessoas infectadas e, portanto, o de óbitos. Assim, enquanto o primeiro objetivo visa evitar que o sistema de saúde entre em colapso, o segundo visa controlar o processo de transmissão do Sars-CoV-2 (Machado, 2021, p. 18-19).

As consequências trazidas pela pandemia da Covid-19 impuseram mudanças, urgências e desafios a esferas diferentes da vida humana – saúde, economia, educação, política, distanciamento social, entre outras. Por outro lado, o negacionismo científico, as *fakes news* e movimentos antidemocráticos agravaram a situação do país em meio a mais recente crise mundial sanitária, econômica, de saúde pública e de ameaça aos estados democráticos, assim como apresentado na epígrafe que abre esse tópico, diante da morte do esposo de Mendonça (2023) por complicações do vírus (Santos; Gomes; Bacelar, 2018).

Diante desse contexto, vemos que os acontecimentos associados à pandemia transpassam as narrativas das empresárias entrevistadas. Um dos fenômenos observados foi o ocorrido em meio aos processos de crises, também de crescimento para outras empreendedoras (Santos; Gomes; Bacelar, 2018).

Mas teve muitas pessoas que lideraram mesmo, como por exemplo, a Delma [Prima]. Como falei para você, ela liderou. Mesmo hoje, Delma tem um prédio ali no calçadão que custou na época, que ela pagou que foi o dinheiro da pandemia, que ela ganhou na pandemia, na época, [custou] 850.000,00 – hoje, se ela quiser vender é um milhão e meio (Mendonça, 2023, p. 15).

O antagonismo entre ganhos e perdas diante do cenário da Covid-19 alcançou todo um itinerário, entre categorias trabalhadoras, em diferentes formas e contextos, como exemplificado na fala de Mendonça (2023), ao comparar o ganho na pandemia da também empreendedora do ramo de verduras e prima, nas conquistas de bens e expansão econômica. O que para Melo (2022), similar categoria de MEI, quase significou o fechamento (diminuição de distribuição de produtos aos estabelecimentos).

Assim, a narrativa da microempreendedora do seguimento sanduíches naturais, Melo (2022), no cenário da pandemia, conferiu que as incertezas e o agravamento de como se "sustentar" foi muito forte, intenso e desafiador; em particular, para uma mulher casada, mãe de duas filhas e dependente financeiramente do marido. Melo (2022, p. 3) destaca que:

Foi difícil pela adaptação, como eu falei [cuidar] da casa, e de estar na rua, mas quando a minha prima veio, melhorou um pouco, que a gente começou a dividir as tarefas e em 2019 foi uma época assim bem complicada para a *Naturals*. Uma época, que eu digo 'vai fechar', porque a minha prima precisou ir embora, por conta de problemas na família com a mãe dela, problemas de saúde, ela não tinha como deixar a mãe só com a irmã. E eu fiquei sozinha, e ver a Covid, eu já não estava mais nas ruas e eu também não fazia mais o *delivery*. E aí, fechou tudo, eu me vi doida assim, eu digo 'vou fechar, não tem como me sustentar, e como é que eu vou fazer, e agora?' Não, vou ter que fazer alguma coisa, fechar eu não fecho, essa aqui eu só fecho se Deus disser assim: 'feche minha filha'.

Além da sobrecarga – após a saída da sócia/prima, com quem dividia os negócios – Melo (2022) também foi cuidadora de uma idosa, sofria com o acúmulo de trabalho, uma condição que em si é muito conectada à imagem feminina. Ao fazer muitas tarefas, surgem as consequências, seja com a estafa mental, seja com a corporal. Mas em sua narrativa, apesar desse processo árduo, a esfera da fé foi uma ferramenta de alívio, desfechos positivos para se apoiar em tempos difíceis, estimulando-lhe a não desistir (para além da construção de categoria a da religião é debatida no tópico 3.3, compreende-se a fé, em um quadro de esperança da vida e da salvação da calamidade).

Toda vez que eu digo a Deus, toda noite quando eu me deito que eu estou pensando em desistir, eu me deito, aí digo: 'Deus, eu não quero mais, já deu'. E é incrível, é incrível assim tem dias que eu choro mesmo, toda vez ele manda um recado, toda vez, ele me mandou um recado. Um desses recados, eu tinha dito a ele, 'eu não quero não mudar, estou cansada, estou exausta'. Eu já mesmo cuidando de sanduíche depois que a minha prima foi embora, eu fiquei cuidando de uma idosa que tinha diabetes, que não andava, que era eu que fazia tudo. Assim, eu a levava ao banheiro, dava banho, fazia tudo (Melo, 2022, p. 3).

Segundo a psicóloga Kovács (2007, p. 246):

Espiritualidade pode envolver, além disso, um sistema de crenças, por vezes ligadas às religiões tradicionais, mas antes de tudo, em nosso ponto de vista, tem um elemento fundamental de construção do próprio sujeito. A fé faz parte das religiões tradicionais e da busca pessoal pela religiosidade e pode passar por vários estágios. A fé está vinculada à força espiritual e à busca em acreditar num sentido maior.

Em outra narrativa semelhante, em relação ao papel da fé, é a da delmireense Silva (2022), professora das disciplinas de História e de Cultura Empreendedora na rede estadual e também empreendedora do ramo alimentício de crepes suíços e tapiocaria. A entrevistada descreve a espiritualidade como válvula de escape em meio à resolução de etapas difíceis.

Até porque uma das missões e valores que sempre coloquei, Deus como meu mentor, Deus acima das minhas coisas todas. Agora que eu não estou igual ao outro não [crítica à política vigente de Bolsonaro], mas Deus para mim é tudo. Eu sempre fui assim, inspirada nessa espiritualidade. Se vem algo para mim, eu me recolho, sabe, eu vou para dentro de um lugar onde eu possa fazer a minha meditação, vejo o que eu posso fazer de primeiro, recebo aquilo, não me impacto e o desafio eu cumpro, vou fazer com que cumprir (Silva, 2022, p. 7).

O relato rememora a prática da crença e da autoestima, assim como vem em memória o ato que se tornou um discurso partidário, afirmando que ao manifestar sua fé, não faz menção a tal partidário conservador e negacionista, até então vigente como uma plataforma de campanha. “Não estou igual ao outro não”, fazendo menção a fé enquanto plataforma de promoção da pandemia enquanto fabricação e uma enorme construção da infodemia (*fakenews* espalhadas em massificação nas redes sociais e políticas públicas) (Ferreira; Lima; Souza, 2020).

De acordo com Ferreira, Lima e Souza (2020, p. 38) e comparativo com a fala de Silva:

As estratégias das eleições estadunidenses marcadas pelas *fake News* foram adotadas nas eleições de outros países, como na disputa pela presidência do Brasil, em 2018. As *fake News* destes dois processos eleitorais contribuíram para uma cultura separatista entre republicanos e democratas, esquerda e direita, entre outras dicotomias, gerando cultura e práticas diversas de medo, ódio e violência, principalmente, porque os discursos disseminados nas mídias sociais permeiam as relações sociais fora delas. Em 2016 e 2018, respectivamente, nos EUA e no Brasil, movimentos pró e contra governos ganharam as ruas, gerando desordem e caos social, como o atentado à vida do então candidato a presidente da República do Brasil Jair Bolsonaro, ocorrido durante a sua campanha eleitoral.

Entretanto os enfrentamentos aos debates políticos nas falas, ou até mesmo nos silêncios, enxergam as camadas pró e contra o governo (Jesus; Alves). No curso dos últimos

anos, às entrevistas realizadas – em razão do cenário de polarizações políticas, partidárias e eleitorais –, exigiram uma série de cuidados na abordagem e construção das entrevistas. Entretanto, os desfechos e narrativas entre as microempreendedoras Silva, Melo e Alves são ambivalentes, em relação ao entendimento do que foi e do que ainda é a pandemia da Covid-19 e seus impactos. Seja pelo ângulo da fé, economia, política e/ou ideologia. Nesse sentido, para Alves, os impactos da pandemia demonstram situações para além do cenário regional, ou seja, também ligadas às políticas nacionais e internacionais:

Como eu e meu marido temos várias fontes de renda, um pouquinho daqui um pouquinho ali, pouquinho de lá, a gente soube administrar isso aí [a pandemia], eu fiquei, psicologicamente, claro, abalada, porque eu sei que foi uma pandemia fabricada. Então eu me senti muito mal por conta disso, da manipulação, eu financeiramente, não posso dizer para você que quebrei, não. A gente ficou mantendo os contratos, os aluguéis. Rendimento, ganhos, nada zero, foram quase dois anos de investimento parado, porque a gente só circulava o que era só de pagar despesas. Então, ganho zero, mas consegui cobrir os custos, e redução de custo, porque se você não presta o serviço, você não tem o que pagar, você não presta serviço, ficou só o custo operacional, porque tudo é como a gente mandar, mercadoria graças a Deus estava toda paga a loja [...] O projeto do governo federal do Paulo Guedes, de Bolsonaro, do Senado lá que aprovou o auxílio, e teve um também um para os funcionários, para os comerciantes pagarem aos funcionários. Então, os comerciantes pagaram os lados, todos estavam registrados, quem tinha MEI recebeu, os meninos aqui da loja também receberam. Então assim, ele realmente olhou para todas as pessoas, tanto com que isso refletiu que o mundo está sofrendo, que a gente não está sofrendo por conta da postura do presidente (Alves, 2022, p. 14).

Segundo Caponi (2020), os alinhamentos internacionais e nacionais, visam o enfrentamento como algo que afrontam as pautas de posição social, política, econômica – sendo preferível acreditar em conspirações teóricas da infodemia, quando estão em desacordo com a postura política, social e econômica:

Para entender a força dessa aparente oposição entre economia e vida, que divide países e, no Brasil, separa as estratégias adotadas pelos governadores de diferentes estados, vale a pena destacar a precariedade laboral, as iniquidades e desigualdades existentes no contexto neoliberal no qual surge a pandemia. Nesse marco geral devemos situar-nos para entender por que motivo tantos estados repetem essa oposição como se de fato fosse possível imaginar conquistas econômicas edificadas sobre cadáveres. Esse marco geral permite entender por que motivo essa falsa oposição pode ser enunciada no Brasil pelo presidente e por seu ministro de Economia, mas também por figuras públicas e ex-presidentes neoliberais de outros países. De fato, o falso dilema vida versus economia não é exclusivo do governo brasileiro, um significativo grupo de figuras do neoliberalismo como Macri, Vargas Llosa, Aznar, entre outros, assumiu publicamente uma posição semelhante a de Bolsonaro e Trump numa carta aberta (Caponi, 2020, p. 2.016).

Esses interesses na prática e no discurso são preponderantes como estado de ordem. A ordem classifica-se como um fluxo contínuo de labor e de exploração desse trabalho, independente do cenário exposto. Assim as condições por mais que se destaquem impróprias ao trabalho em massa para o seu funcionamento, obrigam ao mercado capitalista a se reorganizar.

Como afirma a filósofa H. Arendt (2010), o trabalho e a forma de enxergá-lo enquanto sistema cíclico entre “homens que vivem sem trabalhar e outros a trabalharem para eles” (Arendt, 2010, p. 2020-221), retroalimentam o trabalho no motor essencial que trazem, remontam e definem a condição humana e o sentido do nascer e morrer. Esse discurso e a ação são intrínsecos aos fins que justificam os meios, uma finalidade prática da materialidade humana. As ações e os discursos são, portanto, processos que as narrativas englobam.

Dessa forma, na construção do trabalho das empreendedoras, a formação de classe transforma-se, subjugam-se as condições de precariedade material que foram reais e impactantes nos cenários de consumo, produção, poder de compra e sustento, bem como o processo de identidade e realização profissional da independência financeira.

Ao se descortinar as tramas supracitadas, observam-se que as relações, mesmo que não diretamente entre estado, governo, *lockdowns* e a classe empresarial de pequena e médio porte – tomaram entendimentos ambíguos entre as depoentes, já que o que a incerteza de recuperação financeira quanto o processo de normalização econômica e social se manteve quimérico aos olhos do setor geral, principalmente de MPes, MEIs, os que fecharam as portas e dos desempregados ou na diminuição salarial.

Têm-se, nesse sentido, dois entendimentos dos acontecimentos observados nos discursos das depoentes: o primeiro, refere-se à (re)construção econômica com os fechamentos do comércio, principalmente para os/as formalizado(a)s e para com os informalizado(a). Somente Alves, que possui em paralelo o cargo público de policial militar, no estado da Bahia; e Silva que em adição a MEI é professora aposentada e voltou à atividade no ano pós-pandemia. No caso das depoentes Jesus, J. Bezerra e Melo –, empreendedoras que obtinham seus rendimentos exclusivamente de seus negócios –, a pandemia as forçou a reduzir o quadro de funcionários(as); o segundo, diz respeito à remodelação dos negócios. Para Bezerra, Silva, Jesus e Melo, a reorganização, ajustes e adaptação de seus negócios foram imprescindíveis para que os mesmos não fechassem, continuassem funcionando e/ou fossem retomados à medida que a pandemia foi sendo

controlada de modo lenta, gradual e com revezes. A exemplo, Melo (2022, p. 3-4) lembra que teve de

voltar a *fazer* delivery e aí as vendas começaram a melhorar, começaram a melhorar e foi como eu consegui suportar esses dois anos da Covid. Inclusive, durante esses dois anos, a Naturals foi reconhecida pelo Sebrae nacional. A gente fez uma campanha, não sei se você sabe disso. A gente fez uma campanha para o Sebrae Nacional do *reinvente*, como a gente conseguiu se reinventar durante a pandemia, porque a gente conseguiu sair da quase desistência da Naturals para o crescimento das vendas, em 2020 que a gente conseguiu esse prêmio Sebrae.

Vale ressaltar que, nas narrativas de Melo e da Silva, o apoio é de cunho privado; o Sebrae, por exemplo, interagiu com medidas que incentivaram a continuidade dos empreendimentos, sejam por meios de concursos ou até mesmo por palestras a distância; realizando um papel importante na construção da participação econômica central nos negócios de MEIs, principalmente, os/as que estão formalizados/as e em diálogo direto com o órgão.

Observa-se na fala de Melo (2022) que o Sebrae foi citado mais de 30 vezes revelando – na percepção dessa empresária –, que o serviço foi essencial no apoio às(aos) empresários(as), seja através de orientações, cursos digitais e/ou por canalizar reivindicações de apoio governamental aos micros, pequenos e médios empreendedores(as) (Sebrae, 2020). Segundo Silva (2022, p. 3; 5):

Porque a pandemia nesses dois anos de pandemia eu passei, soube controlar tudo isso, é tanto comércio e tive como manter as colaboradoras nossas do empreendimento da crepioca e também o desafio foi da aula onde eu não tinha costume com o notebook, internet isso, tive que dar aula, eu enfrentei, foi um desafio, enfrentei tudo isso e hoje estou aqui [...] eu tive que diminuir salário que pago as meninas, entendeu, diminui dias isso tudo em concordância com elas, elas concordaram também para que a gente não fechasse o negócio. Eu fechei e coloquei em casa, mas elas ganhavam algum dinheiro. Depois vou abrir de novo, ganhando, trabalhando os dias aí mantive todos os cuidados, para que ninguém se contaminasse com a Covid, graças a Deus ninguém pegou. E foi aí que eu superei tudo isso, Graças a Deus, passei foi sufoco, fiquei devendo também e fiquei devendo muito. Ainda estou pagando algumas coisas, mas aí peguei o dinheiro recurso do meu salário à parte e coloquei também para suprir suas necessidades que depois eu iria retirar [...]. Tive apoio do Sebrae, muito apoio, modifiquei o cardápio, foi difícil, mas nada é impossível. Eu tô aqui.

Apesar do apoio, é compreensível em plena condição excludente que as redes e o acesso à internet ainda trazem em pleno período atual (Souza, 2019); assim como para a educação, a falta de capacidade e percepção virtual também foi um problema para muitas pessoas. A esse respeito, a narrativa de Silva (2022) menciona as dificuldades nesse novo

meio digital, tanto nos negócios quanto em sala de aula. Ou seja, sentiu dificuldade ao atender uma turma, na disciplina eletiva Cultura Empreendedora, o que caracteriza o novo Ensino Médio, com cunho mais técnico e prático. É pertinente destacar que já se observa em Delmiro Gouveia cursos rápidos sobre o empreendedorismo jovem¹⁹.

O processo do empreendedorismo, seja ele feminino ou masculino, é acompanhado, estimulado e potencializado pelo Sebrae, GEM – *Global Entrepreneurship Monitor* (Monitor Global de Empreendedorismo) e demais órgãos de pesquisas de desenvolvimento econômico e social e estatísticas (GEM, 2019).

Segundo Ferretti (2018, p. 26):

Tal Projeto de Lei resultou, por sua vez, de intensa atuação de setores da sociedade civil identificados com o empresariado nacional que, há tempos, inclusive nos governos do PT, vêm exercendo forte influência sobre o MEC, no sentido de adequar a educação brasileira a seus interesses, entre eles os de natureza financeira. De acordo com a Lei 13.415, a reforma curricular tem por objetivo tornar o currículo mais flexível, para, dessa forma, melhor atender os interesses dos alunos do Ensino Médio. Apoia-se, para tal, em duas justificativas: • a baixa qualidade do Ensino Médio ofertado no país; • a necessidade de torná-lo atrativo aos alunos, em face dos índices de abandono e de reprovação.

Esses dois processos de empreendedorismo (empreendedorismo Jovem de 18-30 anos; e empreendedorismo feminino) muitas vezes são marcados pela invisibilidade, mesmo que a formação seja superior ou mais, o mercado toma condições contraditórias, já que não abriga todos os profissionais. Por isso o empreendedorismo é consolidado como estratégia de diminuir o desemprego ou até mesmo de melhores qualidades de vida social, marcado por uma enfática romantização de MEIs e MPEs, inclusive, em plena pandemia, subindo consideravelmente os seus números de gradação.

Como é sabido, o fator pandêmico acabou afetando todos os setores da sociedade, sendo mais expressivo no campo educacional e econômico. No caso educacional, as instituições escolares tiveram que se remodelar para oferecer o básico da formação exigida nas empresas e demais empreendimentos. No entanto, observou-se uma mão de obra cada vez menos preparada, assim como a própria formação empresarial nacionalmente, que em sua maioria, tanto masculina quanto feminina, possui uma taxa maior de Ensino Médio.

¹⁹ Secretaria de Educação municipal em projeto com educadores fomentam a prática de palestras e cursos sobre o empreendedorismo, maneira prática para o ingresso no mercado de trabalho, em uma palestra realizada inicialmente na escola Municipal Afrânio Salgado Lages, localizada às proximidades da Prefeitura Municipal de Delmiro Gouveia. Ver: INSTRAGRAM (2022). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ck8UMAJuTGm/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

Constata-se que o novo ensino oferece uma falsa ideia de liberdade financeira e menos esforço com as condições do empreendedorismo, formação menos dialética e mais objetiva, principalmente, em tempos de pandemia, com a construção simbólica e intensiva de classe e sua qualificação rasa, que impacta nesse momento atual. Segundo Alves (2022, p. 14):

Aqui no Brasil uma cultura de pessoas que querem se dar bem à custa de outras pessoas, e isso atrapalha muito, isso se reflete nas pessoas desqualificadas profissionalmente, pessoas que não estudam, isso reflete em clientes que não se preocupam em pagar o que compram, isso se reflete na aplicação de um serviço sem qualidade de muitos colaboradores, é no comportamento dos clientes que isso aqui é um jeitinho para tudo, que quer passar na frente dos outros, que não valorizam o seu trabalho, que dificulta a vida da gente enquanto prestadora de serviço, serviço lá [outra empresa, a Matel] e em serviço aqui [Festas], é essa as pessoas não valorizam o seu trabalho, e as pessoas não se qualificam, não melhoram. É o dito pensamento socialista, que eles não atentam para a meritocracia – merecer aquilo que quer, quer ter sem merecer, muitas pessoas querem ter as coisas sem querer pagar, quer ter o salário sem querer trabalhar.

A narrativa de Alves é chamada de ‘Socialista’ (que não valoriza a privatização e mais a estatização dos setores econômicos, assim como a reforma trabalhista e seus direitos), trazem uma construção de um ensino raso partiu desses modelos, principalmente no sistema brasileiro e a educação que por muitos governos anteriores, em uma condição da generalização e não considerar a “meritocracia” por ela narrada.

As condutas educacionais frouxas e sem um cunho mais técnico trazem prejuízo ao comércio e a sua mão de obra contratada, destarte a prestação de serviço, da mão de obra e um trabalho alinhado à produção constante, o aumento da exploração e da pobreza (baixos salários) sofrem a justificativas da baixa qualificação. A vertente muito clara foi o aprofundamento dos problemas de classe, principalmente de pobre, autônomos com baixa renda, sem moradia e sem condições financeiras de tratamento, ou cuidados básicos:

Os efeitos da pandemia e do distanciamento social tendem a ser sentidos de forma mais intensa pelos mais pobres, pois tradicionalmente eles têm menos mecanismos de proteção contra choques do que os mais ricos. Em primeiro lugar, os pobres não poupam, e, assim, se perderem o emprego e não tiverem assistência do governo, ficarão sem dinheiro para a sua alimentação e a dos seus familiares [...] assim, sem medidas de proteção de renda e emprego, como o auxílio emergencial, a situação dos pobres pioraria muito com a crise, em várias dimensões, provocando uma tragédia social (Machado, 2021, p. 43-44).

Diante desse contexto, após as mudanças políticas, o resgate democrático à pandemia deixou marcas, sinais de que o presente não é tão autônomo de si próprio, mas buscam no passado o sentido de viver, condicionar velhos regimes, separando em classes, criando

agentes de boicote, para recriar a tragédia e a farsa. Ao mesmo tempo em que tentam estabelecer as leis de livre mercado, os nichos sociais da especificidade condicionam e sufocam algumas ao mesmo tempo que liberta outras – sendo que categorias empreendedorismo feminino com seus quadros da ambivalência social, econômica e política descortinam as lutas e os direitos alcançados, enquanto agentes sociais ativas que compreendem a importância do seu espaço dinâmico de trabalho e de mulheres plurais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades informais e formais das mulheres e dos homens deparam-se no “empreendedorismo” com uma nova aparência para caracterizar negócios próprios e substituir muitos outros termos (negociantes, comerciantes, vendedoras, ambulantes etc.). O “empreendedorismo feminino”, como uma subdivisão da primeira categoria, agrega algumas reivindicações feministas procurando incorporá-las ao seu modo e às relações de gênero, também ao eventual trabalho das mulheres, oferecendo sentido e impulsionando o trabalho desenvolvido por/para elas. Diante disso, o uso dos termos empreendedorismo e “empreendedorismo feminino” (utilizados com excessos nos discursos empresariais de órgãos de classe, mídia e cada vez mais também na academia), que adotei inicial análise do discurso. Soam não tão naturais para algumas entrevistadas inicialmente (Jacira Bezerra e Maria Fabiana). Suas falas ao cotidiano do trabalho não buscam utilizar a compreensão do mesmo e se modificam de acordos com as perguntas realizadas.

Diante disso, empreender no feminino é sim um processo globalizado, um termo que universaliza a ideia, prática e as suas vendas, mas não se limita apenas ao cunho sociopolítico de ordem econômica e produção capital na sua exploração. Ele tenciona processos de liberdade, independência, identidade, tramas migratórias, ressignificações, maturidades, reinventa-se, produz bem-estar, lugar de pertencimento e fala para as demais entrevistadas (Itala Kelma, Gislaine, Estelaine, Olga).

Nesse sentido, ao analisar as narrativas das comerciantes/empreendedoras, inseridas no Sertão de Delmiro Gouveia, percebe-se que para além da própria história de vida que traçam, coexistem na história da formação do município de Delmiro Gouveia, entre 1968-2022; o que não nega alguns perfis mais conservadores e de exploração substanciais, mas os processos de transformações interligam a mulher ao trabalho como um processo de lutas e direitos conquistados, posições mais notáveis para algumas, entre outras de categorias similares em processo da construção de visibilidade (empreendedoras informais na rua, bancas de feiras livres e comerciantes de bairro/zona rural), apesar de não tratadas na pesquisa merecem destaque e sua importância para ampliação das sujeitas empreendedoras/negociantes.

Assim como na categoria da informalidade na feira livre ressaltam as disparidades sociais, a construção diante de invisibilidades, insalubridades, descaso das políticas públicas – resilientes mulheres organizadas e que criam redes de apoio, fortalecem os tecidos sociais em grandes espaços de atuação, sonhando e acreditando que dias melhores virão em meio às

grandes cadeias de negócios do capital globalizado. Apesar das entrevistadas dessa categoria serem observadas enquanto empreendedoras por necessidade, elas tendem a continuar e a terem satisfação no que fazem ainda com os conjuntos de limitações, como idade, escolaridade e o arranjo da família, transformando adversidades em atividades de renda, a mãe da provisão e empresária.

O esquadrinhamento desta pesquisa pode-se significar que o empreendedorismo se apresenta quanto um gênero polissêmico com muitos significados dependendo do locutor, do campo de atuação da empresa e do contexto econômico, da política, da formação social e da análise histórica. Assim, posso manter que fora dos significados criados pela literatura parecem suficientemente padronizadas, ainda existem significados criados por pessoas que exercem atividades empresariais. Nos relatos, as mulheres com quem entrevistei falaram sobre os negócios que exerciam e ofereceram “nuances” que se adequavam à sua forma de fazer negócios. A figura quanto essas mulheres fazem negócios mostra que o empreendimento que dirigem tem características especiais e inclui experiências únicas. Nesse sentido, priorizam que, por serem mulheres, devem preparar conceitos, ideias, práticas ao que lhes é possível, bem como às suas realidades e necessidades, em condição de “negócios”, senão ainda mais sobre a companhia da vida em geral. Por vezes, elogiam as suas práticas empresariais e, outras vezes, parecem achar-se não realizadas completamente, sem opções, sentindo as exigências e os estereótipos que visam o seu código de mulheres.

Apesar de tantas ambivalências, demonstram a probabilidade de constituir e reforçar trajetórias criativas na busca de formas de chefiar a vida. Esta análise diz importância às mulheres que entrevistei e acompanhei nesta pesquisa. Dentro da categoria de mulheres empreendedoras, até agora existem outras formas e meios de empreendedorismo que não foram descritos neste trabalho. Muito do que é apresentado aqui ainda representa o esforço de outras mulheres, pois elas podem confrontar problemas semelhantes, apesar de não terem nome nas folhas desta pesquisa inicial e que tem muito para aflorar e amadurecer.

Assim, a construção de uma identidade empreendedora feminina no município delmireense, ainda perpassa por um processo de maturação. Contudo, traz de maneira geral, suas lutas contra processos de preconceito velado (mulheres em posições elevadas também sofrem preconceitos de gênero como também mulheres de posições menos elevadas, essas que também sofrem com a segregação e invisibilidade da categoria pelo *Habitus* social e cultural). Preconceitos ainda existentes, mas não comentados tão abertamente, como na formação familiar e a continuidade dos negócios, observando o empreendedorismo enquanto um processo de melhores condições e liberdade de ir e vir entre a casa e os negócios e nas

relações de gênero, tanto as empreendedoras comerciais centrais quanto as feirantes almejam para filhas e filhos melhores posições de trabalho e formação educacional para serem “donas de negócios”, médicas, serem o que elas quiserem ser.

Apesar das diferentes camadas sociais e interesses políticos, os perfis das empreendedoras aqui entrevistadas possuem em comum processos de crescimento, tanto individual quanto de sócias com seus esposos e filhos, mesmo que em empresas diferentes (caso de Alves, Bezerra, Mendonça e Jesus); o processo de formação e capacitação são as principais condições para se estar inovando e empreendendo, mesmo que a área não seja por afinidade. Para tal efeito, empreender requer um compartilhamento e dinâmica familiar para além da empresa (Bezerra, Silva, Jesus, Mendonça e Alves); deve-se considerar sobre as condições menos arriscadas e mais voltadas para as que não têm tanta concorrência; a ‘sensibilidade’ feminina traz diferenciais ao se comunicar melhor com o outro (Bezerra, Alves, Jesus, Melo, Mendonça e Silva).

Outra observação é que, no empreendedorismo feminino, todas são mães (maioria casada, viúva e divorciada); as que empreenderam depois de casadas, com ligação a grupos dentro da Igreja Católica possuem formações mais expressivas (Legião de Maria, Grupo da Melhor Idade, Cursilho), apenas uma entre as entrevistadas é da Igreja Evangélica (demonstrando perspectivas semelhantes), apresentando práticas/grupos sociais bem delimitados, por não haver existência de um grupo/sindicato de empreendedoras de Delmiro Gouveia, nem redes de parceria entre elas diretamente. No Sebrae, todas as formalizadas vão a palestras, capacitações, ou recebem convite, por fazerem parte enquanto MEs e MEIs.

Vale também citar que, apesar de não aprofundar tanto na literatura enquanto uma forma de empreendedorismo materno, a construção dessas mulheres, mães e esposas devem também ser (re)significada. Na constituição social da sujeita feminina existe uma percepção de que as mulheres devem escolher entre suas carreiras e a maternidade, o qual resultam muitas vezes na internalização social, reforçando a narrativa de responsabilidade feminina entre papéis e construções de gênero (Jonathan, 2001).

No mais, mediante a todos esses pontos elencados, as empreendedoras se estabeleceram e acompanharam diferentes processos econômicos/históricos dentro da cidade de Delmiro Gouveia, o auge da fábrica de linhas, a expansão da Chesf de Paulo Afonso e Piranhas, o fechamento da fábrica, as transformações da feira livre e seu contexto, além da recente pandemia da Covid-19 (2020-2022), a qual fechou diversos comércios e fez centenas de mortes em Delmiro Gouveia.

A compreensão do processo histórico da pandemia não está concluso, por isso, as implicações para as pesquisadoras (para mim principalmente) leva em conta as reminiscências de um presente histórico a ser decifrado. Assim, como ainda precisa ser melhor decifrado, compreendido e significado os significados das sertanejas de negócios. Em torno desse propósito – de compreender os significados das sertanejas de negócio, em Delmiro Gouvea, Alagoas, 1968-2022 – este estudo limita-se a ser a ponta de um grande *iceberg* em meio a vastidão, códigos e significados da história e da historiografia sobre as mulheres sertanejas de negócios.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA ALAGOAS. **Inauguração do Hospital Regional do Alto Sertão em Delmiro Gouveia**. 21 jun. 2021. Disponível em:

<https://www.agenciaalagoas.al.gov.br/galeria/inauguracao-do-hospital-regional-do-alto-sertao-em-delmiro-gouveia>. Acesso em: 11 nov. 2022.

ALAGOAS. **Lei nº 1.623, de 16 de junho de 1952**. Disponível:

<https://www.aguabranca.al.gov.br/a-historia/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino**: uma invenção do falo; uma História do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar**: as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2007.

ALPERSTEDT, Graziela Dias; FERREIRA, Juliane Borges; SERAFIM, Maurício Custódio. Empreendedorismo feminino: dificuldades relatadas em histórias de vida. **Revista de Ciências da Administração**, v. 16, n. 40, p. 221-234, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2735/273532832015.pdf> . Acesso em: 12 dez. 2022.

ALVES, Maria Fabiana dos Santos. Entrevista concedida a Maele Moreira Sandes Cavalcanti em 10 ago. 2022, Delmiro Gouveia, Alagoas.

ANDRADE, Raissa Giacon Escarelli; RAMAZZINE, Igor Copoli; COLOMBO, Luciléia Aparecida. O federalismo brasileiro e os planos de abertura econômica do estado de Alagoas e São Paulo para a pandemia da covid-19. **Revista Sem Aspas**, v. 9, n. 1, p. 61-79, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8119337>. Acesso em: 20 nov. 2022.

ANDREASSI, Tales *et al.* **Empreendedorismo no Brasil**: 2014. Curitiba: IBQP, 2014. Disponível em: https://ibqp.org.br/wp-content/uploads/2017/07/GEM_2014-Livro-Empreendedorismo-no-Brasil.pdf. Acesso em: 09 out. 2022.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 11.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BALASSIANO, Marcel. Comparação econômica: anos eleitorais de 2002 e 2018. **FGV IBRE**. 2018. Disponível em: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/comparacao-economica-anos-eleitorais-de-2002-e-2018> . Acesso em: 09 ago. 2023.

BNB. **Política produtiva para o Nordeste**: uma proposta. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006.

BARBOZA, Monielly Suelen Gomes. **Luzes da dominação**: a usina hidrelétrica de Xingó e as relações de poder da Chesf na cidade de Piranhas/AL (1980-2000), 2021.

BARROS, José D' Assunção. O lugar da produção das fontes históricas. In: **A fonte histórica e seu lugar de produção**. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 22-33.

BARROS, Thiago da Silva. **Devoções populares e práticas religiosas**: a romaria de Padre Cícero Romão Batista em Delmiro Gouveia (Alagoas), 1990-2013. 2017. 142 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Unidade Delmiro Gouveia-Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2017.

BEZERRA, Domingos Sávio Carvalho. Entrevista concedida a Maele Moreira Sandes Cavalcanti em 03 nov. 2022, Delmiro Gouveia, Alagoas.

BEZERRA, Jacira Carvalho da Silva. Entrevista concedida a Maele Moreira Sandes Cavalcanti em 13 fev. 2019, Delmiro Gouveia, Alagoas.

BEZERRA, Jacira Carvalho da Silva. Entrevista concedida a Maele Moreira Sandes Cavalcanti em 16 jul. 2022, Delmiro Gouveia, Alagoas.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre, **Razões práticas**: Sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 5. ed. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2017.

BOURDIEU, Pierre. *O campo científico*. In: ORTIZ, Ricardo. (Org.). Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo: Ática, p. 122-155, 1983.

BRAGA, Maria S. Ramalho. Trabalhadores da Chesf e DA e DIA: impacto das obras na vida dos moradores atingidos pelo empreendimento. **Revista Rios**, v. 14, n. 28, p. 242-268, 2020. Disponível em: <https://www.publicacoes.unirios.edu.br/index.php/revistarios/article/view/117>. Acesso em: 15 nov. 2022.

BRASIL. Direitos e obrigações. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/empreendedor/quero-ser-mei/direitos-e-obrigacoes>. Acesso em: 05 out. 2022.

BRASIL. Presidência da República. **Lei Complementar nº 128, de 19 de dezembro de 2008**. Altera a Lei Complementar nº 123, de 14 de dezembro de 2006, altera as Leis nºs 8.212, de 24 de julho de 1991, 8.213, de 24 de julho de 1991, 10.406, de 10 de janeiro de 2002 – Código Civil, 8.029, de 12 de abril de 1990, e dá outras providências. Brasília, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp128.htm.

BRASIL. Secretaria Geral. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de

maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Brasília, 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo**: séculos XV. XVIII: os jogos das trocas. 2: ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. v. 2.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: o uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: Unesp, 2017.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2021.

CAPONI, Sandra. Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. **Estudos avançados**, v. 34, p. 209-224, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.013>. Acesso em: 17 nov. 2022.

CARVALHO, Cícero Péricles de. Delmiro Gouveia. In: **Formação Histórica de Alagoas**. 4 ed. Maceió: Edufal, 2016.

CASTRO, Iná Elias de. Imaginário político e realidade econômica: o marketing da seca nordestina. **Nova Economia**, v. 2, n. 2, p. 53-75, 1991. Disponível em: https://econpapers.repec.org/article/novartigo/v_3a2_3ay_3a1991_3ai_3a2_3ap_3a53-75.htm. Acesso em: 20 jul. 2023.

CAVALCANTI, Maele Moreira Sandes. **Entre as bancas, baldes, latas e facas**: mulheres de negócios da feira livre, Delmiro Gouveia, Alagoas, 2022- Formulário *Google Forms*, Delmiro Gouveia, Alagoas, 2022. Disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/1mZ-LmA1DD2VlmEcuB-1IOZmpKNJPuYbsRjrxkFhwMwI/prefill>. Acesso em: 10 ago. 2023.

CAVALCANTI, Maele Moreira Sandes. Levantamento de dados, em Delmiro Gouveia, Alagoas, junto à CDL (Câmara dos Dirigentes Lojistas) – Delmiro Gouveia. Pesquisa realizada no dia 23 mar. 2022.

CAVALCANTI, Maele Moreira Sandes. **Potências do feminino no empreendedorismo do sertão alagoano - Delmiro Gouveia**. 2020. 103 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Unidade Delmiro Gouveia-Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2019.

CHAUVEAU, Angés; TÉTART, Philippe. Questões para a História do Presente. In: **Questões para a história do presente**. Bauru: Edusc, 1999.

CORREIA, Telma De Barros. Delmiro Gouveia: a construção de um mito. **Cadernos de estudos sociais**, v. 12, n. 1, 1996. Disponível em: <http://periodicos.fundaj.gov.br/CAD/article/view/1178>. Acesso em: 25 nov. 2022.

CORREIA, Telma De Barros. Núcleo fabril de Pedra, Delmiro Gouveia (AL). In: **Laboratório de Estudos de História dos Mundos do Trabalho** (LEHMT) - UFRJ, 2022. Disponível em: <https://lehmt.org/lmt-115-nucleo-fabril-de-pedra-delmiro-gouveia-al-telma-de-barros-correia/>

CORREIA, Telma De Barros. *Pedra: plano e cotidiano operário no Sertão*. Campinas: Papirus, 1998.

CORREIO NOTÍCIA. **Câmara de Delmiro realiza entrega de Títulos de Cidadã a Jacira Carvalho e Maria Rosa**. 2016. Disponível em: <https://correionoticia.com.br/noticia/politica/camara-de-delmiro-realiza-entrega-de-titulos-de-cidada-a-jacira-carvalho-e-maria-rosa/4/14355>. Acesso em: 22 dez. 2022.

COSTA, Murillo Leite da Silva. **Alagoas histórica e geográfica**. Maceió: Sergasa, 1974.

CRUZ, José Vieira da. Vozes do Sertão nas tramas de mnemósine: fontes orais para a História Contemporânea em Alagoas. In: **Anais eletrônicos do V Encontro Nacional de História da UFAL**. Maceió: Ufal, 2013, p. 832-840. Disponível em <https://ichca.ufal.br/pesquisa/grupos/historia/centro-de-pesquisa-e-documentacao-historica-cpdhis/anais-de-eventos>. Acesso em: 26 jul. 2021.

CRUZ, Paulo da. Croqui do centro comercial de Delmiro Gouveia na década de 1960. **Blog Amigos de Delmiro**. 27 jan. 2020. Disponível em: <http://amigosdedelmirogouveia.blogspot.com/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

OLIVEIRA, Oderlene Vieira de; FORTE, Sérgio Henrique Arruda Cavalcante. Microempreendedor Individual: fatores da informalidade. **CONNEXIO**, v. 4, p. 27-42, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unp.br/index.php/connexio/article/view/800>. Acesso em: 20 jun. 2023.

EDMUNDSON, William. A cachoeira de Paulo Affonso nos pertence, é bem nossa. In: **Delmiro Gouveia: biografia de um pioneiro**. João Pessoa: Ideia, 2018.

FACEBOOK. **Amigos de Delmiro Gouveia**. Disponível em: <https://scontent-for1-1.xx.fbcdn.net/v/t31>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. **História das mulheres no Brasil**, v. 10, p. 241-277, 2010.

FENELON, Dea Ribeiro. Cultura e história social: historiografia e pesquisa. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/download/12105/8767>. Acesso em: 15 dez. 2023.

FERREIRA, J. R. S.; LIMA, P. R. S.; SOUZA, E. D. de. Desinformação, infodemia e caos social: impactos negativos das fake news no cenário da COVID-19. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 30-53, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/102195>. Acesso em: 29 set. 2023.

FERRETTI, Celso João. A reforma do Ensino Médio e sua questionável concepção de qualidade da educação. *Estudos avançados*, v. 32, p. 25-42, 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ea/a/RKF694QXnBFGgJ78s8Pmp5x/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2022.

FIGUEIREDO, João Baptista de Oliveira. **Presidente João Figueiredo: campanha eleitoral 1982**. Discursos. Brasília: Presidência da República, 1984. p. 37-38 Disponível em: [http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/publicacoes-oficiais/catalogo/figueiredo/campanha-eleitoral-1982.pdf/@download/file/Campanha Eleitoral 1982.pdf](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/publicacoes-oficiais/catalogo/figueiredo/campanha-eleitoral-1982.pdf/@download/file/Campanha%20Eleitoral%201982.pdf) . Acesso em: 28 set. 2023.

FIRMINO, Paul Clívilan Santos. As feiras livres em tempos de contemporaneidade e os circuitos da economia urbana em Arapiraca/AL (Brasil). **Revista GeoNordeste**, n. 1, p. 220-238, 2019. Disponível em: Revista GeoNordeste . Acesso em: 26 set. 2023.

FONTENELE, Ana Maria *et. al.* Dos avanços advindos das políticas de combate à pobreza à perspectiva da captura populista do seu povo: algumas perspectivas para o Nordeste de um Brasil governado por conservadores. *In: Brasil: incertezas e submissão?*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2019.

GAIA, Cristina Rodrigues. **Florescendo na Pedra**: ensino superior público em Delmiro Gouveia\Sertão de Alagoas, 2008-2013. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Alagoas. 2014.

GEETZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GEM. **Empreendedorismo Brasil 2020**: relatório executivo. IBQP; Sebrae. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2021/06/Relat%C3%B3rio-Executivo-BR-v7-FINAL.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2023.

GEM. **Projeção da população do Brasil e Unidades da Federação por sexo e idade para o período 2000-2030 (ano 2019)**. IBGE/Diretoria de Pesquisas, 2019.

GIRALDIN, Raoni Machado. **Antropologia do capitalismo na sala do empreendedor**. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, 2022.

GOMES, Adalberto. A fábrica da Pedra completa 104 anos de existência nesta terça-feira (05). **Radar 89**. 2018. Disponível em: <https://www.radarnoticias.com.br/noticias/fabrica-da-pedra-completa-104-anos-de-existencia-nesta-terca-feira-05>. Acesso em: 02 out. 2022.

GOMES, Almiralva Ferraz. **Mulheres empreendedoras**. Vitória da Conquista: Edições, 2006.

GRECO, Simara Maria de Souza Silveira (Coord.). **Global Entrepreneurship Monitor Empreendedorismo no Brasil**: 2019. Curitiba: IBQP, 2020. Disponível em: <https://ibqp.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Empreendedorismo-no-Brasil-GEM-2019.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2022.

GUEDES, Edi Ferraz. **Mercado público – Delmiro Gouveia**. Facebook Delmiro das Antigas. 31 maio 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=2579908168775365&set=a.2579907962108719>.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HARVEY, David. **O “novo” imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2004.

HENDRIGO, Carlos; PANCIERI, Zyra. **Mulheres diamantes**: levando sua mensagem para o mundo. Curitiba: Casa Life +, 2022.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

IBGE. **As Micro e pequenas empresas comerciais e de serviços no Brasil 2001**. Rio de Janeiro: Coordenação de Serviços e Comércio/IBGE, 2003. 102p. (Estudos e pesquisas. Informação econômica, n. 1). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv1898.pdf> . Acesso em: 06 maio 2023.

IBGE. **Cidades**. 2010. Disponível em: Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/delmiro-gouveia/panorama> Acesso em: 20 out. 2022.

IBGE. Delmiro Gouveia (AL). *In: Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE, v. 19, p. 43-47, 1957. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_19.pdf. Acesso em: 12 ago. 2023

IBGE. **Produção Agrícola Municipal 2021**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

IBGE. **Projeção da população do Brasil e Unidades da Federação por sexo e idade para o período 2000-2030**. GEM, 2019.

IBGE. **Projeções da população**: Brasil e unidades da federação: revisão 2018 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101597.pdf>. Acesso em: 05 set. 2022.

IBGE. **Número de empresas e outras organizações atuantes 2008-2020**. 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/delmiro-gouveia/pesquisa/19/29761?tipo=ranking&indicador=29762>. Acesso em 10 out. 2022.

IBGE. **Pessoas pretas e pardas continuam com menor acesso a emprego, educação, segurança e saneamento**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35467-pessoas-pretas-e-pardas-continuam-com-menor-acesso-a-emprego-educacao-seguranca-e-saneamento> Acesso em: 20 ago. 2023.

IBGE. **Produção Agrícola Municipal 2021**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

IBQP. **GEM**. Disponível em: <https://ibqp.org.br/gem/>. Acesso em: 08 out. 2022.

AMA. **Iniciada a remoção das barracas para a construção da nova Feira Livre em Delmiro Gouveia**. 25 abr. 2022. Disponível em: <https://ama-al.com.br/iniciada-a-remocao-das-barracas-para-a-construcao-da-nova-feira-livre-em-delmiro-gouveia/>. Acesso em: 18 jul. 2023.

INSTAGRAM. Prefeitura de Delmiro Gouveia (@prefeitudelmirogouveia). **Secretaria Municipal de Educação de Delmiro Gouveia proporcionou uma palestra para alunos do 9º C da EMEB Governador Afrânio Salgado**, 2022.

JESUS, Estelaine Crisóstomo de. Entrevista concedida a Maele Moreira Sandes Cavalcanti em 09 mar. 2019, Delmiro Gouveia, Alagoas.

JESUS, Estelaine Crisóstomo de. Entrevista concedida a Maele Moreira Sandes Cavalcanti em 16 set. 2022, Delmiro Gouveia, Alagoas.

JONATHAN, Eva G. Mulheres empreendedoras: o desafio da escolha do empreendedorismo e o exercício do poder. **Psicologia Clínica**, v. 23, p. 65-85, 2011.

JONATHAN, Eva G; SILVA, Taissa M. R. da. Empreendedorismo feminino: tecendo a trama de demandas conflitantes. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, p. 77-84, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/LPJhbkH3T9yWLxYkhFxsMSf/?format=html>. Acesso em: 20 nov. 2022.

KOVÁCS, Maria Júlia. Espiritualidade e psicologia: cuidados compartilhados. **O mundo da saúde**, v. 31, n. 2, p. 246-255, 2007, p. 246. Disponível em: <https://revistamundodasaude.emnuvens.com.br/mundodasaude/article/download/900/837>. Acesso em: 11 nov. 2022.

LAGO, Mara Coelho de Souza; MONTIBELER, Débora Pinheiro da Silva; MIGUEL, Raquel de Barros Pinto. Pardismo, Colorismo e a “Mulher Brasileira”: produção da identidade racial de mulheres negras de pele clara. **Revista Estudos Feministas**, n. 31, e83015, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/n3bvrJ5QDBdX4pwghWjcMyP/>. Acesso: 28 set. 2023.

LIMA, Mariana. Prêmio MPE Brasil entrega troféus a empresas de Maceió, Arapiraca e Delmiro Gouveia. **MAC**. 2016. Disponível em: <https://alagoascompetitiva.org.br/noticia/premio-mpe-brasil-entrega-trofeus-a-empresas-de-maceio-arapiraca-e-delmiro-gouveia/>. Acesso em: 18 ago. 2023.

LIMA, Pedro M. **Fábrica da Pedra**. São Paulo: Vitória, 1962.

LOBO, Eulália L. História empresarial. In: CARDOSO, Ciro Flamarion Santana; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

MACHADO, Laura Muller (Org.). **Legado de uma pandemia**: 26 vozes conversam sobre os aprendizados para política pública. Rio de Janeiro: Autografia, 2021.

MÁRQUEZ, Gabriel García, Cem anos de Solidão. Rio de Janeiro: Record, 1928.

MARX, Karl. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo : Boitempo, 2011.

MASSMANN, Débora; PIRIS, Eduardo Lopes (Orgs.). **A argumentação nos discursos sobre a pandemia da covid-19**. Maceió: Edufal, 2021. E-book (106p.). 1. Disponível em: https://www.academia.edu/download/69738056/EBOOK_A_argumentacao_nos_discursos_sobre_a_pandemia_de_covid19.pdf. Acesso em 20 nov. 2022.

MATOS, M. I.; BORELLI, A. Espaço feminino no mercado de trabalho produtivo. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018.

MATOS, Mariano Macedo *et al.* Empreendedorismo no Brasil: 2013 Curitiba: IBQP, 2013. Disponível em: http://ibqp.org.br/wp-content/uploads/2017/07/GEM_2013_-_Livro_Empreendedorismo_no_Brasil.pdf.pdf. Acesso em: 08 jul. 2022.

MATOS, Mariano Macedo *et al.* Empreendedorismo no Brasil: 2015. Curitiba: IBQP, 2014. Disponível em: http://ibqp.org.br/wp-content/uploads/2017/07/GEM_2015-Livro-Empreendedorismo-no-Brasil.pdf.pdf. Acesso em: 08 jul. 2022.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **O senhor da Pedra**: produções e usos das memórias sobre Delmiro Gouveia (1940-1980). Brasília: Senado Federal, 2016.

MEC. Novo Ensino Médio – perguntas e respostas. **Portal MEC**, 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361>. Acesso em: 05 out. 2022.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MELO, Itala Kelma dos Santos Cabral de. Entrevista concedida a Maele Moreira Sandes Cavalcanti em 11 jul. 2022, Delmiro Gouveia, Alagoas.

MELO, Josemir Camilo de. O fenômeno El Niño e as secas no Nordeste do Brasil. Raízes: **Revista de Ciências Sociais e Econômicas**, n. 20, 1999. Disponível em: <http://raizes.revistas.ufcg.edu.br/index.php/raizes/article/view/162>. Acesso em: 20 nov. 2022.

MENDONÇA, Olga Rodrigues de. Entrevista concedida a Maele Moreira Sandes Cavalcanti em 09 set. 2023, Delmiro Gouveia, Alagoas.

MENEZES, Eduardo. Delmiro Gouveia: mercado público e suas modificações. **Blog Amigos de Delmiro Gouveia**. 2008. Disponível em: <http://amigosdedelmirogouveia.blogspot.com/2008/11/delmiro-gouveia-mercado-pblico-e-suas.html>. Acesso em: 11 nov. 2022.

MORAIS, I. R. D.; ARAÚJO, M. A. A. de. Territorialidades e sociabilidades na feira livre da cidade de Caicó (RN). **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 7, n. 17, p. 244-249, 2006. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15406>. Acesso em: 28 set. 2023.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira, 2004. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001413002> . Acesso em: 10 dez. 2023.

NASCIMENTO, Edvaldo Francisco do. **Delmiro Gouveia e a educação na pedra**. 4. ed. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018.

NASCIMENTO, Edvaldo Francisco do. Delmiro Gouveia e o processo educacional desenvolvido no núcleo fabril da Pedra, no Sertão de Alagoas. (1902-1926). 2019. 197 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

NASCIMENTO, Edvaldo Francisco do. **Modernização e educação escolar no Nordeste brasileiro**: as escolas da Companhia Hidroelétrica do São Francisco: Chesf (1949-2000). 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/35897>. Acesso em: 20 jul. 2022.

NASCIMENTO, Tiago Carlos Lima do. **O caminho para as secas**: as imigrações para o semiárido setentrional. 2015. 120f. Dissertação (Mestrado em Demografia) - Centro de Ciências Exatas e da Terra, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

OLIVEIRA, Evelina Antunes F. de. Nos Trilhos da História do Baixo São Francisco: um ensaio sobre a Estrada de Ferro Paulo Afonso. **MNEME Revista de humanidades**, Rio Grande do Norte, v. 4, n. 8, p. 262-281, 2003.

OLIVEIRA, Letícia de Sousa. **Avaliação das características comportamentais empreendedoras nos microempreendedores individuais em Delmiro Gouveia-AL**. 2020. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Engenharia de Produção) - Unidade Delmiro Gouveia-Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2020.

OMETTO, Ana Maria H.; FURTUOSO, Maria Cristina O.; SILVA, Marina Vieira da. Economia brasileira na década de oitenta e seus reflexos nas condições de vida da população. **Revista de Saúde Pública**, n. 29, p. 403- 414, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/XRCdDpSndmxTY5J7wXz6tXn/>. Acesso em: 20 jun. 2021.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005.

QUADROS, Marcos Paulo dos Reis. O conservadorismo católico na política brasileira: considerações sobre as atividades da TFP ontem e hoje. **Estudos de Sociologia**, v. 18, n. 34, 2013. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/5219>. Acesso em: 29 set. 2023.

RAMOS, Graciliano, 1892-1953. **Viventes das Alagoas** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Record, 2020.

REVISTA DA SEMANA. **Delmiro Gouveia**. Rio de Janeiro, ed. 00037, n. 1, 20 out. 1917, Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=025909_01&pesq=delmiro&hf=hemerotecadigital.bn.br&pagfis=27978. Acesso em: 10 out. 2022.

RIBEIRO, Djamilia. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

RICOEUR, Paul. O testemunho. In: **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, Unicamp, 2007.

RME. **Empreendedoras e seus negócios**: perfil do empreendedorismo feminino no Brasil. 2017. E-book. Disponível em: https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms/files/24675/1616414136Ebook_2017.pdf. Acesso em: 08 set. 2022.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. Fernand Braudel e as ciências humanas [livro eletrônico]. Londrina: EdueL, 2013. Disponível em: http://www.historia.seed.pr.gov.br/arquivos/File/sugestao_leitura/braudel.pdf Acesso em: 26 set. 2023.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Ed.). **História oral e história das mulheres**: Rompendo silenciamentos. São Paulo: Letra e Voz, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTOS, Robson Amaral; GOMES, Almiralva Ferraz; BACELAR, Ananda Silveira. **A ação (intra)empreendedora de mulheres no serviço público**: um estudo em IES conquistenses. Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas, 2018. Disponível em : <https://periodicos2.uesb.br/index.php/ccsa/article/download/4473/3546> . Acesso em: 01 nov. 2022.

SANTOS, Sandra Lucia dos. **A reestruturação do centro comercial de Maceió**. 2006. [249] f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente: Desenvolvimento Sustentável) - Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING Heloisa Murgel. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCOTT, J. História das mulheres. In: BURKE. P. **A escrita da história**. São Paulo: Unesp, 1992.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. São Paulo: USP, 2000. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf.

SEBRAE. **Anuário das mulheres empreendedoras e trabalhadoras em micro e pequenas empresas**: 2014. 2. ed. Brasília: DIEESE, 2014. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/anuario/2014/anuarioMulher.html>. Acesso em: 05 out. 2022.

SEBRAE. **Atlas dos Pequenos Negócios**. 2002. p. 13-14. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2022/07/Atlas.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2023.

SEBRAE. **Anuário do Trabalho nos Pequenos Negócios 2016**: análise dos principais resultados do Alagoas. 2018. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2018/07/Anu%C3%A1rio-do-Trabalho-nos-Pequenos-Neg%C3%B3cios-2016-AL.pdf>. Acesso em: 22 out. 22.

SEBRAE. **Capacite-se em tempos de coronavírus**. 2020. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/pb/artigos/capacite-se-em-tempos-de-coronavirus,c114bf6e29502710VgnVCM1000004c00210aRCRD-~:text=S%C3%A3o%20palestras%2C%20cursos%20online%20gratuitos,Eventos%20Online>. Acesso em: 11 ago. 2022.

SEBRAE. **Empreendedorismo feminino 2021**. 2022. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/painel-de-empreendedorismo-feminino-2021/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

SEBRAE. **Infográfico – N° de donas de negócios chega ao recorde de 10,3 milhões**. 2020. Disponível em: <https://agenciasebrae.com.br/dados/infografico-n-de-donas-de-negocios-chega-ao-recorde-de-103-milhoes/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SEBRAE. **Pesquisa Global Entrepreneurship Monitor (GEM 2021)**. Disponível em: https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2022/02/GEM-2021_5050_UGE_OFICIAL_Leve.pdf. Acesso em: 09 out. 2022.

SEBRAE. **Qual a importância e os desafios do empreendedorismo feminino?** Sebrae Alagoas, 29 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://blog.sebraealagoas.com.br/empreendedorismo/importancia-do-empreendedorismo-feminino/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

SEBRAE. Setor de atividade das Donas de negócios. 2022. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/painel-de-empreendedorismo-feminino-2022/>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SERRA, Flávio Augusto. **O sertão e o sertanejo nordestino**: a invenção de uma população e de seu espaço pela literatura. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História. Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada. Foz do Iguaçu-PR, 2022. Disponível em: <http://dspace.unila.edu.br/123456789/6607>. Acesso em: 20 ago. 2023.

SILVA, Aline Oliveira da. **Da teologia da enxada ao MST**: conflitos, (re)ocupações e as experiências de reforma agrária do Peba e do Lameirão, Delmiro Gouveia, Alagoas, Sertão do São Francisco, 1982-1989. 2022. 222 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022.

SILVA, Bruno Bianchi Gonçalves da; CORRÊA, Domingos Sávio. Delmiro Gouveia: Um empresário schumpeteriano e seu legado na organização espacial do sertão Alagoano. **Geosul**, v. 32, n. 65, p. 199-212, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/51030> . Acesso em: 20 jul. 2023.

SILVA, Gislaine Alves da. Entrevista concedida a Maele Moreira Sandes Cavalcanti em 01 nov. 2022, Delmiro Gouveia, Alagoas.

SILVA, Maria Elielma. **Uma história da prostituição feminina em Delmiro Gouveia - AL**, 1970-1990. 2017. 106 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Unidade Delmiro Gouveia-Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2019.

SOARES, Davi. Shopping da Vila nasce no Sertão de Alagoas, com a marca de visionários. **Diário do Poder**. 21 mar. 2022. Disponível em: <https://diariodopoder.com.br/brasil-e-regioes/shopping-da-vila-nasce-no-sertao-de-alagoas-com-a-marca-de-visionarios>. Acesso em: 21 nov. 2022.

SOIHET, Rachel. História, mulheres, gênero: contribuições para um debate. Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: **Rosa dos Tempos**, p. 95-114, 1997. Disponível em: Gênero e ciências humanas. Acesso em: 10 dez. 2021.

SOUZA, Cristiane Gomes de. **“Mulher” de negócios no discurso do empreendedorismo: a liberdade em condições de subalternidade**. 2019. 172 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

SOUZA, Cristiane Gomes de. A mulher de negócios no discurso do trabalho feminino. **Revista Katálisis**, v. 23, p. 700-706, 2020.

SOUZA, Rosival. Comemorações de 25 anos da emancipação de Delmiro Gouveia (1979). **Blog Amigos de Delmiro**, 30 maio 2009. Disponível em: http://4.bp.blogspot.com/_GmJj6TuX5A8/SiEyffaz4XI/AAAAAAAAA1E/yLlZbxuA660/s1600-h/Digitalizar005001%282%29.bmp Acesso em: 11 nov. 2022. .

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

TAVARES, César. Delmiro Gouveia: Mercado Público e suas modificações. **Blog Amigos de Delmiro Gouveia**. 2008. Disponível em: <http://amigosdedelmirogouveia.blogspot.com/2008/11/delmiro-gouveia-mercado-pblico-e-suas.html>. Acesso em: 11 nov. 2022.

TAVARES, Maria Augusta. O empreendedorismo à luz da tradição marxista. **Em Pauta**, Rio de Janeiro: Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1º Semestre de 2018, n. 41, v. 16, p.108. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/download/36687/26319>. Acesso em: 22 ago. 2023.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

TICIANELI. Delmiro Gouveia, a antiga vila da Pedra. **História de Alagoas**, 14 jul. 2016. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/delmiro-gouveia-a-antiga-vila-da-pedra.html>.

VALENTIM, Erika C. B; PERUZZO, Juliane F. A ideologia empreendedora: o ocultamento da questão de classe e sua funcionalidade ao capital. **Temporalis**, v. 17, n. 34, p. 101-126, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/17914>. Acesso em: 05 ago. 2023.

VAZQUEZ, Ana Carolina Brandão; FALCÃO, Ana Taisa Silva. Os impactos do neoliberalismo sobre as mulheres trabalhadoras: a esfera do cuidado e a precarização do trabalho feminino. **O Social em Questão**, v. 21, n. 43, p. 371-392, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5522/552264314015/552264314015.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2023.

VINTGES, Karen. Feminismo *versus* neoliberalismo: práticas de liberdade das mulheres numa perspectiva mundial. **Cadernos Pagu**, p. e195604, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/WvXGYqNhb6ZHBdHps8wLmFz/>. Acesso em: 07 maio 2023.

YOUTUBE. **Comerciantes reclamam da situação do Mercado Público Municipal de Delmiro Gouveia**. Disponível em: <https://youtu.be/1b6fklWBlvk?t=322>. Acesso em: 20 jul. 2023.

ANEXO 1 – CARTAS DE CESSÃO DE DIREITOS

		PPGH PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA		FAPEAL FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE ALAGOAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS				
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA				
BOLSA DE FORMENTO: FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE ALAGOAS				

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

(ENTREVISTA)

Eu, OLGA RODRIGUES DE MENDONÇA, CPF [REDACTED] autorizo para os devidos fins que o conteúdo, vídeo e áudio obtidos a partir da entrevista concedida em 09/09/2023 com duração de 64 minutos, sejam utilizados pelos pesquisadores(as) vinculados às instituições mencionadas ou sob sua supervisão com o objetivo restrito de guarda, arquivamento, catalogação, análise, produção e divulgação de conhecimento científico, educacional e/ou histórico.

Em conformidade com o exposto, subscrevo o presente documento.

[REDACTED]

OLGA RODRIGUES DE MENDONÇA

CPF: [REDACTED]

Delmiro Gouveia, 23 de Setembro, 2023.



PPGH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM HISTÓRIA - UFMG



FAPEAL
FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA
DO ESTADO DE ALAGOAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**BOLSA DE FORMENTO: FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO
ESTADO DE ALAGOAS**

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

(ENTREVISTA)

Eu, GISLAINE ALVES DA SILVA, CPF [REDACTED], autorizo para os devidos fins que o conteúdo, vídeo e áudio obtidos a partir da entrevista concedida em 01/11/2022 com duração de 32 minutos, sejam utilizados pelos pesquisadores(as) vinculados às instituições mencionadas ou sob sua supervisão com o objetivo restrito de guarda, arquivamento, catalogação, análise, produção e divulgação de conhecimento científico, educacional e/ou histórico.

Em conformidade com o exposto, subscrevo o presente documento.

[REDACTED]

GISLAINE ALVES DA SILVA
CPF: [REDACTED] 2

Delmiro Gouveia, 21 de junho, 2023.



PPGH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM HISTÓRIA - UNAL



FAPEAL
FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA
DO ESTADO DE ALAGOAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**BOLSA DE FORMENTO: FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO
ESTADO DE ALAGOAS**

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

(ENTREVISTA)

Eu, ITALA KELMA DOS SANTOS CABRAL DE MELO, CPF [REDACTED],
autorizo para os devidos fins que o conteúdo, vídeo e áudio obtidos a partir da entrevista
concedida em 11/07/2022 com duração de 43 minutos, sejam utilizados pelos
pesquisadores(as) vinculados às instituições mencionadas ou sob sua supervisão com o
objetivo restrito de guarda, arquivamento, catalogação, análise, produção e divulgação de
conhecimento científico, educacional e/ou histórico.

Em conformidade com o exposto, subscrevo o presente documento.

[REDACTED]
ITALA KELMA DOS SANTOS CABRAL DE MELO

CPF: [REDACTED]

Delmiro Gouveia, 28 de junho, 2023.

PPGH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM HISTÓRIA - 1984**FAPEAL**
FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA
DO ESTADO DE ALAGOAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**BOLSA DE FORMENTO: FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO
ESTADO DE ALAGOAS**

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

(ENTREVISTA)

Eu, JACIRA CARVALHO DA SILVA BEZERRA, CPF [REDACTED],
autorizo para os devidos fins que o conteúdo, vídeo e áudio obtidos a partir da entrevista
concedida em 16/07/2022 com duração de 25 minutos, sejam utilizados pelos
pesquisadores(as) vinculados às instituições mencionadas ou sob sua supervisão com o
objetivo restrito de guarda, arquivamento, catalogação, análise, produção e divulgação de
conhecimento científico, educacional e/ou histórico.

Em conformidade com o exposto, subscrevo o presente documento.

[REDACTED]
JACIRA CARVALHO DA SILVA BEZERRA

CPF: [REDACTED]

Delmiro Gouveia, 28 de junho, 2023.



PPGH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM HISTÓRIA - 1994



FAPEAL
FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA
DO ESTADO DE ALAGOAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**BOLSA DE FORMENTO: FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO
ESTADO DE ALAGOAS**

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

(ENTREVISTA)

Eu, ESTELAINE CRISOSTOMO DE JESUS, CPF [REDACTED],
autorizo para os devidos fins que o conteúdo, vídeo e áudio obtidos a partir da entrevista
concedida em 16/09/2022 com duração de 40 minutos, sejam utilizados pelos
pesquisadores(as) vinculados às instituições mencionadas ou sob sua supervisão com o
objetivo restrito de guarda, arquivamento, catalogação, análise, produção e divulgação de
conhecimento científico, educacional e/ou histórico.

Em conformidade com o exposto, subscrevo o presente documento.

[REDACTED]
ESTELAINE CRISOSTOMO DE JESUS

CPF: [REDACTED]

Delmiro Gouveia, 28 de junho, 2023.



PPGH

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM HISTÓRIA - 1986**FAPEAL**
FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA
DO ESTADO DE ALAGOAS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**BOLSA DE FORMENTO: FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO
ESTADO DE ALAGOAS**

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

(ENTREVISTA)

Eu, MARIA FABIANA DOS SANTOS ALVES, CPF [REDACTED], autorizo para os devidos fins que o conteúdo, vídeo e áudio obtidos a partir da entrevista concedida em 10/08/2022 com duração de 68 minutos, sejam utilizados pelos pesquisadores(as) vinculados às instituições mencionadas ou sob sua supervisão com o objetivo restrito de guarda, arquivamento, catalogação, análise, produção e divulgação de conhecimento científico, educacional e/ou histórico.

Em conformidade com o exposto, subscrevo o presente documento.

[REDACTED]
MARIA FABIANA DOS SANTOS ALVES

CPF: [REDACTED]

Delmiro Gouveia, 30 de Agosto, 2023.

ANEXO 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA

	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL) Programa de Pós-graduação em História (PPGH) Núcleo de Pesquisa, Extensão e Documentação do Sertão (NUPEDS) Grupo de Estudo e Pesquisa em História, Sociedade e Cultura (GEPHISC)
---	---

Roteiro de entrevista

Entrevistadora - Bom dia/noite (cumprimento)! Eu sou Maele Cavalcanti, mestranda em História pela UFAL, e para iniciar essa entrevista, conforme recomenda a metodologia da história oral e os protocolos de biossegurança em tempos de COVID-19, solicito que nos informe o seu nome e que autoriza a realização da presente entrevistas para fins de pesquisa acadêmica, pedagógica e cultural?

Entrevistada:

Entrevistadora - A partir da sua autorização e predisposição de contribuir com nossa pesquisa “xxxxx”, gostaríamos que falasse um pouco quem é xxx. ? onde nasceu? e quem eram os seus pais?

Entrevistada:

1. Entrevistadora - Nos fale um pouco de sua formação escolar e de suas preferências culturais (leituras, músicas...)

Entrevistada:

2. Em relação às suas atividades econômicas, como você se reconhece? (uma negociante, uma comerciante ou uma empresária ...)

Entrevistada:

 UFAL	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL) Programa de Pós-graduação em História (PPGH) Núcleo de Pesquisa, Extensão e Documentação do Sertão (NUPEDS) Grupo de Estudo e Pesquisa em História, Sociedade e Cultura (GEPHISC)
--	---

3. Nos fale como surgiu o interesse pelos (negócios/comércio/empresas)?

Entrevistada:

4. Esse interesse teve alguma motivação familiar, econômica ou situação inesperada?

Entrevistada:

5. Fale um pouco de quando teve início sua atividade enquanto XXXXX?(negociante, comerciante, empresária ...)

Entrevistada:

6. Você tem alguma foto, documento ou lembrança dessa época?

Entrevistada:

7. Nos fale um pouco nesses xx anos de sua caminhada enquanto (XXXXXX negociante, comerciante, empresária ...)? Quais foram os maiores desafios?

Entrevistada:

8. Nesses xx anos quais foram suas maiores conquistas enquanto (XXXXXX negociante, comerciante, empresária ...)?

Entrevistada:

	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL) Programa de Pós-graduação em História (PPGH) Núcleo de Pesquisa, Extensão e Documentação do Sertão (NUPEDS) Grupo de Estudo e Pesquisa em História, Sociedade e Cultura (GEPHISC)
---	--

9. Como era a região do Sertão, de Delmiro Gouveia, no início de sua carreira enquanto (XXXXX negociante, comerciante, empresária ...)?

Entrevistada:

10. Como é ser uma XXXXX (negociante, comerciante, empresária ...) hoje, atualmente, na segunda década do século XXI, na região do Sertão, de Delmiro Gouveia?

Entrevistada:

11. Na sua avaliação como as XXXXX (negociante, comerciante, empresária ...) são vistas pela sociedade atualmente?

Entrevistada:

12. Mudou algo nesses xx anos de atividade econômica em relação às mulheres empresárias?

Entrevistada:

13. Como os poderes públicos e os órgãos de classe (Prefeitura, CDL, Sebrae ...) tratam as sertanejas de negócio? É o mesmo tratamento aplicado aos empresários?

Entrevistada:

 UFAL	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL) Programa de Pós-graduação em História (PPGH) Núcleo de Pesquisa, Extensão e Documentação do Sertão (NUPEDS) Grupo de Estudo e Pesquisa em História, Sociedade e Cultura (GEPHISC)
--	---

14. Nos fale como foi manter as suas atividades como XXXXX (negociante, comerciante, empresária ...) sertaneja durante o atual período de pandemia do COVID, iniciada em 2019 e que se estende até os dias atuais?

Entrevistada:

15. Como as mulheres empresárias/comerciantes e/ou de negócio são vistas pela sociedade no Sertão de Alagoas, em particular em Delmiro Gouveia?

Entrevistada:

16. Que espaços sociais, políticos e econômicos as mulheres empresárias/comerciantes e/ou de negócio ocupam no Sertão de Alagoas, em particular em Delmiro Gouveia?

Entrevistada:

17. Enquanto sertaneja, empresária, negociante e/ou comerciante que mensagem gostaria de deixar destacada sob sua trajetória pessoal para o universo das mulheres que desafiam os limites da economia, da sociedade e da política?

Entrevistada:

18. Você se reconhece enquanto uma mulher feminista?